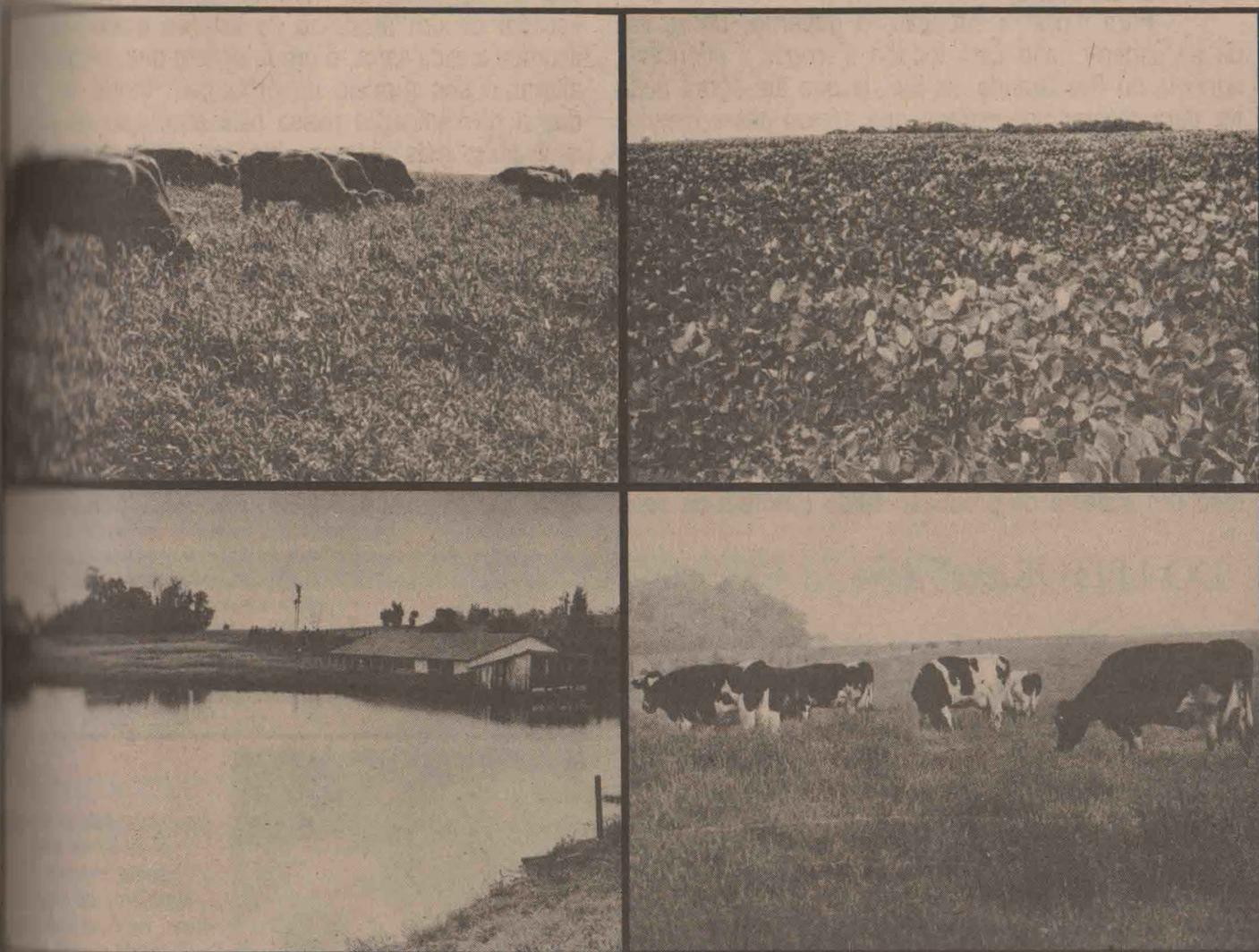


ALTERNATIVAS DE PRODUÇÃO



Escala mínima de produção é a proposta lançada pela Cotrijuí no seminário sobre Alternativas de Produção. A discussão iniciada no dia 2 de maio contou com a presença de representantes eleitos, conselheiros e técnicos da Cooperativa e tem como objetivo a alteração do sistema produtivo da região

— 4, 5 e 6

NOVO RUMO PARA A DIVERSIFICAÇÃO

SECA

A pior safra da soja

A seca que frustrou a safra de verão entrou para a história como a pior devastação da agricultura gaúcha. Na região da Cotrijuí a seca levou embora 353 mil 664 toneladas de soja — Centrais

INVERNO

Lavoura complicada

De bolsos vazios e sem custeio, o produtor vai reduzir a área de trigo de forma significativa. Em compensação, a aveia e outras culturas recomendadas podem preencher o espaço deixado pelo trigo, contando para isso com variedades de boa qualidade como a aveia CTC 1 — Pioneira, recente lançamento da Cotrijuí — 6 e 7



Aveia: variedade nova e resistente

COOPERATIVA REGIONAL TRITÍCOLA SERRANA LTDA.



Ijuí — Rua das Chácaras, 1513, Cx. Postal 11
Ijuí/RS - Fone: PABX (055) 332-2400
Telex: 0552199 - Fax: (055) 332-5161
CGC ICM 065/0007700
Inscr. INCRA nº 248/73
CGC MF 90.726.506/0001-75

Porto Alegre - Av. Júlio de Castilhos, 342
CEP 90030 - Fone (0512) 28-3155 -
Telex 511433 CTXT

Rio Grande - Terminal Graneleiro - 4ª Seção da Barra - CEP 96200 - Fone (0432) 32-1122
Telex 532173 CRTS

Dom Pedrito - BR-293 - Km 237 - CEP 96450
Fone (0532) 43-1002 - Telex 532362 CRTS

SUBSIDIÁRIAS

— Cotriexport Cia. de Comércio Internacional
Av. Júlio de Castilhos, 342 - Porto Alegre - RS
- CEP 90030 - Fone (0512) 28-3155
Telex 511433 CTXT

— Cotriexport Corretora de Seguros Ltda.
Av. Júlio de Castilhos, 342 - Porto Alegre - RS
- CEP 90030 - Fone (0512) 21-0809
Telex 511433 CTXT

— Cotridata - Processamento de Dados Ltda.
Rua José Hickenbick, 66 - Ijuí - RS - CEP 98700
Fone (055) 332-1999 - Telex 553726 CRTS

— Transcooper - Serviços de Transportes Ltda.
Rua das Chácaras, 1513 - Ijuí - RS - CEP 98700
Fone (055) 332-3065 - Telex 552212 TSCO
Dourados - (MS) - BR-463 - Km 4 -
Fone (067) 421-3815 - Telex 674102 TSCO

— IRFA - Instituto Riograndense de Febre Aftosa Ltda.
Av. Júlio de Castilhos, 342 - Porto Alegre - RS
CEP 90030 - Fone (055) 332-2690 - Ijuí - RS
— SOPROSUL - Ind. e Comércio de Plásticos Ltda.

Rua Padre Diogo Feijó, 37 - Bairro Navegantes -
Porto Alegre - RS - CEP 90240
Fone (0512) 43-71-19

ADMINISTRAÇÃO DIRETORIA EXECUTIVA
Presidente

Ruben Ilgenfritz da Silva
Vice-presidente

Euclides Casagrande
Superintendente/Pioneira

Celso Bolívar Sperotto
Superintendente/Dom Pedrito

Abu Souto Bicca

Conselho de Administração (Efetivos)

João Santos da Luz, Irani dos Santos Amaral, Rubens M. Bressan, Jorge Alberto Sperotto, José Rieth de Oliveira, Floriano Breitembach, Waldir Domingos Zardin, Erno Schneider, Juarez Padilha, José Dalísio Marchese e Antônio Carlos Nunes Campos.

Suplentes:

Enor Carmiel, Arlindo Valk, Luiz Fernando Löw, Ézio Barzotto, João Pedro Lorenzon, Hélio Weber, Dair Fischer, Leocir Wadas, José Moacir da Conceição, Ari Göergen e Florício Barreto.

Conselho Fiscal (Efetivos)

Otaliz de Vargas Montardo, Amário Becker e Ingbert Döwich.

Suplentes

Elbio Gorostide Galarza, Rudi Bönmann e José Ataídes Conceição.

LOJAS COTRIJUI

Regional Pioneira. 26

Dom Pedrito. 3

Total. 29

CAPACIDADE DE ARMAZENAGEM

Regional Pioneira..... 585.800 t

Rio Grande..... 220.000 t

Dom Pedrito..... 91.000 t

Total..... 896.800 t

Órgão de circulação dirigida ao quadro social, autoridades, universidades e técnicos do setor, no país e exterior.

COTRIJORNAL

Associado da ABERJE

REDAÇÃO

Dária C. L. de Brum Lucchese, editora; Carmem Pejane Pereira; Raul Quevedo, Porto Alegre; e Lucilene Zafalon, Rio Grande

REVISOR

Sérgio Corrêa

— Impressão em Off-Set rotativa Solna, na "A Tribuna Regional", Santo Ângelo/RS.

A seca que se abateu sobre a safra de verão, e em especial sobre a cultura da soja entrou para a história da agricultura gaúcha como a pior devastação dos últimos quarenta anos. A produtividade da oleagionosa na região Pioneira da Cotrijuí nunca foi tão baixa — 650 quilos por hectare segundo as estimativas finais, encolhendo a produção em quase 354 mil toneladas. O milho também ficou na poeira e sumiu dos galpões da região. As dívidas geradas pela seca são retumbantes e não deixam dúvidas de que a torneira da agricultura secou.

Para piorar a situação, o governo, como era de se esperar, não está tocado a irrigar a economia agrícola do Rio Grande do Sul, já que até agora nada fez para reparar um estrago que iniciou antes mesmo da estiagem, pela falta de tecnologia necessária à lavoura. Os prejuízos históricos da seca, na Cotrijuí e no Estado estão nas páginas centrais.

Com este quadro final deixado pela frustração da safra de verão, o que resta ao produtor? Especialmente quando ele tem pela frente toda uma safra de inverno que só não é mais complicada que a de verão, porque se espera que, pelo menos São Pedro não vire as costas. Pela parte da Cotrijuí essa é a hora de arregañar as mangas ao máximo, de forma a alterar todo um sistema de produção falido que tem na seca

apenas um drástico agravante. Proposta em meio a frustração de trigo ocorrida em 1972, o velho projeto de diversificação, permanentemente estimulado pela Cooperativa, adquire, a partir de agora, um novo dimensionamento, como bem enfatizou o seminário sobre alternativas de Produção realizado no dia dois de maio em Ijuí. O modelo trigo-soja e as médias de produção obtidas na maioria das propriedades não contemplam mais a realidade econômica explicitamente reconhecida e configurada especialmente pelo fim do crédito, pela alta concorrência do mercado agrícola mundial e pelo escapar de um processo de seleção gradativo que acentua a cada safra, o produtor tem que, seguramente, alterar o seu modelo de produção, tendo em mente que a diversificação passa pela produção de algumas atividades, mas todas muito bem gerenciadas. E por isso, a Cotrijuí apresenta inclusive uma proposta de verticalização da produção, através da escala mínima de produção, onde o produtor, considerando suas condições individuais se insere em uma das integrações previstas pelo programa. O assunto é urgente e apenas começou, devendo a partir desse seminário ser levado a todos os associados atuantes da Cooperativa, através de reuniões e dias de campo que já começam a ser programadas. As explanações do seminário, as estratégias de gerenciamento e a proposta de escala mínima estão nas páginas 4, 5 e 6.

DO LEITOR.

Proagro: nova realidade

Manoel Luzardo de Almeida

Volto a comentar esta importante matéria, exatamente numa hora em que o nosso produtor rural enfrenta seriíssimos problemas, provocados por prolongada estiagem, com perdas substanciais de safras, endividado com bancos e ainda na dependência de liberação de recursos do crédito rural já para as próximas safras.

Exatamente esse é o quadro para o segmento da agropecuária riograndense, cuja atividade é a grande responsável pela produção de alimentos para o país, e, por outro lado, tem parcela altamente representativa na formação de divisas na Balança Comercial Brasileira.

O Proagro é, a rigor, um Programa de Garantia para a atividade de agropecuária, instituído pela lei nº 5969, de 11.12.1973.

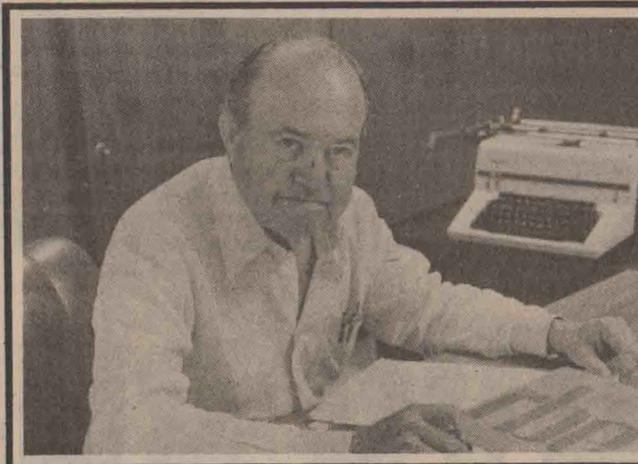
Ao longo de mais de 15 anos de experiência, já deveria se ter transformado, em realidade, em verdadeiro seguro rural, em toda a sua abrangência como ocorre nos demais países, onde a agricultura assume o lugar que merece.

Os riscos dessa atividade econômica, por demais conhecidos, são, em grande número ainda incontrolláveis, e quando isso não acontece, os elevados custos os tornam anti-econômicos.

De outra parte, continuamos afirmando, esse Programa ainda é um grande desconhecido, e para tanto remetemos o nosso leitor para um longo artigo publicado na revista da Farsul, setembro/outubro/84, sob o título: Proagro, um grande desconhecido.

De lá até agora, enfrentando ainda tantos contratemplos, embora já modificado, quer para tornar-se mais abrangente quanto ao número de riscos a serem cobertos, quer no que se relaciona às garantias de cobertura.

O limite inicialmente estipula-



Enquanto outras nações já de longa data solucionaram o problema do seguro rural, no Brasil continua sendo objeto de discussão, ou, quando muito, matéria de alguns projetos de Lei nas Casas Legislativas

do em 80 por cento do valor financiado pelo agente, passou para 100 por cento.

Os recursos próprios aplicados pelo produtor rural na sua atividade passaram a ter cobertura pelo Proagro, o que não acontecia.

Mas, ainda cabe ressaltar que há muito o que avançar em matéria de seguro rural neste país.

Enquanto outras nações já de longa data solucionaram o problema do seguro rural, no Brasil continua sendo objeto de discussão, ou, quando muito, matéria de alguns Projetos de Lei nas Casas Legislativas.

Mais ainda, os problemas da agropecuária são encarados com tanta seriedade, que diversos países não se limitam a ter um seguro rural para indenizar os prejuízos dos seus produtores, vão muito mais longe, destinam elevados recursos e os destinam ao setor sob a forma de subsídios, como ocorre nos Estados Unidos, no Mercado Comum Europeu (12 países) e nesse rol de nações preocupadas com uma atividade que produz o alimento para as suas populações, está também o Japão, para chegarmos a outros continentes.

Contudo, neste final de comemoração, não poderia deixar também de aproveitar a oportunidade para lembrar que o Ministério da Agricultura e da Reforma Agrária, na sua gestão, se volta com interesse para aparelhar o Proagro, e agora deliberadamente prevendo os recursos para o ano de 1991.

De outra parte, também ocorreu a iniciativa da descentralização do sistema de julgamento daqueles recursos que são submetidos à Comissão Especial de Recursos, sediada em Brasília, introduzindo-se as Turmas de Julgamento Regional, como deve ocorrer também aqui no Rio Grande do Sul, programada para breve.

Por tratar-se de matéria de tanta forma ainda complexa, exigindo orientação e esclarecimentos, convém quando oportuno, que todas as nossas Associações de Classes, o próprio tema de cooperativas, promovendo encontros, com o objetivo de elucidar diversos aspectos do Programa, em benefício do nosso produtor rural.

Manoel Luzardo de Almeida
Assessor Econômico da FARSUL

Zawatski na Ocergs

A modernidade do sistema cooperativista do Rio Grande do Sul é a bandeira desfraldada pela nova diretoria da Ocergs, a ser eleita no dia 10 de maio, e que tem como cabeça de chapa o presidente da Cooperativa Tríticola Três de Maio, Hélio Zawatski. Ele pretende, na prática dedicar-se a uma integração eficaz do sistema, pois sente que até aqui "tem algumas pessoas puxando cada qual para seu lado".



Hélio Zawatski

Essa modernidade, enfatizou, deve começar pela revalorização da Ocergs como entidade maior do sistema no Estado, sem no entanto, despersonalizar os diversos segmentos em que é formado o cooperativismo, em especial as federações, que devem manter suas melhores características. Faz parte da integração tarefas práticas, como uma central de compras e também uma negociação séria e com regras bem definidas entre Ocergs e Fecocergs, visando a formação de uma parceria que possa solucionar os problemas que cada segmento enfrenta. Zawatski tem como companheiros de chapa o cooperativista Antonio Cigana (Capaçava do Sul) e Ely Liska (Porto Alegre), na primeira e segunda vice-presidência.

Mudanças internas

A renovação do poder na Cotrijuí instalada com as eleições dos dias 14 e 15 de março traz algumas modificações na estrutura administrativa. A nível geral foram definidas as seguintes áreas de apoio à direção eleita:

- * Secretaria Geral - Gustavo Arno Drews
- * Assessoria e Comunicação/Relações Públicas/Cotrijornal - Valmir Beck da Rosa
- * Auditoria Interna - Guido Carlos Deutschmann
- * Assessoria de Projetos e Planejamento - Robin Bahr
- * Gerência Administrativa - Carlos Gilberto Krause
- * Gerência de Comercialização e Industrial - Nelvir José Zardin
- * Gerência de Recursos Humanos - Osmar da Silva
- * Gerência Agrotécnica - Léo José Goi
- * Gerência Financeira - Julio Feil
- * Gerência de Compras e Abastecimento - Valdemar Helwein
- * Gerência de Operações - Heinz Jurgen Dreyer

Nas unidades receptoras, a estrutura gerencial permanece a mesma.

Augusto Pestana tem agência do BB

Uma conquista da comunidade que reivindicava uma agência do Banco do Brasil há mais de dez anos. Dessa forma o prefeito de Augusto Pestana, Darci Sallet se referiu a transformação do antigo posto avançado do Banco que no dia 19 passou a operar como agência, tendo como gerente Ademir Verزارo. Na inauguração, o prefeito fez um apelo à comunidade para que mantivesse seu apoio ao crescimento da instituição bancária, lembrando, ao mesmo tempo, que o prazo de confirmação da agência

deveria se estender durante todo o ano de 1992 e não no término de 1991. O vice-presidente da Cotrijuí, Euclides Casagrande, parabenizou a população pela conquista, destacando também o momento de crise por que passa a agricultura, e a necessidade de recursos para que o produtor continue produzindo. A cerimônia contou ainda com a presença do gerente da agência do Banco do Brasil de Ijuí Dorildo Bergner, representantes do Legislativo Municipal, da Justiça, entre outros.

Pesquisa sobre Ijuí

Ijuí está sendo motivo de uma pesquisa dirigida pelo Centro de Pesquisas Latino-americanas do Instituto Geográfico da Universidade de Tübingen, na Alemanha, através do projeto "As cidades médias brasileiras e o seu papel para o desenvolvimento regional". Este tipo de trabalho, enfocando aspectos sócio-econômicos do Brasil, vem sendo realizado pelo Instituto Geográfico da Universidade de Tübingen já há 20 anos. Mas não é só Ijuí a cidade a ser trabalhada dentro do projeto. Outras seis cidades brasileiras - Caruaru, Pernambuco; Ilhéus/Itabuna na Bahia; Montes Claros, em Minas Gerais; Piracicaba, São Paulo; Blumenau, Santa Catarina e Ji-Paraná, em Rondônia também estão sendo avaliadas pelo Instituto Alemão, num convênio com a Universidade do Rio de Janeiro.

O objetivo do projeto em andamento desde 1990, é o de mostrar as diferentes funções que as cidades de porte médio podem exercer no desenvolvimento de uma determinada região. O trabalho de pesquisa na região vem sendo coordenado pelo professor de geografia Wolf Dietrich Sahr. Diz que Ijuí é uma cidade média centralizadora "e que em decorrência de uma significativa mudança es-



O professor Wolf Sahr Cotrijuí, o sistema cooperativista praticado na região

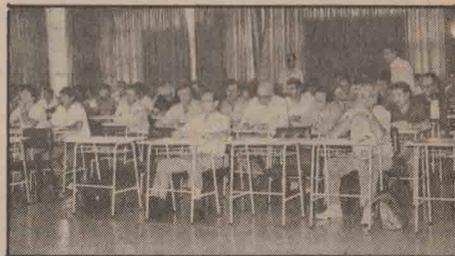
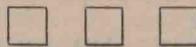
trutural no seu sistema agrícola puxado pela mecanização e o cooperativismo, sofreu uma grande transformação nas últimas décadas".

VÁRIOS ASPECTOS - Em Ijuí, assim como nas demais cidades pesquisadas, o professor Wolf pretende examinar o desenvolvimento econômico, social e histórico do município, avaliando suas diferenciações internas e a interdependência de funções no contexto regional.

Ijuí foi escolhida, segundo Wolf Sahr, por representar uma cidade que vem apresentando uma modernização muito grande. Outra razão apontada pelo professor é a própria existência da Cotrijuí, "uma cooperativa que tem contribuído significativamente para o desenvolvimento regional" e também a Universidade de Ijuí. "A cidade de Ijuí é um polo intermediário, criando ligações em toda a região", observa o professor lembrando que o resultado das pesquisas será publicado em português, alemão e inglês.

Curtas

SARGS - Reestruturação da Secretaria de Agricultura e Abastecimento a fim de evitar superposições e paralelismos no órgão estadual é um dos pedidos feitos pela Sociedade de Agronomia do Rio Grande do Sul, Sargs, através de um documento entregue ao secretário Aldo Pinto, no dia 11 de abril. Além disso, a Sargs, pede a implantação de uma política de recursos humanos, ampla e abrangente. Quer ainda que a Secretaria passe a coordenar o programa estadual de agropecuária, elabore uma política agrícola ouvindo os conselhos estaduais e regionais de desenvolvimento agropecuário, implante um Conselho Estadual de Agricultura e crie também conselhos regionais para adoção de critérios técnicos. Por fim, a Sociedade destaca a necessidade de uma estrutura própria para tratar dos aspectos que envolvem a questão agrária. Esse organismo deve ser aparelhado adequadamente, tanto no que diz respeito aos aspectos operacionais e econômicos, quanto a recursos humanos", diz o documento da Sargs.



Assembléia Reforma estatutária e trigo

FECOTRIGO - A Federação das Cooperativas de Trigo e Soja do Rio Grande do Sul realizou no dia 08 de março em Cruz Alta a sua Assembléia Geral Ordinária. Além da discussão e aprovação do balanço referente ao exercício anterior, os representantes das cooperativas singulares associadas elegeram o novo Conselho Fiscal e aprovaram as reformas estatutárias introduzidas no Estatuto Social da Federação. Em pauta, na discussão dos assuntos gerais, o problema trigo e uma avaliação dos prejuízos causados pela seca nas lavouras de soja e milho do Estado. A Assembléia foi dirigida por Odacir Klein, presidente da Federação e por Rui Polidoro Pinto, vice-presidente. Ainda presentes na Assembléia Airton Kanitz, presidente da Funcoop e Adelar Cunha, presidente da Ocergs.



COCECRER - Apesar da extinção do BNCC, quando da edição do Plano Collor I, as cooperativas de crédito do Rio Grande do Sul têm conseguido um desempenho significativo para os cada vez mais bicudos dias de hoje. Pelo balanço do Sistema Integrado de Crédito Rural Cooperativo do Estado (Sicredi), divulgado recentemente, as cooperativas atingiram um patrimônio líquido de um bilhão 486 milhões de cruzeiros. O balanço demonstra ainda que, nos últimos três anos, os depósitos aumentaram 63,94 por cento, os empréstimos 7,6 por cento, enquanto a rentabilidade sobre o patrimônio líquido foi de 25,26 por cento.

AGROINDÚSTRIA perspectivas



Euclides Casagrande Avaliações finais do projeto

No último dia dois de maio, o presidente em exercício da Cotrijuí, Euclides Casagrande e o assessor de Projetos e Planejamentos, Robin Bahr estiveram reunidos com a diretoria do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES), em Janeiro, onde foram feitas algumas discussões sobre o projeto agroindústria da Cooperativa encarregado daquele órgão, o qual deve começar com 50 por cento dos recur-

sos orçados em 10 milhões de dólares. O projeto de agroindústria da Cotrijuí tem parecer técnico aprovado pelo banco e deve começar a ser executado nos próximos meses. Projeto para a industrialização de aveia, milho, arroz, trigo e outros produtos produzidos na região, a sua implantação tem uma importância fundamental, na medida que amplia o projeto de verticalização desenvolvido na Cotrijuí.

Democracia e eficiência

Democracia e eficiência são duas palavras que não podem estar dissociadas dos projetos que se dão ao cooperativismo em geral. É o que aponta, em resumo, um esmiuçado trabalho realizado pelo educador Hélio Marchioro, ex-presidente da Cesma - Cooperativa dos Estudantes de Santa Catarina, que acabou de realizar mestrado em Sociologia Política na Universidade Federal de Santa Catarina.

O trabalho de Marchioro foi desenvolvido com 20 comunicadores de cooperativas do Estado, que estiveram reunidos no dia três de abril em Ijuí, onde também se tratou do calendário de trabalho do setor para o ano de 91.

PLAÇAÇÃO - Baseado especificamente na experiência da Cooperativa Júlio Castilhos, a Cotrijuí, o estudo de Marchioro, mostra as mudanças ocorridas na comunidade em que a instituição atua, na medida em que ela própria se recicla, tomando por prioridade uma nova estrutura administrativa baseada na participação efetiva dos associados e funcionários.

Com o nome de "A cooperativa como instrumento de mudança: o caso da Cotrijuí", o trabalho resgatou a trajetória iniciada a partir de 78, quando a Cotrijuí "se encontrava em uma situação de crise limite. Ao invés de recorrer a saídas financeiras, a Cotrijuí, a qual Hélio participou como assessor, procurou desenvolver um trabalho intensivo de discussão e de instalação de um sistema de representatividade e também de administração com participação dos associados. O resultado, segundo Marchioro, foi o saneamento com a participação de todos os grupos de interesse da Cotrijuí, com também a reestruturação, por consequência, de entidades como sindicatos, igrejas e clubes da comunidade.

Para escapar da crise

A alteração do sistema produtivo da região vai ser decisivo para a permanência do agricultor na sua propriedade e também para as cooperativas. Esse, em resumo foi o assunto tratado no encontro no dia dois de maio, em Ijuí. A escala mínima foi proposta pelo departamento agrotécnico e o mercado da soja apresentado pelo analista Argemiro Luís Brum

"Coragem, tecnologia e trabalho". Essas palavras muito bem apresentadas pelo gerente agrotécnico da Cotrijuí Pioneira, Leo Góí, resume em parte os objetivos propostos pelo primeiro encontro sobre Alternativas de Produção realizado pela Cooperativa no dia dois de maio, na Afucotri de Ijuí, na presença de representantes, conselheiros, técnicos e autoridades da região. O encontro contou com a participação do superintendente da Cotrijuí, Celso Sperotto, do presidente em exercício da Fecotri, dos pesquisadores do CTC, João Miguel de Souza e Luiz Volney Viau e do especialista de mercado Argemiro Brum, servindo como ponto de partida para uma reestruturação urgente do modelo de produção atual que vem sendo desenvolvido nas propriedades da região.

As premissas destacadas por Leo Góí foram de início justificadas pelo superintendente Celso Sperotto e que ao lembrar o difícil momento por que passa a agricultura local, agravada pela estiagem histórica que passamos, disse ser agora o melhor momento para colocar em prática tudo o que a Cooperativa tem feito através da pesquisa e da tecnologia aplicada. "Os recursos são pequenos, mas temos que ter criatividade para construir alternativas de produção", enfatizou o superintendente.



Alternativas
Representantes, conselheiros e técnicos no seminário

Ao resgatar um pouco da história da modernização da agricultura na região, o gerente agrotécnico Leo Góí foi enfático ao apresentar as razões para a implantação imediata de alternativas de produção, uma expressão que, de certo modo não parece nova, mas que hoje ganha uma definição econômica, no sentido exato do termo de trabalhar sobre a escassez, buscando a maior eficiência possível.

Leo Góí recordou também que o primeiro passo para a diversificação ocorreu num momento difícil, em meio a frustração da safra de trigo de 1972 e citou a criação do CTC, em 1976, como centro de difusão das alternativas apregoadas.

"Chegamos à década de 90, sem o crédito e muito menos sem os subsídios que existiram em certas épocas", disse Leo Góí, o que significa em outras palavras, "ao fim da monocultura e o estrangulamento do modelo tri-

go-soja, sem que, no entanto, estas culturas se extingam das lavouras". Esta constatação determina sim, a obrigação de se aumentar a produtividade de ambos os grãos, diminuindo as suas áreas e cedendo espaço a outras atividades, igualmente com produtividades, explicou o agrônomo.

É preciso estar muito bem informado dessa transformação, que tem na diversificação a via de estabilidade, através de um outro modelo de propriedade, onde o grão passa a ter uma importância ainda maior. Essa alteração do perfil pregada pelo gerente agrotécnico depende de três pontos básicos, coragem para enfrentar o momento, "que é muito difícil", tecnologia, já que é preciso fazer um pouco de tudo mas bem feito e ainda muito trabalho.

O momento é difícil, sim, afirmou Leo Góí, mas por isso mesmo precisamos alterar a situação. A safra



Celso Sperotto e Leo Góí
Coragem para mudar

de inverno e sua significativa redução da área de trigo é um bom exemplo de que a resposta pode ser dada pela ocupação da terra com culturas alternativas e de real importância para as atividades agropecuárias. A estrutura montada para a produção de ser bem aproveitada, reforçada em Goi, relacionando esta necessidade ao baixo poder de troca dos produtos agrícolas, em que a aquisição de tratador médio nos dias de hoje se equivale a dois mil e 800 quilos de soja. **URGÊNCIA** - A alteração no modelo de produção também precisa ser rápida, disse o agrônomo, justamente ainda a este processo os programas de recuperação de solo e a verticalização das atividades diversificadas. Fazendo algumas atividades, mas não feitas, se chega à produtividade esperada, conclui Leo Góí, reconhecendo os avanços que já foram conseguidos ao longo dos anos em que a proposta de diversificação começou a ser seguida pela Cooperativa. A receita de leite e suínos serve como exemplo de brinde atualmente 60 por cento do rendimento da soja, depois da frutificação. Em seguida à explanação de Leo Góí, os participantes ouviram as postas técnicas da pesquisa que dizem respeito a gerenciamento da atividade e de escala mínima de produção.

TRIGO

Produção nacional à deriva

"Em razão do grande volume de troca-troca, as cooperativas estão a descoberto e muitas correm riscos para continuarem mantendo suas atividades", afirmou Rui Polidoro Pinto, presidente em exercício da Fecotri, durante o seminário sobre Alternativas de Produção. Os recursos emergenciais que poderiam amenizar a situação, estão, como de resto, em total compasso de espera. O crédito de manutenção é a exceção, mas o volume disposto pelo banco e na forma como é distribuído ao agricultor, é uma verdadeira piada", ironizou Polidoro.

Do complicado cenário que se impõe a agricultura brasileira, o trigo também vive a pior política da sua história. Há poucos dias foram comercializadas as últimas parcelas do produto no Estado e isso porque está faltando trigo no Brasil Central", comentou o presidente da Fecotri, avaliando um atraso de comercialização que vem acontecendo desde a safra de 89 e que se misturou a mudança nas regras do jogo e aos poucos recursos para o plantio no ano passado.

Complicada é até uma palavra amena para qualificar a situação do trigo, pois segundo Polidoro, as consequências são graves. Desestímulo, preço baixo, aquisição em época inadequada, armazenagem problemática, transporte, etc. Tudo isso está presente nesta safra de inverno que vem acom-

panhada de VBCs e preço mínimo defasados, como bem provam os cálculos do grupo de Trigo e da Federação. "A revisão dos VBCs anunciada pelo governo não bate com os nossos custos e o que é pior, até agora nenhum recurso para o inverno deu sinal de vida". Para completar, as importações estabelecidas pelos acordos bilaterais entre Brasil e Argentina representam atualmente 120 milhões de dólares, uma soma que atenderia todas as exigências do Rio Grande do Sul.

Como saldo de toda esta história, a redução da área de trigo já é uma realidade a nível nacional. O estado do Paraná terá sua área de trigo reduzida em 30 por cento, percentual que deve se repetir no Rio Grande do Sul, e que significa, ao final dos últimos três anos, uma redução de um milhão de hectares, já que as estimativas para a lavoura gaúcha apontava apenas 500 mil hectares neste ano. No Mato Grosso do Sul a lavoura foi reduzida pela metade e ainda não chegou nenhum centavo para o trigo que já está nascendo", destacou Polidoro.

Mantida esta política, se é que pode ser chamada assim, a triticultura nacional estará aniquilada", advertiu o presidente da Fecotri, lembrando ainda que o trigo nacional é o mais barato a nível de consumidor. **DIÁLOGO DE SURDOS** - A incompreensão do governo no estabeleci-

mento de uma política agrícola não se restringe ao trigo, como bem lembrou Polidoro, ao citar o caso do milho, que devido a estiagem, já teve o seu preço mais do que duplicado. Por causa disso, os três estados do sul já colocaram nas mãos do governo federal, documento que propõe algumas alternativas para suprir a demanda da atividade animal. "Em Brasília, no entanto, o que ocorre é um diálogo de surdos", protestou. "A gente fala em custos e eles respondem com inflação".

"Temos que ser reconhecidos como quem produz 50 por cento do PIB", reclamou o presidente da Fecotri se referindo a "fantástica" taxa que incide sobre os produtos agrícolas no país. E por isso mesmo, reafirmou a necessidade de uma maior representação do setor em órgãos decisórios, como o Conselho de Importação do Trigo. Essa mesma participação é pregada para área de solos. "Nossos projetos não podem ficar na gaveta", disse, por fim, esperando a presença marcante do segmento no governo estadual, através dos Conselhos Regionais.



Rui Polidoro Pinto

Revisão longo dos custos

"A revisão dos VBCs e do preço mínimo do trigo não altera nada o quadro previsto para a safra de inverno". Assim reagiu o presidente da Fecotri Rui Polidoro Pinto e outras lideranças do setor no Estado, depois do anúncio do Conselho Monetário Nacional no dia três de maio adotando uma revisão nos valores do custeio do trigo, triticale e cevada.

A decisão do governo federal corrige o VBC do trigo em apenas 20 por cento, passando a faixa média (nível dois com produtividade) de Cr\$ 33,3 mil o hectare para Cr\$ 39.960,00 mil. Muito longe, portanto, dos Cr\$ 69.000,00 calculados pela Fecotri. O preço mínimo da cultura teve um reajuste de 15 por cento, passando de Cr\$ 27.888,70 toneladas para Cr\$ 32.072,00 a tonelada.

Em relação aos custos calculados pelo departamento agrotécnico da Cotrijuí, a defasagem dos VBCs anunciados não foge a regra. Já considerando o custo total do hectare atualizado para o mês de maio, o economista rural Luis Juliani aponta um aumento de 15 por cento, elevando o valor para Cr\$ 106.741,00, sendo os custos variáveis representados por Cr\$ 77.417,00.

Os valores de custeio andam tão baixos que o próprio Banco do Brasil resolveu adotar duas faixas novas. Um VBC de Cr\$ 40.000,00 o hectare para quem possui produtividade de 1.720 quilos a 2.100 quilos por hectare. E de Cr\$ 50.000,00 para quem alcança uma média acima de 2.100 quilos por hectare.

Melhor gerenciamento tecnológico

Na encruzilhada em que se encontra a agricultura regional, o produtor tem que implantar um gerenciamento dos recursos existentes na propriedade. caso queira continuar produzindo

Para encontrar alguém atualizado que não qualifique o "quadro da agricultura de difícil". O pesquisador Volney Vlau, do Centro de Treinamento da Cotrijuf, confirma isso durante sua palestra no encontro sobre Alternativas de Produção.

Estamos numa encruzilhada que o produtor a tomar uma decisão afirmou o agrônomo se valendo de pesquisas realizadas em todo o Brasil esta situação fica muito clara. Por outro lado, disse, se comprova a ausência de um colono que não vê futuro na agricultura, e de outro, pessoas com pouca esperança, alicerçada na organização e na produção da empresa agrícola, através de uma melhor divisão de trabalho e inclusive dando suporte a grandes complexos agroindustriais europeus e do Japão.

A dicotomia talvez sirva para deixar claro, em se tomando novas decisões, alguma coisa pode ser transmutada, e claro que para isso é preciso superar obstáculos, decididamente firmes, os quais só tendem a se superar, na visão do pesquisador. Mas mesmo o desafio, buscar alternativas para continuar produzindo, ressaltou Volney, apontando como primeira opção o reconhecimento de que a agricultura praticada até agora não pode continuar.

SUBSTITUIÇÃO — Para exemplificar a substituição do sistema de produção, Volney enumera as características da agricultura de ontem, no sentido figurado. Entre elas, a má utilização da terra, especialmente no inverno e a ociosidade da mão-de-obra na propriedade que chega a atingir no modelo trigo-soja cerca de 80 por cento. Além disso, a produção animal com médias ridículas em função da falta de programação alimentar, a má utilização do potencial genético das variedades. A erosão, que desde 1949 vem sendo combatida ainda não está afastada das lavouras, e ainda a deficiente utilização de fertilizantes e também a ausência de um maior treinamento a nível de gerenciamento da propriedade agrícola.

Uma primeira estratégia, pensa o pesquisador, seria a organização dos produtores em associações, em condomínios de produção e até nos sindicatos, de forma a buscar mais representatividade. Exemplo dessa estratégia são os 21 bilhões de dólares obtidos por Santa Catarina a partir de um programa de microbacias hidrográficas, junto ao Banco Interamericano de Desenvolvimento, o BID. E exemplos práticos ou táticos para essa organização também não faltam. Estão aí as Apsats, que mesmo não resolvendo os



Volney Vlau

Estratégias para alterar o sistema produtivo

problemas da suinocultura, contribuem para que o produtor melhore os seus índices de produtividade. Nesta estratégia de organização, encontra lugar também a interação dos diversos órgãos e instituições que participam das economias regionais, como prefeituras e cooperativas.

TECNOLOGIA AJUSTADA — Como segunda estratégia, Volney aponta o ajustamento de tecnologias que até agora estavam voltadas para a monocultura. É preciso dimensionar esta tecnologia para o todo da propriedade, diz o pesquisador, a fim de que alcance uma produtividade técnica e também da mão-de-obra, e deve vir sempre acompanhada de um custo em benefício dessa tecnologia. Como exemplo, Volney lembra a densidade adequada

do milho, que pode desencadear grande índice de produtividade para a cultura.

A diversificação propriamente dita também entra como estratégia, já que desde suas origens, vem apresentando resultados significativos, mas encontra, por outro lado, muitas dificuldades. É um processo trabalhoso e exige conhecimento", e por isso não pode ser feita de forma flutuante.

Aliado a diversificação, aparece também, e em especial na pequena produção, uma proposta de produção com caráter ecológico. A sua implantação, contudo, depende e muito da assimilação do consumidor. Aparece igualmente a agroindustrialização, uma proposta já consolidada pela Cotrijuf, e que comprovadamente pela pesquisa consegue manter os recursos gerados na própria região.

As bacias hidrográficas, por fim, que não têm conseguido avançar com maior rapidez por falta de uma resposta comunitária é uma antiga proposta envolve todo um programa de conservação do solo e especialmente uma interação dos setores da comunidade. Exige participação do Estado e representa um grande mecanismo para superar problemas econômicos. Pela cobertura do solo, são colocados constantemente inúmeras alternativas de culturas melhoradoras do solo. É bom lembrar o extensivo controle de doenças através da rotação de culturas e ainda a adubação verde com leguminosas, como forma de fixar nitrogênio no solo com custos muito pequenos.

Encerrando, Volney salientou a importância da pesquisa na formulação dessas estratégias e a sua aplicação pelos produtores. "A tecnologia nada mais é do que o gerenciamento dos recursos humanos e naturais existentes na propriedade e dos recursos financeiros que dispomos".

Escala mínima é a proposta

Especialização das atividades, sustentada por um forte sistema de diversificação, é a proposta do departamento agrotécnico para reestruturar o sistema produtivo da região

Junto com toda discussão que engloba as razões de se buscar e efetivar rapidamente as alternativas de produção, o encontro do dia dois de maio apresentou uma proposta prática, elaborada pelo pesquisador João Miguel de Souza e Rivaldo Dhein, em conjunto com o gerente agrotécnico Leo Goi. Baseada em escalas mínimas para as diversas atividades de produção, a proposta pretende reestruturar a diversificação, dimensionando-a em três tipos principais de integração: pecuária leiteira e suinocultura e grãos e produtos de bovinos e grãos. Partindo de uma área em aproximadamente 25 hectares, o projeto inclui para as três propriedades uma estrutura de apoio baseada pela produção comercial, produção de subsistência e por uma mata permanente (matas, hortas e frutas).

Lembrando que ainda deve ser considerado o extensivo grupo de produtores de hortigranjeiros existentes, João Miguel assinala que, a esse modo, essa é a melhor forma de caracterizar as potencialidades da

região. Ressalta também que, dependendo da estrutura individual, as três atividades podem ser desenvolvidas pelo produtor ao mesmo tempo.

Mas onde se pretende chegar com tudo isso? Antes de mais nada é preciso ter em mente que produzir em escala, significa como todos já devem saber, ter uma resposta econômica daquela determinada atividade, e para isso se pressupõe um planejamento gerencial. "É impossível falar em diversificação hoje em uma propriedade, com duas porcas ou com uma produção leiteira de 30 litros de leite", argumenta o pesquisador, explicando que somente a partir de uma produtividade compatível com os custos de produção é possível pensar em resultados financeiros, técnicos e em treinamento de mão-de-obra, familiar ou controlada.

COMPLEXIDADE — A proposta lançada pelo departamento agrotécnico da Cooperativa se apoia em questões já citadas anteriormente, como o difícil gerenciamento da produção agrícola. Isso porque, para a obtenção de uma renda satisfatória, as unidades de produção, entre várias estratégias, dependem do seu grau de articulação mantidos com o vasto complexo agroindustrial (a pesquisa, o sistema financeiro, a assistência técnica) e após (unidades de recebimento, beneficiamento, distribuição e marketing) à propriedade rural.

Ainda assim, continua João Miguel é importante observar que a agricultura mundial apresenta um crescimento de 2,4 por cento ao ano,

desde 1950, contra um crescimento populacional de 1,9 por cento. A causa desse crescimento, contudo, não é a expansão da área (0,5 por cento), mas sim a produtividade, na ordem de 2,5 por cento para a terra e os insumos e de 3,5 por cento para a mão-de-obra. Como exemplo, o pesquisador do CTC considera a agricultura norte-americana, no período pós 1960 até 1989, 53 por cento na terra, 57,1 nos insumos e 164,7 por cento para a mão-de-obra.

Este crescimento dos países desenvolvidos, tem uma relação direta com os sistemas educacionais, segundo João Miguel, mas também se deve a um treinamento constante e a especialização da produção, processos que somente acontecem numa propriedade quando as atividades apresentam escalas. Daí é que, para se ter ganho de produtividade em qualquer um dos fatores citados acima, se faz necessário verticalizar as atividades na propriedade. Isso requer, de acordo com João Miguel, uma mudança no sistema de produção e possibilita, em consequência, o estabelecimento da agroindústria competitiva na Cooperativa.

De forma alguma, esclarece o pesquisador, essa proposta de escala mínima significa o esgotamento da diversidade de produção. Ela se constitui no estabelecimento de padrões mínimos que possibilitem a reprodução econômica de todas as atividades agrícolas. Para se ter uma idéia melhor o João Miguel apresenta um exemplo em relação ao primeiro



João Miguel de Souza "É impossível diversificar com duas criadelas"

caso. Com uma propriedade de 25 hectares, o produtor de leite teria de ter no mínimo, 15 unidades animais leiteiras produzindo 100 litros de leite ao dia. Para conseguir isso, precisaria contar com uma área de pastagens no inverno e pastagens perenes no verão, além de silagem e o grão de trigo, soja e o milho para a ração. Tudo isso somaria de 16 a 18 hectares, destinados a produção comercial da propriedade. Ele teria de contar ainda com a produção de subsistência, através de, por exemplo, uma criação de suínos, para a qual necessitaria contar com um pouco de milho e forragens, assim como o arroz e o feijão. E com os suínos poderia produzir peixes ainda para a subsistência. Para não fugir das obrigações legais, e implementar o reflorestamento deveria contar com 20 por cento de matas e manter suas hortas caseiras que evitam a evasão de recursos da propriedade.

A atividade leiteira, junto com os grãos, seria a principal e passível de treinamento de mão-de-obra, de canalização de investimentos para a geração de produção de outras atividades em escala.

Argemiro Luis Brum
Estiagem
somente
segura
preço



ALTERNATIVAS DE PRODUÇÃO

Limites da soja

A Argentina deve colher nesta safra de soja mais de 11 milhões de toneladas, enquanto a Bolívia, embora com pouca produção, já aparece no mercado internacional como fornecedora da Comunidade Econômica Européia. Os dados são do analista de mercado Argemiro Luis Brum, representante do setor primário gaúcho na Europa, formado pela Cotrijuí, Fecotrijo, Unicoop, Unijul, Defesa e a Defer.

A colocação de Argemiro foi feita no encontro sobre Alternativas de Produção, que inclui uma série de palestras realizadas pelo especialista durante sua estada no Brasil nos meses de abril e maio. A ênfase dada por Argemiro em relação a produção Argentina serve para explicar os atuais preços da soja - variando de 5 a 6 dólares por Bushel -, já previstos por ele em vários artigos no Cotrijornal. É uma confirmação também da já anunciada reestruturação do mercado da oleaginosa que obriga o produtor a redimensionar suas atividades de produção, aumentando, fundamentalmente, os seus ganhos em produtividade.

Mercado para a soja existe lá fora mas somente a estes níveis, retificou Argemiro, após fazer uma exposição da história da oleaginosa no mundo, que em síntese proporcionou aos Estados Unidos exportar um modelo de ração baseado na soja e milho, a qual vem apresentando desgaste ao longo dos anos e o estabelecimento da CEE como principal consumidora de grão e farelo. Os desdobramentos desse quadro de mercado também já detalhados inúmeras vezes por Argemiro, foram reafirmados, onde o fator mais importante se dá pela estagnação da demanda européia e pelas potencialidades, ainda não comprovadas do mercado soviético.

Estes dois fatores principais explicam a fase presente do mercado da soja. Mas a ele se junta um outro fator considerado novo pelo analista, um mercado altamente concorrente, capaz de minimizar os efeitos de uma estiagem histórica como a ocorrida aqui no Estado. Os efeitos da seca somente seguraram o preço neste patamar, completou Argemiro, se referindo a necessidade da indústria nacional em recolher o máximo do produto existente para cumprir seus compromissos.

Mas se o momento presente se configura desta maneira, a única saída para o produtor brasileiro é se readequar a este mercado, procurando, fundamentalmente, produzir de maneira competitiva. Fora disso, e aí se falando em tendências de longo prazo, o mercado da soja somente poderá sofrer nova modificação, caso se confirmem algumas suspeitas.

Quatro dessas suspeitas estão ligadas às novas políticas agrícolas a serem implantadas pelos Estados Unidos e pelos países europeus que integram a CEE.

Um outro fator diz respeito à recuperação econômica da União Soviética, que poderia se efetivar como um grande comprador face às suas necessidades. Essa tendência, embora seja a mola do mercado atual, é perigosa. A crise daquele país não é para ser resolvida agora, visto a escassez de dinheiro a nível internacional. Por outro lado, uma perspectiva que sempre acompanhou as análises de Argemiro diz respeito ao mercado interno, um vasto potencial que infelizmente, não tem data certa para ser aproveitado. Diante disso, Argemiro reitera que é preciso deixar de lado o imediatismo, pois a sobrevivência do produtor nesse mercado de forma competitiva não é para apenas um ano, é para mais de 20 anos, finalizou o analista, que deve detalhar esse assunto na próxima edição do Cotrijornal.

INVERNO

A saída é plantar

Mesmo que os bolsos estejam vazios, as estimativas do plantio no inverno indicam que o produtor não se entrega. É bem verdade que o trigo deve sofrer uma redução drástica, mas muitos continuam apostando na cultura e para isso já contam com variedades de bom rendimento

Escaldados pela safra de trigo do ano passado, e nem bem saindo de uma amarga frustração da safra de verão, os produtores já começam a pensar na safra de inverno, inchados de tanta preocupação. Pode se dizer que em meio a incoerência por parte do governo ao anunciar o preço mínimo do trigo e ao fixar os VBCs, além da total indefinição na comercialização do produto, os produtores não estão com um pé atrás. Eles estão é com os dois.

Tanta cautela faz sentido e se reflete muito bem pelas estimativas de plantio que apontam, por enquanto, uma redução de 20 por cento no trigo. Mais do que nunca, hoje é preciso avaliar muito bem com que ocupar cada pedaço de terra, de forma a compensar tudo o que poderia ter sido ganho no verão e ainda como tirar proveito deste inverno, que promete ser um dos mais "secos" dos últimos anos. Para fazer isso, felizmente, não faltam opções, pois mesmo que área de trigo seja reduzida, o produtor, ao longo desses anos todos em que a triticultura nacional ganhou força e tecnologia na lavoura e sofreu os caprichos do governo, adquiriu consciência que de nenhuma maneira o solo pode ficar descoberto no inverno.

"O produtor, necessariamente, tem que dar continuidade à rotação de culturas, dedicando especial atenção não somente ao trigo, como também às outras culturas recomendadas como a aveia, colza, fava, cevada, ervilhaca, sincho e forrageiras em geral". A afirmação é do pesquisador do CTC Roberto Carbonera ao destacar algumas opções que a Cotrijuí coloca à disposição dos associados, de forma a proporcionar o uso racional da propriedade, seja através da utilização de espécies que possibilitem a produção de grãos, de pastagens ou ainda que visem basicamente a conservação do solo, por meio da sua incorporação ou ainda de sua inclusão na alimentação dos rebanhos.

MAIOR RESISTÊNCIA - Mesmo com a área reduzida, muita gente aposta firme no trigo e para esses a Cooperativa dispõe de variedades que passaram muito bem pela safra passada. São elas as variedades BR-34, RS-01 e Butuí, que saíram fortalecidas em 1990 depois de todas as adversidades climáticas que ocorreram, especialmente pela média superior obtida sobre a BR-32, fato que se comprovou no CTC e em todo o Estado.

É bom não esquecer, entretanto, que mesmo contando com variedades bastante resistentes, não basta somente jogar a semente na terra. O trigo, principalmente nos dias atuais, exige que se siga à risca as recomendações da pesquisa para se alcançar a qualidade estabelecida pela indústria. Entre essas recomendações, Carbonera destaca duas que merecem a atenção do produtor, a forma correta de realizar a rotação de culturas e a diversificação de cultivares. "Plantar uma única variedade é muito arriscado", adverte o agrônomo, salientando as mudanças constantes no comportamento das cultivares. Recomenda ainda o uso do adubo, o cumprimento da época ideal de plantio de cada uma das cultivares e os tratamentos com fungicida, que devem ser feitos

ESTIMATIVA DE PLANTIO DAS CULTURAS DE INVERNO — SAFRA 1991 — EM HECTARES

Unidade	Trigo	Aveia	Cevada	Colza	Alho	Sincho	Ervilhaca	Azevem	Preta		Cevada Forrageira	Triticale
									Centeio	Triticale		
T. Portela	8.500	500	20	50	10	30	300	500	3.000	—	—	30
Cel. Bicaco	9.000	2.000	100	100	10	—	100	1.000	10.000	—	100	—
A. Pastana	7.000	500	500	20	80	20	1.000	4.000	9.000	—	—	—
Sto Augusto	18.000	2.000	200	200	5	30	300	4.000	20.000	50	150	40
Jóia	7.000	1.000	200	100	12	20	300	10.000	15.000	—	—	—
Ajuricaba	8.000	2.000	200	30	7	80	500	8.000	14.000	—	50	100
Chiapetta	5.000	300	—	—	2	—	100	2.000	8.000	30	—	—
Ijul	20.000	6.000	300	100	40	20	200	1.000	25.000	100	—	100
R. Gonzales	4.000	500	—	—	5	10	70	1.000	2.500	—	—	—
Total/91	86.500	14.800	1.520	600	171	210	2.870	31.500	106.500	180	300	272
1.990	104.500	7.350	1.250	545	177	116	3.870	26.800	87.700	260	150	71
Variação %	(17,22)	101,36	21,60	10,09	(3,33)	81,03	(21,80)	17,54	21,44	(30,77)	100,00	283,10



Trigo

Redução perto dos 20 por cento, por enquanto

de acordo com a orientação técnica.

Visando reduzir o potencial de inóculo de organismos causadores de podridões radiculares e manchas foliares, a rotação sempre trouxe resultados benéficos, desde que seja feita de maneira adequada. Atualmente, por exemplo, a pesquisa recomenda a prática por dois ou mais anos (antes era três anos) para reduzir a incidência de doenças. A colza, o linho, as leguminosas junto com as aveias (especialmente a preta) são as culturas mais recomendadas para fazer a rotação com o trigo. A cevada como gramínea só vale como exceção, no caso de o produtor fazer um ano de rotação com culturas de folhas largas. Já as áreas com quatro ou mais invernos sem cultivo de cereais, é permitido fazer duas safras seguidas de trigo, entrando posteriormente em rotação, mas sob as seguintes condições: ter um rendimento superior a 1800 quilos por hectare, contar com controle de doenças da parte área e da semente e ter uma área com alta fertilidade.

TRIGO DE PROVETA - Mais dois outros lançamentos fazem parte da safra de 91, a BR-43 e a RS-Westphalen, destinadas este ano somente a um pequeno grupo de produtores de sementes, devido a sua pouca disponibilidade. A primeira, a menina dos olhos da Embrapa, é resultante da utilização da técnica de culturas de tecidos, processo inédito na pesquisa brasileira. Sem aristas, o trigo de proveta apresenta boa uniformidade, resistência ao acamamento, ciclo curto e altura média. Em três anos de pesquisa conseguiu obter um rendimento de 16 por cento maior do que a testemunha em todo o Estado. Na região, o seu rendimento foi de 20 por cento superior a BR-32.

Já a RS-Westphalen, lançada pelo Ipagro, também se destaca. A média do Estado, afirma Carbonera lembrando no entanto a sua pouca resistência ao acamamento. De ciclo curto, estatura alta, a variedade conseguiu chegar a um rendimento de 20 por cento maior do que a testemunha no Estado e seis por cento na região. **OUTRAS OPÇÕES** - Entre outras opções que anualmente a Cotrijuí coloca ao produtor, ganha destaque nesta safra, a cevada. É uma das boas opções para o inverno, pois que na produção de grão destinada à indústria ainda se encontra limitada por causa do seu alto teor de proteínas. "Por outro lado, este momento é altamente positivo, explica Carbonera, apontando a utilização da cevada forrageira. O seu alto teor protéico - 15 a 16 por cento - é bem recebido pelos rebanhos de gado leiteiro e ajuda a baixar os custos da ração, diz Carbonera lembrando os materiais que o CTC dispõe, os quais rendem mais de 200 quilos por hectare.

Do leque de opções de inverno Carbonera ainda chama atenção para a fava que serve como adubação verde, ração e até para alimentação humana. Dos últimos experimentos realizados pelo CTC, saiu uma variedade mais precisa para a semeadura, a ser feita com 50 centímetros entre linhas e utilizando-se de 14 a 16 plantas por metro linear. Com esse espaçamento, segundo o agrônomo se chegou a um rendimento de 2 mil e 500 quilos de matéria seca por hectare e a produção de 750 quilos de grão por hectare. Portanto, é considerado o peso de mil sementes, aponta-se a necessidade de 140 quilos de semente por hectare.

Preferência reafirmada

responsável para um sistema de produção baseado na melhoria do solo, através da rotação de culturas, a aveia ocupa o espaço perdido pelo trigo e ganha uma oportunidade para cultivar: a CTC 1-Pioneira, lançada recentemente pela Cotrijuí

A aveia deve cobrir cerca de 14 mil hectares de solo da região da Cotrijuí nesta safra de inverno. A extensão apontada pelas primeiras estimativas de plantio calculado pelo departamento agrotécnico da cooperativa não acontecem à toa. A confirmação de uma preferência por esta cultura ano a ano, pelas qualidades da cultura e pela grande disponibilidade de materiais cada vez mais baratos. A uma redução significativa do trigo, a aveia aparece em segundo lugar devido a sua contribuição para o melhoramento do solo, através da rotação de culturas ou ainda como caso das aveias brancas, como a última opção para a produção de grãos. Uma produção que se apóia em materiais como a CTC-1 Pioneira, lançada pela Cotrijuí na última Reunião da Comissão Sul-Brasileira da Aveia, e que apresenta rendimento de até mil 382 quilos de grãos por hectare.

A Cotrijuí dispõe hoje do melhor material genético do Sul do Brasil. Destaca o pesquisador Luis Volney Vian, responsável pela pesquisa de aveia no Centro de Treinamento da Cotrijuí. De acordo com o pesquisador, as cultivares de aveia que a cooperativa dispõe apresentam não só um alto rendimento como também qualidade do grão, que se compara por um peso do hectolitro que facilita sua comercialização como produto destinado a alimentação humana.

São aproximadamente quinze mil hectares de produção e pesquisa da aveia na região, avalia Volney, lembrando que os melhores cultivos na região feitos com materiais importados da Argentina, os quais possuíam um ph baixo em torno de 48 a 49. Atualmente, os novos materiais que vão sendo lançados pelo CTC, já alcançam

um ph de em média 57, com perspectivas de, em pouco tempo, atingirem um ph de 60, ressalta Volney, enfileirando junto com a CTC-1 Pioneira as outras variedades já recomendadas em anos anteriores, como a UFRGS-7, UFRGS-10, UGF-7 e a UPF-14.

CONTROLE DE DOENÇAS - Muito recomendada para as áreas que apre-

sentam a doença do trigo conhecida como "mal-do-pé", a aveia comprova neste setor a sua eficiência como controladora de doenças através da rotação de culturas. O lembrete feito pelo pesquisador do CTC serve para melhor orientar o produtor na hora em que ele vai destinar a área de semeadura da aveia. Serve também para reafirmar as qualidades de outras culturas que se assemelham a aveia. Uma delas, sem dúvida, é a colza, que se destaca por uma alta produção de massa verde e também pelo baixo custo de implantação da lavoura. Se

usada como cobertura do solo, são necessários apenas de 4 a 5 quilos de sementes por hectare.

Um outro produto que está sendo colocado ao lado da aveia neste inverno de crise é o trititica. Embora de pouca qualidade para ser destinado à comercialização, esse cereal substitue parcialmente o milho nas rações animais, sem provocar nenhuma perda econômica. O rendimento também é interessante, pois as variedades disponíveis ultrapassam três toneladas por hectare de rendimento.

Área menor, mas bem feita

Mesmo com a situação para lá de complicada, especialmente depois de ter passado por uma estiagem histórica, muito produtor não esmorece e continua na tentativa de contrariar todos os efeitos decorrentes de uma política agrícola dura e implacável. Em Tenente Portela, o produtor Darcy Schowanz, proprietário de 180 hectares na localidade de Gamelinhas, diz que vai reduzir a sua área de trigo em pelo menos 60 por cento da área que costumava plantar, uns 100 hectares. "Em função do preço e da comercialização que ninguém sabe como vai funcionar, vou reduzir o trigo e aumentar a área de milho do cedo e de aveia", explica o produtor.

O redimensionamento da lavoura também inclui a rotação de culturas, e por isso Darcy também vai destinar boa parte da área que seria ocupada pelo trigo não somente com aquelas culturas mas também para a ervilhaca.

Integrante do grupo de produtores de sementes de Tenente Portela, Darcy conta com uma terra bem corrigida, o que lhe tem a possibilidade colher médias boas no trigo. A falta de crédito e a subida drástica dos custos, no entanto, não permitem que o pro-

ductor arrisque fazer uma lavoura do tamanho normal neste ano. Reduzir a adubação é muito perigoso, afirma Darcy, lembrando da necessidade de se plantar cada vez mais com maior qualidade. "O jeito é fazer um pequeno pedaço mas bem feito", arremata, "pois quem está dentro da agricultura tem que continuar insistindo, aproveitar a estrutura, pelo menos até o momento em que ela tenha que ser repostá".

INDEFINIÇÃO - Em Santo Augusto, o produtor de sementes, Aquiles Tadielo Durlo, proprietário de 178 hectares em Rincão dos Stiebe, também fala em redução da área do trigo. Saindo de uma safra em que perdeu praticamente 70 por cento da soja, e que mal cobre os custos da lavoura, Aquiles diz que dos 70 hectares de trigo que vinha cultivando nos últimos anos somente vai fazer, no máximo, 30 hectares. "Mesmo que venha um financiamento, o custo acaba saindo dobrado", pensa o produtor, desestimulado. Por essa razão vai ampliar a área de aveia e ervilhaca, destinando grande parte para incorporação. Esse procedimento melhora o rendimento das outras culturas no fu-



Darcy Schowanz
Lavoura normal neste ano é risco



Aquiles Durlo
Plantar pouco, mas direitinho

turo, com a mesma adubação", justifica o produtor que possui quase toda a área terraceada e ainda vai fazer uns seis hectares de pastagens.

Cauteloso ao revelar o destino da sua lavoura neste inverno, Aquiles acha que o momento atual da agricultura só deixa o produtor na defensiva, "porque é difícil apontar qual a atividade que vai dar lucro". Para buscar a eficiência é preciso investir numa lavoura que não tem preço e pode ainda inviabilizar o plantio do verão", avalia o produtor, considerando por fim, que o agricultor acaba correndo, mesmo atrás da máquina. "Reduzir sim, mas plantar direitinho", recomenda.

LISTA DO ICMs

Denúncia inconseqüente

A Cotrijuí "não se considera, absolutamente, devedora do aludido reclamado pelo Estado". A afirmação é da direção da Cotrijuí em comunicado divulgado na imprensa capital, como resposta a uma denúncia inconseqüente feita pelo deputado João Augusto Nardes, do PDS, em 23 de abril, a respeito das dívidas das empresas devedoras do Estado. A lista apresentada pelo deputado foi obtida junto a Secretaria da Fazenda e coloca no primeiro rol, empresas inadimplentes e empresas que possuem débitos em negociação. Foi o caso da Cotrijuí que apareceu em quarto lugar por uma dívida de Cr\$ 1,1 bilhão de cruzeiros oriundos de exportação de farinha de soja em 1984.

Questão antiga já colocada a público pela Cotrijuí, o débito citado nesta listagem, encontra-se "sub judice", pois a Cooperativa contestou a cobrança a referida cobrança, e em dezembro de 1987 obteve ganho de causa na 4ª Vara da Fazenda Pública. O Estado recorreu da de-

cisão, tendo a Cooperativa, como manda a lei, oferecido bens em garantia em valores inclusive que ultrapassam o montante questionado. "Não há qualquer decisão definitiva do Poder Judiciário que autorize a conclusão de que a Cotrijuí é realmente devedora", diz o comunicado da direção. Prova de que a questão permanece em negociação na Justiça se dá pela publicação da ação no próprio balanço da Cooperativa publicado na edição de fevereiro do Cotrijournal.

INCOERÊNCIA - Para o vice-presidente da Cotrijuí, Euclides Casagrande, causa muita estranheza uma empresa que cumpre rigorosamente com seus impostos aparecer numa lista de sonegadores. Principalmente quando esta empresa se constitui na maior arrecadadora das regiões onde atua, salientou o vice-presidente ao apontar os Cr\$ 3.379.735,248 bilhões (valores corrigidos em janeiro de 91) gerados pela Cotrijuí através das suas regionais e suas subsidiárias. É uma incoerência alguém ser notificado como sonegador, quando ao longo de

BALANÇO EXERCÍCIO 1990	
<p>NOTA 09 - CONTINGÊNCIAS FISCAIS</p> <p>Permanece pendente de julgamento o crédito do ICM-RS referente à exportação de farelo de soja, ocorrido em 1984, no valor principal de Cr\$ 10.002,63, cujo decalho da 4ª Vara da Fazenda Pública em 15.12.87, foi favorável à esta Cooperativa, tendo o estado recorrido de tal decalho em Instância superior.</p>	<p>NOTA 10 - RESULTADO INFLACIONÁRIO</p> <p>Os efeitos inflacionários no exercício foram os seguintes:</p> <p>O saldo devedor de correção monetária do balanço foi reconhecido integralmente no resultado do exercício Cr\$ (29.874.515,95)</p> <p>Para cobertura dos encargos financeiros de administração geral e dos efeitos inflacionários foi realizado parte da Reserva de Sobras Inflacionárias Cr\$ 166.919.966,80</p> <p>TOTAL Cr\$ 136.945.470,81</p>

sua existência têm ocupado o posto de maior arrecadadora da sua região.

O ex-presidente da Cotrijuí, Oswaldo Meotti, que foi o negociador direto da questão no passado, também comenta a atitude do deputado pedesista, classificando-a de uma "leviandade". Pessoas que teriam um aparente compromisso com a realidade, procuraram o caminho da demagogia, tentando denegrir a imagem de uma empresa que trabalha para mais de 15 mil produtores rurais, disse o ex-presidente reafirmando a situação "sub judice" em que se encontra o referido valor. Destacou ainda, que a Cotrijuí nunca deixou de pagar nenhuma conta líquida e certa. De outro lado, administrando os bens que são do corpo associati-

vo não se pode pagar aquilo que não é devido.

A listagem apresentada por João Augusto Nardes provocou comentários por parte de seus colegas de sigla, como Wilson Mânica. Em pronunciamento na Assembléia Legislativa, enfatizou a inverossimilhança da lista. "Devedores fazem parte de uma categoria e sonegadores de outra. Não se pode desmerecer empresas que contabilizaram os seus déficits. Lembrou ainda que o próprio Estado é um grande devedor e salientou os esforços que essas empresas fazem para não gerar uma crise social ainda maior.

O valor da aveia branca

Não se pode falar em leite, como uma atividade produtiva, sem antes tocar numa outra questão: a da alimentação do rebanho. E falar em alimentação é falar em pastagens, feno, silagem, entre outros. Opções nesta área é que não faltam ao produtor, basta apenas a coragem de dispensar um pouco mais de atenção a uma atividade da qual se pode tirar bons resultados. Integrando o leque de opções, se encontra a aveia, uma gramínea de grande importância na Região Sul do País e que tanto pode ser usada no pastejo direto como na produção de grãos para a alimentação do rebanho.

Quem trabalha com pecuária leiteira sabe perfeitamente que em alguns meses do outono e do inverno, "principalmente em abril e maio, a produção de leite da região apresenta uma queda bastante acentuada", destaca o supervisor de Forrageiras da Cotrijuí, o engenheiro agrônomo Jair Mello, referindo-se a estacionalidade produtiva das pastagens. Este é um período em que as forrageiras de inverno não estão aptas ao consumo animal", diz ainda. Considerando esta situação de escassez de alimento em determinadas épocas do ano, a Cotrijuí e o seu Departamento Agrônomo vêm buscando aperfeiçoar um plano forrageiro para os seus produtores associados através de pastagens e conservação de forragens, "como a silagem de aveia", explica Jair.

No seu trabalho de aperfeiçoamento de um plano forrageiro para a região, a Cotrijuí, via Centro de Treinamento tem trabalhado em cima da determinação dos melhores materiais para ensilagem, "avaliando as várias características importantes da aveia", assinala o agrônomo - tabela 1. Usando dados levantados pelo pesquisador Renato Fontanelli, da Embrapa - Centro Nacional de Pesquisa do Trigo, de Passo Fundo, o Jair diz que o fato "estágio vegetativo", é o que mais pesa sobre a qualidade do produto final. Já a qualidade da fermentação e o teor da matéria seca influem na eficiência da utilização do material conservado, pelo animal.

O teor da matéria seca da forragem ensilada, segundo o Jair, deve se situar entre 30 e 35 por cento. Com matéria seca superior a 35 por cento, a compactação se torna dificultada, "não ocorrendo a total eliminação do ar". Essa situação serve para criar condições para o aquecimento e desenvolvimento de mofos na silagem.

BAIXA QUALIDADE - A ensilagem de forragens com um elevado teor de

umidade produzirá uma silagem de baixa qualidade, "não apenas pelas perdas de nutrientes, mas pela formação do ácido butírico, que apresenta um cheiro forte, desagradável e rançoso", observa. Para que a silagem apresente todas as características desejadas, tanto de cor, como de cheiro, de textura e de consumo, a recomendação do agrônomo é de que o corte seja feito no período em que o grão se encontra em estágio leitoso. A tabela 2 mostra esta situação. O corte no estágio de grão leitoso com 30,2 por cento de matéria seca na época do corte e de 37,1 por cento de matéria seca na silagem foi o melhor resultado alcançado, "apresentando cor verde amarelada clara, cheiro agradável e textura com tecidos destacáveis". Os dados que estão sendo mostrados na tabela 2 são do pesquisador Renato Fontanelli.

A eficiência da fermentação na massa ensilada vai depender das condições de picagem da planta, da compactação com retirada total do ar e da vedação do silo. Esses são os cuidados apontados pelo Jair, que não podem ser dispensados pelo produtor que realmente deseja armazenar alimento de qualidade para os períodos de escassez.

Outro fator importante para o uso da aveia está relacionado com o alto teor de carboidratos encontrado no grão, "além de conferir um teor entre 7 e 9 por cento da proteína bruta na silagem.

A escolha da forrageira de inverno a ser ensilada é outro ponto importante. Trabalhos conduzidos no CTC e citados pelo Jair mostram que as cultivares de aveia branca têm rendimentos de massa seca superior a da aveia preta, aliado a um baixo percentual de acamamento e uma maior uniformidade de plantas no momento do corte - estágio de grão leitoso.

Por esta razão, o produtor deve, desde já, destinar uma área de sua propriedade para a implantação de aveia branca para silagem, insiste o Jair, colocando em questão a superioridade de uma em relação a outra e destinando a aveia preta para o pastejo.

Como a principal época de utilização da silagem de aveia é no outono - meses de abril e maio -, o agrônomo aconselha o fornecimento aos animais durante este período, de uma suplementação com grãos, feno de alfafa ou concentrado, "dependendo do potencial produtivo de cada animal. Esta é uma época em que não existe pastagem de boa qualidade em condições de pastejo".

TABELA 1 — Estimativa da altura de plantas (cm), acamamento (%), matéria seca (%), rendimento de matéria seca (Kg/ha) e estágio de crescimento de cereais de inverno avaliados para silagem. CTC. Augusto Pestana, 1990.

TRATAMENTO	ALTURA (cm)	ACAMAMENTO (%)	MS (%)	MS (Kg/ha)	ESTÁGIO
A.B. UPF-7	109	3	28	7.382	Grão Leitoso
A.B. 1415-2	113	—	30	6.887	Grão Leitoso
A.B. UFRGS-7	100	3	34	6.706	Grão Leitoso
Aveia Preta	100	79	28	5.742	Grão Leitoso
Comum					
Azevém Comum	98	88	36	4.927	Formação Grão

TABELA 2 — Rendimento de forragem de aveia, cv. UPF-10 em três estágios para ensilagem. Embrapa/CNPQ, Passo Fundo, 1990

TRATAMENTO	MV (t/ha)	MS (%)	MS (t/ha)	MS (%) (silagem)
Início Emissão				
Inflorescência	26,4	24,0	6,3	31,7
Grão Leitoso	24,1	30,2	7,3	37,1
Grão Pastoso	17,8	40,2	7,2	52,5

TROCA DA SOJA COTRIJUI

e normas de comercialização da Safra 91



... por isso eu vou entregar toda minha produção na COTRIJUI!

A cooperativa agilizou as normas de comercialização da SOJA para a SAFRA 91 e vai tratar produto como produto. Com essa medida todos os associados terão assegurada a oportunidade de continuidade do processo produtivo. Veja como agir:

A produção colhida deverá ser entregue na sua totalidade para a COTRIJUI.

50% da produção colhida e entregue na cooperativa poderá ser liberada a critério do associado, desde que a soja entregue permita o pagamento de no mínimo 50% de seu comprometimento de produto físico (troca troca) com a COTRIJUI.

A soja que ficar na propriedade como semente para seu uso próprio, será considerado produto entregue.

As vitórias e laudos técnicos de lavouras correrão por conta da cooperativa, exceto se houver discordância entre a cooperativa e o associado.

O associado que desviar produção não gozará dos benefícios e será tratado como associado inadimplente.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO, em função da frustração da safra de soja 91 e amparado no art. 82 do Estatuto Social, delibera alíquota "ZERO" para retenção de capital na CONTA SOJA.

Recebimento e comercialização

Preço Médio: - você recebe adiantamentos por conta da comercialização em andamento, até a liquidação final. 15/05/91 é o prazo para essa opção.

Soja Depósito: - você liquida ao preço do dia, a partir da data de entrega da soja e poderá vender para terceiros.

Entrega da Produção: - além da entrega nos Armazéns da COTRIJUI, a produção também poderá ser entregue:

- no Terminal Graneleiro Luiz Fogliatto em Rio Grande, com ressarcimento de frete;
- em armazém próprio do associado;
- na CESA - Companhia Estadual de Silos e Armazéns;
- em cooperativas conveniadas.

CONSULTE TABELA DE BONIFICAÇÕES, DESCONTOS E FRETES NAS UNIDADES DA COOPERATIVA.

- Soja Semente: a bonificação será imediata.

CONSULTE O FOLHETO E ESCLAREÇA SUAS DÚVIDAS JUNTO ÀS UNIDADES DA COTRIJUI.



Os planos do secretário

Com a criação do Conselho de Desenvolvimento Agrícola do Rio Grande do Sul, o secretário Aldo Pinto promete desenvolver uma política de desenvolvimento no setor primário da economia



Aldo Pinto
Recuperação do solo terá prioridade

enfrentarmos a concorrência com os países do Prata, pela criação do Cone Sul, que vai estimular o intercâmbio pela queda de barreiras alfandegárias. Para Aldo Pinto, esse projeto está eleito em primeiro lugar.

A SUINOCULTURA - Em segundo lugar, disse estar elaborando um outro projeto que em seu entendimento vai viabilizar de maneira muito especial, a suinocultura. "Entendemos que essa seja a outra grande saída principalmente para os pequenos e médios agricultores, que aliás, já têm tradição nesse criatório, mas que nos últimos anos foram quase que abandonados. Não fosse a assistência que recebem, principalmente de suas cooperativas, como é o caso da Cotrijuí, por exemplo, e a criação de suínos já teria sido abandonada.

Mas nós estamos propondo o Penrural, que vai estimular não só a criação dessa riqueza e também incentivar a indústria de frigorífico. Acha-mos que podemos aumentar em até cem por cento o criatório e o aproveitamento industrial mesmo nas zonas próximas aos locais de criação. Hoje, pelas pesquisas disponíveis, sabe-se que uma leitoa produz apenas 11 leitões por ano. Entendemos que ela pode produzir o dobro, no mesmo tempo. Com isso, barateamos a criação numérica dos rebanhos e também melhoramos o rendimento qualitativo das carnes", assevera Aldo Pinto.

MAIOR ASSISTÊNCIA - Outra meta a que estamos predispostos é a de

uma real assistência ao pequeno produtor. Uma das vertentes básicas do trabalho no campo é a garantia da propriedade e mais o respaldo da atenção dos órgãos do Estado que existem para cumprir esse mister. Sem essas condições, que consideramos o alicerce para o bom desempenho da atividade - diz Aldo Pinto - não concebemos êxito para quem se esforça nessa difícil atividade.

Com essa finalidade estamos ampliando o Feaper (Fundo Estadual de Apoio ao Desenvolvimento dos Pequenos Estabelecimentos Rurais). Vissa, como o próprio nome está indicando, dar apoio às pequenas e médias propriedades, principalmente. Assim, pensamos reduzir, senão eliminar, essa fila enorme de agricultores que infestam as estradas do Rio Grande em busca de terras para se fixar.

Essa é a base da pirâmide, diz o secretário da Agricultura. "E nós estamos nos preocupando com o pequeno agricultor que está resistindo na sua propriedade, sem arredar pé dela, mesmo enfrentando grandes sacrifícios. Temos de assisti-lo sob pena de vermos esses trabalhadores aumentando o número dos que põem o pé na estrada". O sistema troca-troca, que

neste ano foi estimulado pelas cooperativas - e graças a isso vamos colher uma safra satisfatória, vai receber toda a atenção do governo durante a nossa gestão.

ESTIMULAR A PECUÁRIA - A pecuária também precisa receber um forte impulso, diz o secretário da Agricultura. Não podemos esquecer, e muito menos descurar da tradição rio-grandense para essa importante atividade. Vamos intensificar a inspeção nos rebanhos e combater de frente os males que atacam o gado.

A febre aftosa tem que ser erradicada de nossos campos, pois sem a solução definitiva desse problema nunca iremos conquistar mercados estáveis no exterior. E agora estamos com um novo problema bem próximo de nós. A mosca do chifre, que está atacando os rebanhos do Paraná, breve poderá estar também no Rio Grande. Estamos atentos para atacar esse mal em seu nascedouro, prometeu o secretário Aldo Pinto, finalizando a entrevista.

Agricultura sucateada

Por considerar que se acelera o processo degenerativo na produção agrícola do Rio Grande do Sul, o deputado Pompeo de Mattos pretende questionar as razões que nos trouxeram a esse quadro, que considera lamentável, e não dizer já desesperador. Uma das questões se refere a situação da pecuária, para a qual o deputado deseja prestar contribuição para um problema que se arrasta há vários anos, como insolúvel". A agricultura está sucateada, a pecuária praticamente falida. Mas nós temos que reverter esta situação, mas não com remédios ou medidas paliativas. São necessárias soluções definitivas, sob pena de permanecermos eternamente no fracasso.

COMPETIÇÃO E PRODUÇÃO - A recuperação do Cone Sul é preocupação levantada pelo deputado. Precisamos preparar para isso, com produtividade e qualidade, diz. Do contrário, logo seremos absorvidos, fazendo o papel do marisco entre o mar e o rochedo, que serão representados por São Paulo e pelos países do Prata. É preciso olhar para o campo com vontade de produzir, prossegue Pompeo, apontando para investimentos de origem oriundos principalmente de medidas de caráter político. Em muitos casos eles independem de recursos financeiros, afirma o deputado, salientan-

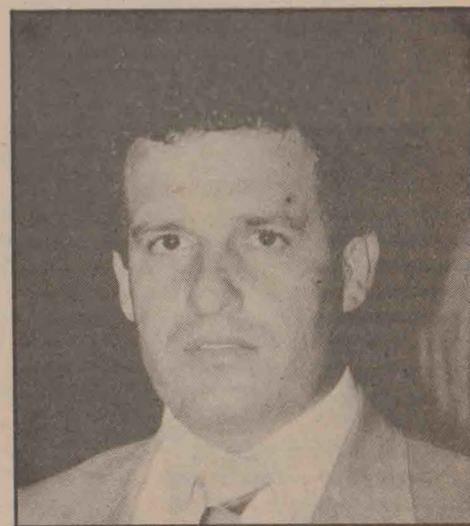
do que a base de todo o processo de produção é a terra, é o solo, que se bem drenado e semeado, produz os alimentos que necessitamos.

Todas estas questões devem ser encaminhadas pela Comissão presidida por Pompeo de Mattos, através de simpósios a serem realizados no interior do Estado, no decorrer do ano. "Vamos debater e buscar subsídios para um seguro agrícola que dê reais garantias aos produtores rurais", enfatiza o deputado, destacando ainda o papel dos condomínios rurais propostos pelo novo governo. "Vamos buscar respostas das pesquisas já realizadas, e que estão engavetadas", diz Pompeo de Mattos, lembrando ainda que a reforma agrária precisa ser encarada com maior seriedade.

"No bojo desse conjunto de necessidades, temos a conservação do solo, cujo investimento dá retorno imediato, pela maior produtividade. A eletrificação rural e o fomento à agroindústria, que se implementada nas regiões de agropecuária, reduzirão o êxodo rural, que está tornando impossível a vida nas grandes cidades do nosso país, pelas superpopulações urbanas".

COOPERATIVISMO - Sem deixar de fazer uma referência ao cooperativismo, Pompeo de Mattos disse que foi criado numa região de grande in-

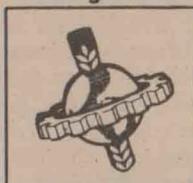
fluência das cooperativas, principalmente a Cotrijuí, que tem praticamente a sua idade. "O cooperativismo, significa por si, um grande tema econômico. Somos cooperativistas por essência, por vivência e até por dever de consciência. É dele, da sua ação econômica e filosofia social que vamos reduzir muitos dos problemas que nos afligem e dos quais não estamos vislumbrando saídas", finalizou o presidente da Comissão de Agricultura, Pecuária e Cooperativismo da Assembléia Legislativa.



Pompeo de Mattos

COMUNICAÇÃO

PEÇAS



BRAUD



LOJAS COTRIJUI

Proprietários de colheitadeiras Braud:

Em função do reduzido número de colheitadeiras de marca Braud na região, a Cotrijuí, através do seu setor de Compras e Abastecimento, informa que o prazo máximo de manutenção do estoque de peças de reposição Braud, finda no dia 20 de junho. Os interessados em adquirir o restante do estoque de peças, a preço de custo, deverão se dirigir a qualquer uma das lojas Cotrijuí, nas suas duas regionais, para encaminhar o pedido.

Um retrato da falência

A aliança entre a seca e a falta de tecnologia na lavoura deixa um quadro amargo para as regiões produtoras do Rio Grande do Sul. Na região Pioneira da Cotrijuí é a pior produtividade da história da soja

Ao contrário do que se esperava, a estiagem que assolou a safra 90/91 no Rio Grande do Sul acabou entrando para a história, como sendo a mola propulsora da pior devastação dos últimos quarenta anos. Bem mais da metade da safra de soja ficou na poeira, assim como o milho já tem 52 por cento, de quebra e o feijão perto dos 100 por cento, como apurou a Coordenadoria da Assistência Técnica da Fecotrigo. Esse prejuízo provocado pelas culturas de verão de maior porte, somados às perdas das outras culturas e atividades agrícolas, vai retirar da economia gaúcha cerca de um bilhão de dólares, cifra que pode ser considerada conservadora, se forem levados em conta os resultados finais de cada produtor, que estão retirando os últimos e escassos grãos de suas lavouras.

Os estragos da seca passaram a ser levantados ainda em janeiro, quando a chuva desapareceu do mapa do Rio Grande do Sul. Entidades como a Fecotrigo e a Feag calculavam então o agravo de uma situação que iniciou com a falta de recursos para o plantio e a ausência de tecnologia nas plantações. O pouco da produção que se garantiu foi feito à base de venda de soja verde e a maioria pelo siste-

Os últimos grãos colhidos somente registram uma quebra maior



ma troca-troca, que acabou gerando, por outro lado, o endividamento das cooperativas na ordem de Cr\$ 14,5 bilhões. Somente à Cotrijuí foram comprometidos pelo sistema troca-troca, Cr\$ 1,3 bilhão, resultante do repasse de insumos a dois mil e 805 produtores.

RETRATO - O retrato da seca, com todos os seus agravantes foi levado por diversas vezes ao ministério da Economia e da Agricultura, em Brasília a fim de evitar a total falência de grande

parte dos 450 mil pequenos produtores distribuídos pelos inúmeros municípios que declaram estado de emergência ou de calamidade pública. Além dos créditos emergenciais foi pedido à área econômica do governo prorrogação das dívidas e ampliação do Proagro e um socorro financeiro às cooperativas que em função da seca, ficaram com todas as dívidas realizadas em troca-troca a descoberto. Como resposta de tanto corre-corre a Brasília, o ministro Antonio Cabrera anunciou recursos de emer-

gência, mas insuficientes, como já desconfiavam algumas lideranças do setor. O crédito de manutenção já foi revisado - Cr\$ 160 mil - mas continua frustrante. A brincadeira foi ainda mais longe, pois terminava o mês de abril, quando o governo resolveu recuar o parcelamento de seis vezes, passando para duas parcelas. Tentou mais. Por pouco não vinculou esses poucos recursos da seca ao custeio de inverno, até agora só no papel.

O rastro de falência que ficou na lavoura de verão, no entanto, se pouco é reconhecido pelo governo federal está mais do que comprovado nos números colhidos. "É a pior seca no caso da soja dos últimos 15 anos e a pior em produtividade dos últimos 20 anos", afirma Valdir Bisotto, coordenador técnico da Fecotrigo. A constatação se baseia na perda de 3.024.000 toneladas que deixarão de ser colhidas, contra uma estimativa inicial de 5.362.439 toneladas. Pelo lado do milho a perda é de 2.333.000, toneladas frente a uma previsão de 4.519.948 toneladas. Semelhante à seca de 78/79, a estiagem deste ano trouxe a produtividade da soja para apenas 747 quilos por hectare no Estado e deixou para o milho somente 1.163 quilos por hectare.

REGIÃO PIONEIRA - Na região Pioneira da Cotrijuí, os números da seca se repetem e até prometem ser inferiores, já que nos últimos dias de colheitas as perdas contabilizadas são cada vez maiores. Ao fazer uma avaliação final da safra de verão o gerente agrotécnico, Leo Góti, aponta uma quebra ao redor de 70 por cento na soja, salientando ainda quebras superiores em regiões duramente atingidas pela estiagem, como os municípios de Jóia e Augusto Pestana. A produtividade da soja, segundo o agrônomo é a pior da sua história e deve ficar em apenas 650 quilos por hectare. No milho, fora a primei-

SAFRA 90/91 — REGIÃO PIONEIRA

Culturas	Kg/ha
Soja	747
Milho	1.163
Arroz	1.660
Sorgo	1.711
Feijão I	480
Girassol	1.531
Pipoca	1.711
Feijão II	80

As informações se referem a colheita realizada em 79 por cento do arroz e 100 por cento das demais culturas, baseado na média histórica de 1.800 quilos/ha e apenas 650 quilos/kg/ha.

DOM PEDRITO

Prejuízos da enchente

O rio Santa Maria, após uma indolência de anos que escorreu raquítico, reduziu a simples córrego num leito arenoso e seco, jorrou água para fora com o ímpeto de gigante enfurecido. A enchente foi mais grave em Dom Pedrito. Na zona urbana fez mais de dois mil flagezados durante a semana que ranscorreu entre 18 e 25 de abril. E na zona rural avançou a dentro pelos arrozais e em ponto de colheita, fazendo grandes estragos.

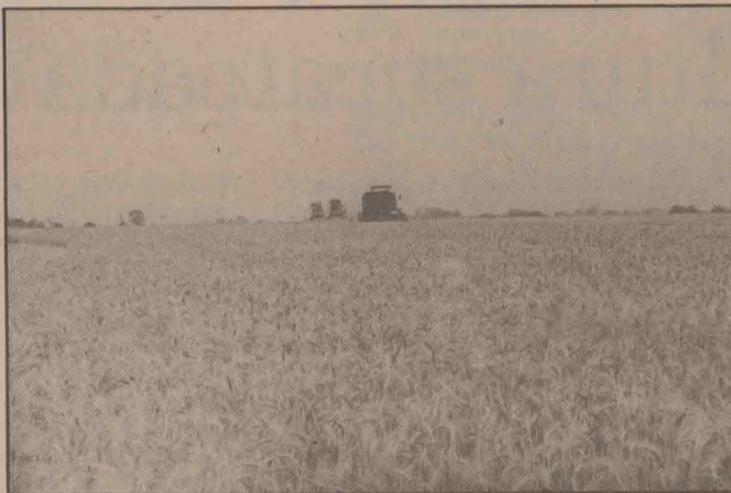
Com precipitação a 300 milímetros em apenas quatro dias, o rio subiu mais de seis metros de seu nível, inundando cerca de 500 residências ribeirinhas, causando grandes prejuízos materiais, além dos transtornos naturais aos moradores. Mas os prejuízos nas lavouras, segundo os técnicos da Emater e Cotrijuí, são maiores, com valores que ainda não foram apurados. São revistos estragos da ordem de 10 a 15 por cento na média, por consequência de acamamento e debulha forçada

pelo impacto das águas.

A esse prejuízo se somam as perdas ocasionadas em outras culturas de verão (soja, sorgo e milho), que haviam sido castigadas por consequência da seca, que foi persistente nos três primeiros meses do ano.

UMA SAFRA REGULAR - O engenheiro-agrônomo Roberto Prato, responsável pelo Departamento Técnico da Regional da Cotrijuí no município, acrescenta que a redução verificada agora por consequência da enchente, é mais uma escalada de prejuízo. Lembra que em janeiro e princípio de fevereiro, com a queda de temperatura no período de floração do arroz, já tinha havido prejuízo nas lavouras. Mesmo assim, o técnico tem uma expectativa de rendimento de cem sacos por hectare, o que significa uma produtividade regular, no que se refere ao arroz.

Já às demais culturas de verão, soja, sorgo e milho, foram bem mais prejudicadas devido a seca, pois não são



Arroz Produtividade regular

culturas irrigadas. No entanto, essas culturas não são ainda tradicionais em Dom Pedrito, um município que se dedica à pecuária extensiva e à cultura orizícola.

LAVOURAS DE VERÃO - O aproveitamento com plantio das diversas culturas verificadas na safra, segundo os técnicos, foi de cobertura das seguintes extensões de lavoura no município:

Arroz 24.000 ha
Soja 8.000 ha
Sorgo 3.000 ha
Milho 2.000 ha
O técnico Roberto Prato prevê que vamos ter que-

das em torno de 40 por cento no milho e no sorgo. Para a soja, ele acredita que vamos ter prejuízo bem menor. Por isso, arrisca uma previsão de quebra geral de 20 por cento no total da safra de verão - culturas do seco, e de 10 a 15 por cento no arroz, que é cultura irrigada.

A previsão de recebimento de produtos pela Regional, segundo o mesmo técnico, é de 600 mil sacos de arroz, 130 mil sacos de soja, 50 mil sacos de sorgo e 15 mil sacos de milho. Nos casos do arroz e da soja, incluídas as sementes.

Pouco

Os pequenos produtores prometeram e cumpriram. No dia oito de abril, em várias regiões do Estado, eles voltaram às ruas para protestar contra o volume de crédito emergencial destinado aos atingidos pela seca, pelo não cumprimento da Constituição Federal, ao que diz respeito à aposentadoria rural e especialmente pela falta de atendimento médico-hospitalar digno das necessidades do meio rural. Em Ijuí, o movimento reuniu ao redor de mil pessoas na Praça da República, onde os colonos exigiram também diversos pontos de uma política agrícola já anunciada quando da deflagração do SOS Agricultura em março.

Junto ao protesto pela ausência de uma política agrícola voltada à pequena produção e a reclamação pela pouca valorização de produtos, como o leite, os produtores centraram a sua manifestação à questão previdenciária. A municipalização da saúde, o atendimento gratuito como manda a Constituição, o cumprimento dos horários pelos médicos e maior justiça na distribuição de vagas

DIA DE CAMPO

Em busca de alternativas

O dia de campo foi promovido pela Cotrijuí, Prefeitura Municipal e Emater de Jóia. Em debate a busca de alternativas para a pequena propriedade

Alternativas de produção - Gado Leiteiro e Suinocultura. Este o enfoque principal de um dia de campo realizado no município de Jóia no dia 04 de março, promovido pela Comissão Técnica do Município - Cotrijuí, Prefeitura Municipal e Emater. "Está na hora de buscarmos outras alternativas para as nossas propriedades", disse o prefeito municipal Jorge Leal na abertura do encontro. O prefeito fez uma avaliação dos prejuízos causados pela estiagem e disse que a idéia do encontro era a de analisar outras alternativas de produção para as propriedades, "pois é por aqui mesmo, dentro do nosso município, que



Paulo Kappel
A importância do associativismo

teremos de encontrar as soluções para os nossos problemas", disse ele mostrando descrédito com as promessas do governo.

Na parte da manhã, na sede da Afucotri, os produtores ouviram o médico veterinário da Cotrijuí, Gerson Madruga da Silva falar sobre a suinocultura enquanto atividade econômica na propriedade. "A suinocultura, salientou Madruga, tem uma importância social muito grande, pois se caracteriza como uma atividade de pequenos produtores". Fez uma análise do consumo de carne de suíno no Brasil, "hoje estabilizado" e falou da importância da eficiência, da produtividade, da redução dos cus-



Gerson Madruga
A suinocultura como atividade econômica

tos, da assistência técnica adequada e da necessidade de material genético de qualidade para o bom desempenho da atividade.

Os engenheiros agrônomos Paulo Sérgio Kappel, da Emater de Santa Rosa e Hélio Tolffo, da Emater de Cerro Largo historiaram um pouco sobre a suinocultura na região e falaram da importância de o produtor trabalhar em grupo para poder superar as crises cíclicas que atingem a atividade. "A saída para o pequeno produtor que trabalha com suínos passa pelo associativismo", pregou Paulo Kappel. Trabalhando há mais de 10 anos com grupos de pequenos produ-



Na propriedade de Josefina Tamiozzo, os produtores avaliaram a importância da silagem de milho

res, Paulo tem hoje certeza de que o associativismo pode levar o pequeno produtor a não só obter uma maior produtividade como também a tirar maior lucratividade. "Não vejo outra saída", disse o engenheiro agrônomo, contando as experiências vividas pelos pequenos produtores de Santo Cristo e de Vista Gaúcha, reunidos em Apsats há mais de oito anos.

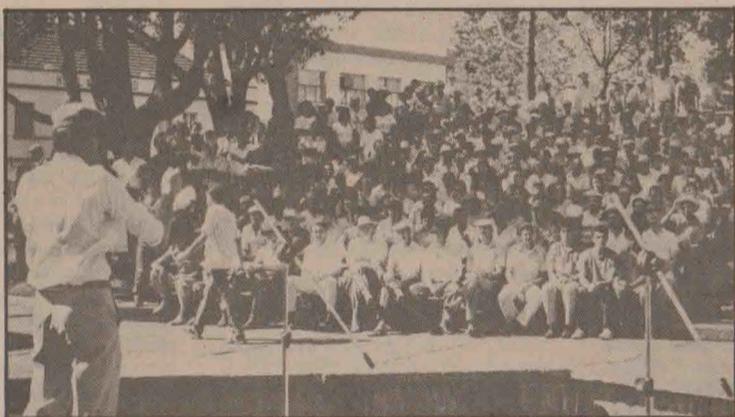
O médico veterinário Gilberto Kosloski da Cotrijuí, unidade de Jóia, encerrou a primeira parte do dia de campo falando sobre a situação da atividade leiteira no município. Gilberto apresentou aos produtores um diagnóstico da situação no município com dados coletados em 130 propriedades. "A nossa intenção, disse ele, é a de situar a pecuária leiteira dentro da propriedade". Os dados completos, coletados pelo Gilberto, situando a atividade leiteira no município de

Jóia e as suas conclusões, serão publicados na próxima edição do Cotrijornal.

VISITAS - Pela parte da tarde, os produtores e técnicos visitaram algumas propriedades, para conhecer a estrutura existente na área de suínos e leite. A primeira propriedade visitada foi a do produtor Marcelino Bazzan, dando enfoque para a suinocultura. Em seguida visitaram as propriedades de Josefina Tamiozzo no Cará, onde observaram silagem de milho; de Honório Burtet, localizada em Coronel Lima, também com destaque para a silagem de milho e criação de ternas; de Ivan Andreatta, em Esquina Santo Antônio, onde conheceram as instalações para leite e suínos, e por último, a propriedade de Manoel Conceição, em Esquina 21 de Abril. Nesta propriedade os produtores visitaram áreas com pasto elefante e silagem de aveia.

DITO EMERGENCIAL

ingado e caro



Produtor na rua

Contra a previdência, falta de política agrícola e poucos recursos da seca

não passa de uma migalha e como financiamento, se torna abusivo.

Os cálculos realizados pelos representantes da Fetag indicam que se forem retirados Cr\$ 100 mil agora, o produtor terá que pagar em 18 meses algo em torno de Cr\$ 500 mil ou até mais, dependendo do comportamento do mercado. Somente o valor aproximado comprometeria perto de 38 sacos de soja da futura safra. Sem recursos por causa da seca, sem dinheiro suficiente pa-

ra a safra que se inicia e já pensando na futura safra de verão, os produtores, segundo o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Ijuí, Júlio Gabbi, estão dando um prazo até o dia 25 de julho, para que o governo federal tome uma posição sobre o assunto. O produtor não pode passar mais uma safra sem fazer uma planta, no mínimo normal, com correção de solo e adubação adequada, ressalta o sindicalista, prometendo nova mobilização em todo o Estado caso não sejam atendidos.

Quem corre riscos aqui até ganha prêmio.

Quem corre riscos aqui vai pagar caro.



CYDECTIN* é sua mais nova e moderna opção. Mata vermes e carrapatos, levanta a boiada e não pesa no bolso. Pesa na balança.

Montar um animal desses requer coragem e experiência. Mas para levar um animal ao peso ideal e obter bons resultados, o pecuarista sabe que não pode correr riscos.

Por isso a Cyanamid lança CYDECTIN. É um antiparasitário com princípio ativo novo, testado e aprovado em gado das mais diversas raças e regiões do Brasil e de outros países.

CYDECTIN levanta a boiada e mostra o resultado na aparência e na balança.

Age em todos os estágios dos vermes gastrintesti-

nais e pulmonares, nas formas adultas, jovens e inibidas desses parasitas.

Age também contra carrapatos, piolhos e sarna. Sua ação é sistêmica e a dose é pequena e de fácil aplicação. Isto significa agilidade no tratamento e menos tempo do gado no tronco ou brete.

Não arrisque seu resultado. Use CYDECTIN.



CYDECTIN. O peso da qualidade.

CYANAMID
DIVISÃO SAÚDE E NUTRIÇÃO ANIMAL

*Marca registrada de American Cyanamid Company, Wayne, N.J., USA.

Provocação para mudar

Cutucar o produtor de alho e cebola, suas associações e cooperativas com vara curta. Esta "espécie de provocação" foi feita pelo médico veterinário e economista Bercílio Luiz da Silva, presidente da Associação Nacional dos Produtores de Alho em palestra que reuniu produtores e técnicos da região. Bercílio esteve em Ijuí no dia 22 de março, quando na sede da Afucotri de Ijuí falou sobre a Produção de Hortigranjeiros do Estado e sua importância econômica.

A provocação tinha um endereço certo: despertar o produtor, especialmente de alho e cebola, para uma nova realidade de mercado a ser vivida a partir da integração do Brasil com os países latino-americanos, principalmente Argentina, Paraguai, Uruguai e Bolívia. Esta nova realidade, enfatizou várias vezes o economista durante a sua palestra, vai exigir dos produtores uma nova postura buscando uma maior eficiência e competitividade. "O produtor não vai mais produzir hortigranjeiros apenas para o consumidor brasileiro. Ele vai produzir para concorrer com os produtos de outros países latino-americanos", avisou. Considera a dobradinha eficiência e competitividade premissas muito importantes e que daqui para frente deverá ser muito bem avaliada pelo produtor, "caso queira ocupar e assegurar seu espaço no mercado consumidor".

Esta nova postura pregada pelo economista vai representar uma mudança radical na vida do produtor brasileiro, atingindo não apenas o alho e a cebola, mas também o leite, a carne e seus derivados, o trigo, entre outros. "Ao procurar a eficiência, o produtor terá de plantar não mais apenas por plantar, mas para ganhar dinheiro", disse lembrando ainda que melhores resultados a nível de lavoura vão depender também de uma maior produtividade até como forma de reduzir custos.

Lembrou que além da integração com os países latino-americanos, o produtor brasileiro não pode esquecer que a sua produção, tanto de alho como de cebola concorrem ainda, "em determinadas



Bercílio da Silva
Em busca da eficiência e da competitividade

épocas do ano", com a produção européia, vinda especialmente da Espanha. "Essas duas situações, a da integração e a entrada do produto espanhol deixam produtores brasileiros à descoberto.

Ele não conta mais com o manto de proteção do governo brasileiro, lembrou ainda o economista pedindo muita atenção para estes fatos. Isso significa, no entender do economista, que não existe mais espaço para a falta de eficiência, para a baixa produtividade alcançada na lavoura, para a falta de qualidade do produto e para os altos custos de produção. Garantiu que, quem não se enquadrar dentro destas novas regras de mercado, terá, obrigatoriamente,



O encontro reuniu produtores, técnicos e representantes de cooperativas vizinhas
Em discussão, as perspectivas da produção de alho e cebola no Estado a partir do livre mercado

que buscar outras alternativas para a sua propriedade.

A reação e a mudança de postura pregada e sugerida pelo Bercílio precisa ser tomada pelos produtores imediatamente. "Se essa nova postura do produtor nacional em relação a alguns aspectos que envolvem a sua produção não acontecer rapidamente, muito em breve ele não terá para quem vender o seu produto", alertou, referindo-se a qualidade do produto que não é dos melhores e sem condições de competir com o de fora, e a questão preço. O pro-

ductor precisa reagir imediatamente. Ou se torna competente ou muda de ramo de negócio".

PERSPECTIVAS - O Brasil possui um grande mercado consumidor, tanto de alho como de cebola. O que está faltando para que esse mercado consumidor deslanche, observou o economista, é uma melhoria no poder aquisitivo do brasileiro. A produção de alho nacional, por exemplo, abastece o mercado interno durante nove meses do ano. Mas a abertura de mercado vai possibilitar que produto

O livre mercado entre os países latino-americanos vai exigir do produtor nacional uma nova postura na busca de uma maior eficiência na lavoura e competitividade no mercado. Este assunto foi motivo de um encontro realizado na Afucotri de Ijuí, em fins de março, reunindo pesquisadores, analistas de mercado, produtores e técnicos. Além de Bercílio da Silva e de Alseny Garcia, também participou do encontro a pesquisadora Regina Gomes Carneiro do CNPQ-Embrapa, que falou sobre Nematóides. O encontro foi promovido pelo Departamento Agrotécnico da Cotrijornal, sob a coordenação do engenheiro agrônomo João Agostinho Basso.

de fora entre na mesma época da produção nacional, gerando sobras para as exportações em que não existe oferta nacional. Vai continuar existindo o entre-safra de produção no Brasil, "mas não a nível de comercialização. Sem dúvida haverá um país exportador para o Brasil", alertou.

Situação semelhante vai acontecer com a cebola, em que o país é auto-suficiente na produção. O livre comércio vai levar a cebola nacional a permanecer estocada nos depósitos, enquanto estiver entredito do produto da Argentina, por exemplo, que tem qualidade ligeiramente superior e preço mais barato.

Fatores limitantes

Alseny Garcia, engenheiro agrônomo ligado ao Centro Nacional de Pesquisa de Frutíferas de Clima Temperado/Embrapa de Pelotas, veio a Ijuí na mesma oportunidade, para falar sobre a produção de alho e cebola da região, destacando aspectos técnicos de cultivo. Mesmo sem a tradição do alho na região de Ijuí e Tenente Portela, a cebola segundo o pesquisador, vem sendo cultivada com materiais genéticos de melhor qualidade. A produtividade só não é maior porque o produtor continua insistindo no uso de técnicas que poderiam ser melhoradas, "como a questão do espaçamento".

A cebola enfrenta dois problemas muito sérios em todo o Estado: o da falta de cultivares mais precoces e o da entre-safra. A solução para os dois problemas está nas mãos da pesquisa que busca não só encontrar esse material precoce como também antecipar o período da colheita da cebola no Rio Grande do Sul. É uma forma do produtor competir em igualdade

com o produto de outros Estados e também alcançar melhores preços. Mas por enquanto apenas os produtores de Ijuí e Tenente Portela estão em condições de usufruir desse material precoce - que já vem sendo cultivado na região - em função das condições climáticas favoráveis. Basta apenas descobrirem que estão com a faca e o queijo na mão.

Materiais precoces, como a cultivar Aurora, por exemplo e largamente cultivada pelos produtores da região, permite antecipar de 20 a 30 dias a colheita da cebola, "pegando um período em que não existe produção no Estado", lembra Alseny em alusão a possibilidade de se alcançar melhores preços. Já municípios tradicionais no cultivo da cebola, como São José do Norte, Rio Grande e Pelotas não oferecem as mesmas condições de clima para que a colheita possa se antecipada para fins de outubro. Nestes municípios a colheita ainda acontece em novembro.

Esta micro-região do Esta-

do, formada pelos municípios de Ijuí e Tenente Portela, poderiam produzir, sozinha, segundo Alseny, cebola suficiente para abastecer o Rio Grande do Sul neste período de entre-safra. Mas a produção da região só não tem deslançado porque, mesmo usando uma boa adubação e material genético de boa qualidade, alguns erros ainda persistem. "Os produtores da região estão ainda arraigados a algumas práticas limitantes da produtividade", constatou o pesquisador referindo-se a questão do espaçamento que poderia ser menor. "Então, disse ainda aos produtores, mesmo que aumente o nível tecnológico, os resultados nunca poderão ser maiores". Insistiu na redução do espaçamento entre plantas e no aumento da densidade de plantas por área, "já que hoje existem herbicidas para o controle dos inços que podem ser usados na lavoura sem qualquer risco".

O ALHO - Os erros que o produtor pratica na lavoura de cebola também se estendem a cultura do alho. A situação se agra-



Alseny Garcia

O produtor precisa repensar suas práticas de plantio. Ele vai um pouco mais em termos de produtividade em função da falta de material genético de melhor qualidade. Acha possível, dentro das populações cultivadas na região - Portela, Guicho, Roxo e Pestana -, e através de uma seleção, melhorar a produtividade alcançada "sem ter de trocar o material genético". Citou a cultivar Quitéria como um exemplo de material genético de qualidade superior, com excelentes resultados em outras regiões, mas que não tem encontrado a mesma adaptabilidade em Ijuí e Tenente Portela. "Talvez alguns ajustes de adubação e manejo nas lavouras de regiões possam melhorar o nível de produtividade dos materiais utilizados", disse por fim.

A defesa do milho em paiol. Contra traças e carunchos.

ATENÇÃO Este produto pode ser perigoso à saúde do homem, animais e ao meio ambiente. Leia atentamente o rótulo e faça-o a quem não souber ler. Siga as instruções de uso. Utilize sempre os equipamentos de proteção individual (macacão, luvas, botas, máscara, etc). Consulte um Engenheiro Agrônomo. **ANDEF**
VENDA SOB RECEITUÁRIO AGRONÔMICO

K-Obiol® 2P

QUIMIO
divisão agroquímica

CREDICOOPERSA

Andando com as próprias pernas

Na inauguração da casa da Credicoopersa, a reafirmação de que o produtor deve buscar a formação do seu crédito próprio. A criação de um banco especializado também foi destacado

A reafirmação do cooperativismo de crédito como instrumento fundamental no desenvolvimento do campo, principalmente no momento em que o setor primário se ressente da falta de incentivos oficiais, foi a tônica de todos os pronunciamentos realizados durante a inauguração da sede própria da Cooperativa de Crédito de Santo Augusto, no dia cinco de abril. Fundada em 1989, a Credicoopersa iniciou suas atividades junto a Cotrijuí, mantém atualmente dois postos, um na unidade da Cooperativa em Coronel Bicaco e outro na de Chiapeta.

O ato de inauguração foi prestigiado pela presença de mais de cem pessoas, entre autoridades civis e militares. A participação do presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz da Silva, do vice Eudes Casagrande e do superintendente Celso Sperotto, do presidente da Cöcecrer, Ademar Shardong e do prefeito de Santo Augusto, Izilindo Stival. O presidente da Credicoopersa, Davi Ceolin, foi o primeiro a manifestar-se, dizendo de início que o ato representa um passo à frente na afirmação do cooperativismo de crédito no município, na hora em que o setor rural, em todo o Estado, se encontra em inúmeras dificuldades.

"A ampliação dos serviços é uma forma de melhor atender aos nossos associados", salientou Ceolin, antes de apontar o sistema como aporte real para a agropecuária. Para tanto, lembrou o presidente, "é preciso além do apoio governamental, a assistência maciça dos agricultores", pois "é com uma cooperativa forte e com uma participação concreta que os benefícios poderão chegar a um maior número de produtores".

Depois de agradecer o apoio recebido por parte de todas as entidades presentes, como a Cöcecrer, a Cotrijuí e o Banco do Brasil, Ceolin ressaltou a sua convicção de que a Credicoopersa como uma entidade da terra ajudando na solução dos problemas enfrentados pela comunidade. Um agradecimento especial foi feito aos associados, pela sua participação decisiva, e aos serviços prestados pelos funcionários.

CRÉDITO PRÓPRIO - A realidade em que o setor primário está sendo jogado devido ao enxugamento rigoroso do crédito oficial para o setor, também foi muito lembrado



Credicoopersa
Sede nova na rua Julio Pereira dos Santos

pelo presidente da Cotrijuí, Ruben Ilgenfritz. Essa é uma das razões pela qual ele vê o sistema de cooperativismo de crédito como um dos maiores acontecimentos dos últimos anos. É o grande caminho para acabar com as idas, muitas vezes inúteis, até Brasília, disse ao avaliar o grau de organização atingido pelo sistema.

O presidente da Cotrijuí lembrou ainda uma importante mudança trazida ao campo, com o fortalecimento e a ampliação do cooperativismo de crédito. Por surgir do esforço próprio e da participação dos seus associados, as cooperativas de crédito são a única possibilidade de fazer retornar o crédito, sendo nós mesmos proprietários dele", argumentou Ruben, fazendo um paralelo com o sistema de crédito governamental que determinava inclusive o que o produtor devia plantar, sem considerar muitas vezes as necessidades de desenvolvimento regional.

O cooperativismo de crédito é um forte exemplo, apontou Ruben, do muito que os vários setores do cooperativismo podem e devem fazer juntos, de forma a enfrentar todas as adversidades atuais, como a baixa produtividade mantida em setores essenciais da produção. "O nosso solo empobreceu muito, o que leva a crer que neste ano, mesmo que não ocorresse a estiagem, muita gente colheria mal", afirmou o presidente, aproveitando para alertar sobre a necessidade urgente de aplicação de recursos, de técnica e de muita garra para alcançar os níveis tecnológicos exigidos pela realidade produtiva e econômica da agropecuária. O envolvimento de todos os segmentos da comunidade também foi acentuado, assim como a reafirmação de se buscar a verticalização da produ-

ção regional. "Unidade, competência para alcançar a modernidade é o nosso desafio", finalizou Ruben.

BANCO COOPERATIVO - Gratificado pela maturidade alcançada pela Credicoopersa, o presidente da Cöcecrer, Ademar Shardong, disse que, embora sendo aparentemente pequena, a cooperativa de crédito é um poderosíssimo



Apolo e reconhecimento

Ademar Shardong, Ruben Ilgenfritz, Davi Ceolin e Izilindo Stival

instrumento, principalmente quando se ensaia uma democracia política, sem no entanto, contar com uma democracia econômica. "A sociedade cooperativa é o braço econômico da sociedade civil", enfatizou Shardong.

Falando em nome de 61 cooperativas de crédito do Estado, Shardong felicitou a direção, os associados e os funcionários da Credicoopersa pela ampliação e melhoramento de seus serviços. O presidente da Central, que conseguiu repassar somente no ano passado, algo em torno de Cr\$ 4,5 bilhões ao campo, não esqueceu de conchamar a todos os produtores presentes a continuarem apostando no sistema, a fim de encurtar o caminho que se coloca para a criação de um Banco Nacional de Crédito Cooperativo.

"Não podemos nos iludir com um discurso que faz do Banco a solução de todos os problemas do setor rural", alertou Shardong. A única forma de amenizar os problemas do setor primário, segun-

do ele, "é reduzir cada vez mais a dependência em relação ao crédito oficial". O banco deve ser criado, confirmou o presidente da Cöcecrer, mas quando tivermos um sistema de crédito estruturado e consolidado em todos os estados e que possibilite o processo de gestão dos recursos em maior escala e a negociação com bancos estrangeiros. "O banco virá, mas não para já", disse Shardong, acentuando que a sua construção é responsabilidade própria das cooperativas e não do governo, como muitos podem estar acreditando.

A última manifestação foi do prefeito municipal Izilindo Stival, que demonstrou satisfação com a transferência da Credicoopersa para sua própria sede. Isso comprova, afirmou Stival, a capacidade administrativa da direção e dos funcionários para fazer com que a entidade ande com suas próprias pernas". Finalizando a inauguração, o padre Ládio Girardi e o pastor Dari Dutra abençoaram a nova casa de crédito.

ÁGUA O ANO TODO PARA A SUA PLANTACÃO.

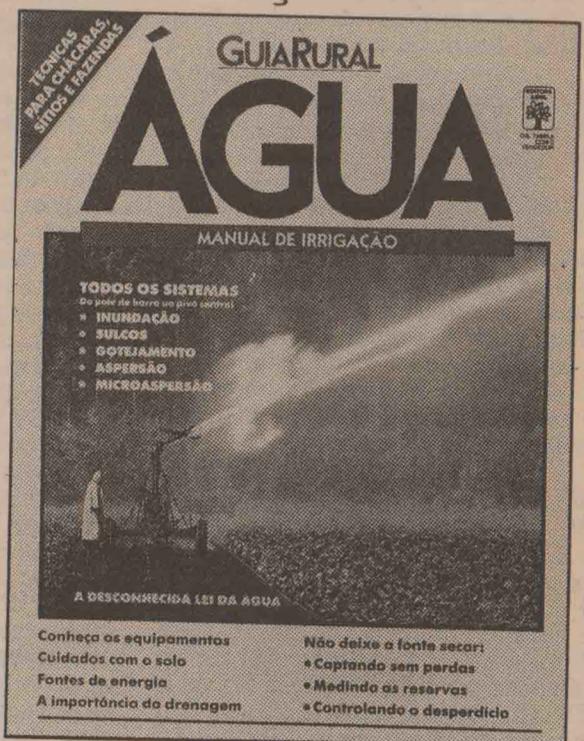
Para a sua plantação produzir mais o ano inteiro, a Editora Abril está lançando "Água - Manual de Irrigação".

São mais de 160 páginas ilustradas, mostrando passo a passo desde as técnicas mais simples até as mais sofisticadas, com as vantagens e desvantagens de cada uma delas, os equipamentos mais adequados a cada caso e as informações sobre os diversos tipos de solo. "Água - Manual de Irrigação" é indispensável para todo proprietário rural que tem sede de produzir mais. Sejam eles pequenos ou grandes.

Compre "Água - Manual de Irrigação".

Nas bancas.

É DA ABRIL, PODE CONFIAR.



Argemiro Luís Brum
Montpellier - França



A lã atravessa uma séria crise, resultado da fracassada política reguladora do Estado Australiano frente ao excesso de oferta

LÃ

Crise devastadora

O mercado mundial de matérias-primas agrícolas vem sofrendo nestes últimos anos uma séria crise. A maior parte dos produtos assiste, impotente, à queda de suas cotações internacionais, em alguns casos de forma devastadora. No centro de tal fenômeno está a relativa estagnação da demanda mundial, seja pela saturação dos consumidores solváveis, seja pela concorrência de produtos substitutos, em muitos casos sintéticos, associada a uma crescente produção, normalmente sem controle.

Os países ricos têm evitado um impacto maior de tal crise, sobre seus agricultores, através de crescentes subvenções, tanto à produção como ao comércio. A tal ponto que o custo global de tais medidas é calculado hoje em US\$ 270 bilhões anuais. Um custo quase que proibitivo e que leva à busca de um controle, ponto central das atuais e já longas negociações do GATT através de sua Rodada Uruguai.

Quanto aos demais países do mundo, não tendo mais recursos para subsidiarem (na maioria dos casos nunca o tiveram), sofrem diretamente as conseqüências desta crise de oferta. Um problema que surgiu sobretudo a partir da década de 80 e que tende a se agravar caso não haja condições de se colocar em prática uma política eficaz e concertada de regulação da produção a nível mundial.

Para demonstrar a gravidade do problema, escolhemos para este artigo a análise do mercado da lã bovina, o qual interessa particularmente à economia do Rio Grande do Sul.

A FORTE QUEDA DOS PREÇOS - O mercado mundial assiste, desde o 25 de fevereiro passado, a uma baixa de 25 por cento nos preços da lã de merino, destinada ao vestuário, e de 40 por cento sobre a de menor qualidade. Segundo os especialistas europeus, jamais o mercado da lã havia visto tal situação.

De fato, é a primeira vez, desde o final da Segunda Guerra Mundial, que ocorre uma queda de preços tão brutal. Entretanto, esta crise poderá resultar, no médio prazo, em uma retomada do consumo em função dos baixos preços, a qual fatalmente irá beneficiar aqueles criadores e industriais que conseguirem sobreviver ao processo de seleção que está atualmente ocorrendo no setor.

Para melhor compreendermos esta nova realidade, lembramos que a lã, a partir dos anos 60, começou a ser substituída pelos produtos sintéticos, que representam hoje cerca de 39 por cento (5 por cento em 1961) do consumo mundial de fibras. Com 46 por cento (64 por cento em 1961), o algodão continua sendo o fio mais utilizado. Quanto a lã, ele se encontra em torno dos 5 por cento (10 por cento em 1961), na frente do linho (2 por cento) e da seda (0,2 por cento). **A ORIGEM DA ATUAL CRISE** - A origem da atual crise data de 1988. Nesta época o mundo vive um período de crescimento econômico, fato que leva a um aumento no consumo de lã nos países industrializados. A is-

to vêm se somar dois outros fatores:

a) a China, em plena liberalização de sua economia, aumenta o seu consumo visando satisfazer a demanda interna e também as suas indústrias do vestuário para exportação (este país, que importava 14 milhões de quilos de lã no início dos anos 60 e 113 milhões em 1985, comprou mais de 187 milhões em 1988);

b) a URSS, que assiste também no setor da lã a repetição dos eternos problemas de má qualidade e baixa rentabilidade (um ovino soviético carrega no dorso 1,5 quilos de lã contra 5 quilos de um ovino australiano) aumenta igualmente suas importações.

Frente a este aumento da demanda mundial, os preços na Austrália, país que dá a indicação ao mercado mundial, passam de 500 a 600 centavos australianos o quilo da lã bruta no final de 1987, para cerca de 1200 centavos no início de 1988 (pelo câmbio de hoje, 1 dólar australiano = 100 centavos = 0,695 dólar norte-americano). Em média mundial, ponderada pelos preços praticados na África do Sul, Nova Zelândia e América do Sul, o preço ultrapassou os 1000 centavos.

A partir deste momento ocorre uma decisão que aparentemente teria contribuído largamente para o início da crise. O governo australiano, acreditando que a alta seria durável, passa o seu preço de reserva (uma das particularidades do mercado da lã) de 645 para 870 centavos.

O PAPEL DO PREÇO DE RESERVA - Praticado desde 1974, o sistema do preço de reserva é, na realidade, um meio de assegurar aos criadores australianos uma garantia de renda, qualquer que sejam os sobressaltos do mercado. Isto porque, na Austrália, país cujas ovelhas fornecem mais de 1/3 da produção mundial de lã (14 por cento para a URSS e 9 por cento para a Nova Zelândia) e 75 por cento da lã utilizada no vestuário, este produto é considerado riqueza nacional. Tal política é garantida pela Australian Wool Corporation (AWC).

Assim, em caso de diferença entre o preço do mercado e o preço de reserva, ela assegura aos criadores o pagamento da diferença. E, para evitar uma queda importante dos preços, a AWC é obrigada a comprar a lã que se encontra no mercado. Ora, este sistema, viável durante mais de quinze anos, foi incapaz de responder à importante baixa dos preços ocorrida no final de 1989 e início de 1990.

De fato, no final da década passada a tendência do mercado se inverteu subitamente. A China passou a gelar suas compras enquanto a URSS chega a insolvabilidade, não podendo mais pagar suas importações. Neste contexto, a demanda cai em 30 por cento no conjunto do ano de 1990, enquanto os produtores de lã a produzem de forma crescente. Em conseqüência, os preços começam a cair.

Paralelamente, a AWC se obriga a comprar o produto a fim de tentar manter os preços, fiel a sua função de reguladora. A tal ponto, que seus

estoques de lã passam dos habituais 2 milhões de fardos (um fardo é igual a 175 quilos) a 5 milhões. A situação fica, evidentemente, insustentável e o governo australiano aplica então uma drástica solução: em maio de 1990 ele baixa o preço de reserva em 20 por cento, fixando-o em 700 centavos australianos. Esta decisão acaba não sendo suficiente para frear a queda dos preços. Assim, em fevereiro de 1991, o governo australiano decide simplesmente de suspender o preço de reserva até 1º de julho de 1991. Ao mesmo tempo, ele designa um especialista, Sr. William Vines, para estudar medidas que pudessem ser tomadas frente a situação. Seu relatório era esperado para o início de abril!

UM CERTO OTIMISMO PARA O FUTURO - Os industriais da lã se preocupam com os estoques australianos. Favoráveis a um mercado livre, onde a mercadoria seria negociada em leilões, eles propuseram ao Sr. Vines, através da Federação Internacional da lã (regrupa industriais de 29 países), não mais aumentar o estoque até junho de 1992 e uma transparência total no momento da venda deste estoque.

Todavia, no geral os industriais da lã estão relativamente otimistas frente a atual crise. Para muitos deles a mesma não será tão grave como se diz. De fato, a verdadeira constatação dos estragos somente será possível quando da publicação dos balanços referentes ao ano de 1991.

Neste quadro, os primeiros atingidos, além evidentemente dos criadores de ovelhas no mundo inteiro, deverão ser os negociantes. Uma centena de empresas no mundo, sendo que vinte são muito importantes (sete japoneses, dez europeias - cinco francesas, uma norte-americana e duas australianas). As conseqüências estão diretamente relacionadas a quantidade de estoques que possuem. Isto é, quanto maior o estoque existente, maior está sendo o prejuízo, em função da violenta queda nos preços do produto e o alto custo para mantê-los. Por sua vez, os fiadores são otimistas. Segundo eles, a queda dos preços terá repercussões favoráveis, no médio e longo prazo, sobre o consumo. O raciocínio seria o seguinte: na medida em que a lã, um produto nobre e natural, chegar a preços razoáveis, os confeccionadores tenderão a colocá-la em maior

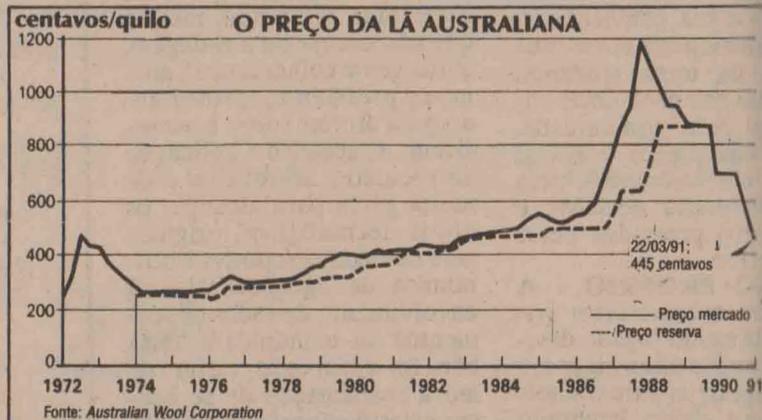
quantidade nos tecidos (67 por cento da produção de lã serve à fabricação de vestuários, enquanto 33 por cento vai para os tapetes, cobertores e outros tecidos técnicos). Segundo o presidente da Chargeurs Textiles, primeiro exportador mundial do negócio-seleção de lã, "Quando o preço da lã é baixo, o consumo de polyester, a demanda cal. No momento em que ele cai abaixo de 100 vezes o preço do sintético, o consumo de lã no consumo global de fibras passa a taxa habitual de 5 por cento" (cf. Le Monde, 02.04.91, p. 9).

Apesar disto, a realidade demonstra que, por enquanto, em um longo período, a utilização da lã está em baixa. Na França, por exemplo, o consumo de lã para a indústria caiu de 81 mil toneladas em 1956 para 31 mil toneladas em 1990. Além disso, é preciso contar com o fato de que a recuperação deste mercado é lenta e se processa através de ciclos longos, ao ritmo da moda. Assim, entre a lã comprada pelo selecionador e aquela encontrada no casaco que o consumidor final compra, podem se passar entre 18 e 24 meses.

Nestas condições, se o otimismo pode ser justificado a nível de certos industriais do setor, o mesmo não se pode dizer dos criadores. Num mercado de ciclo longo como este, e diante de uma crise destas proporções, um processo de regulação da oferta através da seleção de produtores, está em andamento. Quando da recuperação dos preços, encontrarão no novo mercado apenas aqueles produtores e empresas que forem realmente competitivos, oferecendo o produto pela melhor relação qualidade/preço.

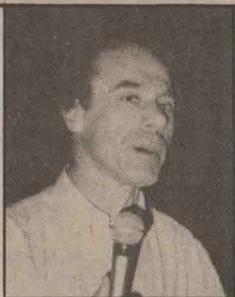
Por outro lado, assim como no caso da soja e de outros produtos agrícolas, a produção brasileira de lã também encontra os limites de um mercado dependente quase que exclusivamente do exterior. Estes limites continuarão sempre. Para compensá-los, o Brasil necessita urgentemente de uma política de melhor distribuição de renda a fim de podermos atingir um verdadeiro mercado nacional para os 150 milhões de habitantes deste país.

Obs: Este artigo teve como base um artigo publicado em Paris, cujas referências são as seguintes: CHIROT, F - Demain la laine. - Paris: La Revue de (rubrica Champs Economiques), 02.04.91, p. 10.



AJURICABA

Produção leiteira em debate



Ernesto Krug
"Por um choque de produtividade"

Mostrar a realidade da produção de leite regional e brasileira no contexto mundial foi o tema de discussão do dia do leite em Ajuricaba, no dia três de maio passado.



...da produção leiteira no mundo, no Rio Grande do Sul e especialmente em Ajuricaba, o assunto de palestra e debate no dia do leite, realizado em Ajuricaba, como mais uma forma de integrar o Jubileu de Prata da organização foi da unidade da Cotrijuf, que ocorreu com o Dia do Peixe e teve o objetivo de proporcionar maiores esclarecimentos a produtores que soma atualmente cerca de 470 produtores de leite. A palestra foi realizada pelo diretor da CCGL, Ernesto Krug a um público formado por 100 pessoas, entre produtores, técnicos e estudantes primários, além do superintendente da Cotrijuf, Celso Sperotto, e gerentes. O coordenador Orlando Bohrer coordenou o encontro.

Índice somado a média brasileira, que é de 760 litros por vaca ao ano é símbolo de um grande atraso perante médias como a da Alemanha e de outros países ricos.

Por que isso acontece? Para o diretor da CCGL, o produtor mesmo que deseje investir adequadamente, tem poucas chances no Brasil já que a atividade se constitui na que recebe maior tributação em todo o mundo no gênero. Por causa disso, os custos acabam sendo repartidos e sobra pouco para o produtor. Mas um outro fator de igual importância é ressaltado pelo diretor da CCGL ao apresentar a classificação do rebanho brasileiro na situação mundial. É o 11º rebanho de gado de leite no mundo, mas produz somente 3 por cento da produção mundial. Enquanto isso, países como os Estados Unidos que possuem 60 por cento do rebanho brasileiro produzem o triplo da produção brasileira ou como a da Alemanha, que com 30 por cento do rebanho brasileiro obtém o dobro da nossa produção. Mas não precisa ir muito longe para buscar as diferenças alarmantes, e que, inclusive tem uma importância ainda maior para o produtor brasileiro que busca uma estrutura de produção competitiva no mercado. A Argentina tem em média 2.200 litros/vaca ao ano e o Uruguai, 1.700 litros/vaca ao ano.

O poder aquisitivo da população brasileira também foi destacado por Krug, já que ele influi diretamente na absorção da produção. O potencial de consumo é vasto — "150 milhões de bocas" — mas a realidade é desanimadora, afirma Krug exemplificando o gasto de trabalho que realiza um brasileiro para comprar um litro de leite: 82 minutos enquanto na Alemanha se gasta seis minutos.

Por tudo isso e mais uma série de questões que dizem respeito a aplicação de tecnologia adequada, planejamento da atividade, sustentação via associativismo, o diretor da CCGL chama atenção para a necessidade urgente de reestruturar a atividade. "Temos muito macho e muita fêmea improdutivos", resumiu Krug, alertando para a concorrência vizinha e negando um choque de produtividade.

...a uma média de 33 litros durante a safra e que está na entressafra, por propriedade ao dia, o leiteiro de Ajuricaba já conta com seis vacas em ensilagem e um razoável trabalho de melhoramento genético. Todos esses aspectos são considerados por um crescimento que a pecuária conseguiu manter, mesmo no recente período de estagnação. Os dados foram colocados pelo diretor da unidade Ari Boff, durante a abertura do encontro. Em seguida o superintendente da unidade Celso Sperotto, enfatizou o objetivo do encontro em virtude da iminente necessidade de se buscar alternativas de produção para a região.

CUSTOS O uso do maquinário

De 15 de março a 15 de abril não houve aumento no custo do maquinário nem dos combustíveis. Portanto, o uso das máquinas para a implantação da lavoura no inverno permanece com os valores da tabela abaixo. Qualquer alteração de preços posteriormente será incluído na tabela de 15 de maio.

CUSTO DAS OPERAÇÕES DE MÁQUINAS EMITIDO EM 15.03.91 — DIRETORIA AGROTÉCNICA

Equipamento	Depreciação	Seguro	Manut./Reparos	Combustível	Custo H/T	Custo H/A	Custo H/E	Custo T/H	Ha/Hora	Custo/Ha
Trator 441.24	3,89	311,46	378,00	1.134,59	0,00	0,00	1.134,59	0,00	0,00	0,00
Trator 516.21	4,55	364,38	441,00	1.326,14	0,00	0,00	1.326,14	0,00	0,00	0,00
Trator 550.80	4,86	398,80	504,00	1.446,46	0,00	0,00	1.446,46	0,00	0,00	0,00
Trator 634.44	5,80	447,84	567,00	1.654,88	0,00	0,00	1.654,88	0,00	0,00	0,00
Trator 699.80	6,17	493,96	756,00	1.955,96	0,00	0,00	1.955,96	0,00	0,00	0,00
Trator 812.60	7,17	573,60	819,00	2.212,37	0,00	0,00	2.212,37	0,00	0,00	0,00
Trator 110 CV	3.728,32	34,95	2.796,24	882,00	0,00	7.441,51	0,00	7.441,51	0,90	8.269,34
Trator 120 CV	4.039,08	37,87	3.029,76	745,00	0,00	8.052,31	0,00	8.052,31	0,90	8.947,01
Trator 133.50	0,92	59,23	0,00	0,00	0,00	193,35	1.691,81	0,48	3.420,44	0,00
Trator 167.76	0,65	74,55	0,00	0,00	0,00	242,97	1.691,43	0,48	3.523,81	0,00
Trator 239.74	0,93	106,55	0,00	0,00	0,00	347,22	1.795,68	1,06	1.894,04	0,00
Trator 259.92	1,01	115,52	0,00	0,00	0,00	376,45	1.824,91	1,06	1.721,61	0,00
Trator 162.00	0,63	72,00	0,00	0,00	0,00	234,63	1.683,09	1,59	1.058,55	0,00
Trator 190.00	0,78	89,60	0,00	0,00	0,00	291,98	1.740,44	1,59	1.094,52	0,00
Trator 201.60	0,84	95,04	0,00	0,00	0,00	311,92	1.782,00	1,59	1.136,44	0,00
Trator 213.20	0,90	102,00	0,00	0,00	0,00	332,10	1.824,91	1,59	1.178,36	0,00
Trator 224.80	0,96	108,00	0,00	0,00	0,00	352,37	1.867,43	1,59	1.220,28	0,00
Trator 236.40	1,02	114,00	0,00	0,00	0,00	372,64	1.910,00	1,59	1.262,20	0,00
Trator 248.00	1,08	120,00	0,00	0,00	0,00	392,91	1.952,52	1,59	1.304,12	0,00
Trator 259.60	1,14	126,00	0,00	0,00	0,00	413,18	1.995,09	1,59	1.346,04	0,00
Trator 271.20	1,20	132,00	0,00	0,00	0,00	433,45	2.037,61	1,59	1.387,96	0,00
Trator 282.80	1,26	138,00	0,00	0,00	0,00	453,72	2.080,18	1,59	1.429,88	0,00
Trator 294.40	1,32	144,00	0,00	0,00	0,00	473,99	2.122,75	1,59	1.471,80	0,00
Trator 306.00	1,38	150,00	0,00	0,00	0,00	494,26	2.165,27	1,59	1.513,72	0,00
Trator 317.60	1,44	156,00	0,00	0,00	0,00	514,53	2.207,84	1,59	1.555,64	0,00
Trator 329.20	1,50	162,00	0,00	0,00	0,00	534,80	2.250,41	1,59	1.597,56	0,00
Trator 340.80	1,56	168,00	0,00	0,00	0,00	555,07	2.292,98	1,59	1.639,48	0,00
Trator 352.40	1,62	174,00	0,00	0,00	0,00	575,34	2.335,55	1,59	1.681,40	0,00
Trator 364.00	1,68	180,00	0,00	0,00	0,00	595,61	2.378,12	1,59	1.723,32	0,00
Trator 375.60	1,74	186,00	0,00	0,00	0,00	615,88	2.420,70	1,59	1.765,24	0,00
Trator 387.20	1,80	192,00	0,00	0,00	0,00	636,15	2.463,27	1,59	1.807,16	0,00
Trator 398.80	1,86	198,00	0,00	0,00	0,00	656,42	2.505,84	1,59	1.849,08	0,00
Trator 410.40	1,92	204,00	0,00	0,00	0,00	676,69	2.548,41	1,59	1.891,00	0,00
Trator 422.00	1,98	210,00	0,00	0,00	0,00	696,96	2.590,98	1,59	1.932,92	0,00
Trator 433.60	2,04	216,00	0,00	0,00	0,00	717,23	2.633,55	1,59	1.974,84	0,00
Trator 445.20	2,10	222,00	0,00	0,00	0,00	737,50	2.676,12	1,59	2.016,76	0,00
Trator 456.80	2,16	228,00	0,00	0,00	0,00	757,77	2.718,70	1,59	2.058,68	0,00
Trator 468.40	2,22	234,00	0,00	0,00	0,00	778,04	2.761,27	1,59	2.100,60	0,00
Trator 480.00	2,28	240,00	0,00	0,00	0,00	798,31	2.803,84	1,59	2.142,52	0,00
Trator 491.60	2,34	246,00	0,00	0,00	0,00	818,58	2.846,41	1,59	2.184,44	0,00
Trator 503.20	2,40	252,00	0,00	0,00	0,00	838,85	2.888,98	1,59	2.226,36	0,00
Trator 514.80	2,46	258,00	0,00	0,00	0,00	859,12	2.931,55	1,59	2.268,28	0,00
Trator 526.40	2,52	264,00	0,00	0,00	0,00	879,39	2.974,12	1,59	2.310,20	0,00
Trator 538.00	2,58	270,00	0,00	0,00	0,00	899,66	3.016,70	1,59	2.352,12	0,00
Trator 549.60	2,64	276,00	0,00	0,00	0,00	919,93	3.059,27	1,59	2.394,04	0,00
Trator 561.20	2,70	282,00	0,00	0,00	0,00	940,20	3.101,84	1,59	2.435,96	0,00
Trator 572.80	2,76	288,00	0,00	0,00	0,00	960,47	3.144,41	1,59	2.477,88	0,00
Trator 584.40	2,82	294,00	0,00	0,00	0,00	980,74	3.186,98	1,59	2.519,80	0,00
Trator 596.00	2,88	300,00	0,00	0,00	0,00	1.001,01	3.229,55	1,59	2.561,72	0,00
Trator 607.60	2,94	306,00	0,00	0,00	0,00	1.021,28	3.272,12	1,59	2.603,64	0,00
Trator 619.20	3,00	312,00	0,00	0,00	0,00	1.041,55	3.314,70	1,59	2.645,56	0,00
Trator 630.80	3,06	318,00	0,00	0,00	0,00	1.061,82	3.357,27	1,59	2.687,48	0,00
Trator 642.40	3,12	324,00	0,00	0,00	0,00	1.082,09	3.399,84	1,59	2.729,40	0,00
Trator 654.00	3,18	330,00	0,00	0,00	0,00	1.102,36	3.442,41	1,59	2.771,32	0,00
Trator 665.60	3,24	336,00	0,00	0,00	0,00	1.122,63	3.484,98	1,59	2.813,24	0,00
Trator 677.20	3,30	342,00	0,00	0,00	0,00	1.142,90	3.527,55	1,59	2.855,16	0,00
Trator 688.80	3,36	348,00	0,00	0,00	0,00	1.163,17	3.570,12	1,59	2.897,08	0,00
Trator 700.40	3,42	354,00	0,00	0,00	0,00	1.183,44	3.612,70	1,59	2.939,00	0,00
Trator 712.00	3,48	360,00	0,00	0,00	0,00	1.203,71	3.655,27	1,59	2.980,92	0,00
Trator 723.60	3,54	366,00	0,00	0,00	0,00	1.223,98	3.697,84	1,59	3.022,84	0,00
Trator 735.20	3,60	372,00	0,00	0,00	0,00	1.244,25	3.740,41	1,59	3.064,76	0,00
Trator 746.80	3,66	378,00	0,00	0,00	0,00	1.264,52	3.782,98	1,59	3.106,68	0,00
Trator 758.40	3,72	384,00	0,00	0,00	0,00	1.284,79	3.825,55	1,59	3.148,60	0,00
Trator 770.00	3,78	390,00	0,00	0,00	0,00	1.305,06	3.868,12	1,59	3.190,52	0,00
Trator 781.60	3,84	396,00	0,00	0,00	0,00	1.325,33	3.910,70	1,59	3.232,44	0,00
Trator 793.20	3,90	402,00	0,00	0,00	0,00	1.345,60	3.953,27	1,59	3.274,36	0,00
Trator 804.80	3,96	408,00	0,00	0,00	0,00	1.365,87	3.995,84	1,59	3.316,28	0,00
Trator 816.40	4,02	414,00	0,00	0,00	0,00	1.386,14	4.038,41	1,59	3.358,20	0,00
Trator 828.00	4,08	420,00	0,00	0,00	0,00	1.406,41	4.080,98	1,59	3.400,12	0,00
Trator 839.60	4,14	426,00	0,00	0,00	0,00	1.426,68	4.123,55	1,59	3.442,04	0,00
Trator 851.20	4,20	432,00	0,00	0,00	0,00	1.446,95	4.166,12	1,59	3.483,96	0,00
Trator 862.80	4,26	438,00	0,00	0,00	0,00	1.467,22	4.208,70	1,59	3.525,88	0,00
Trator 874.40	4,32	444,00	0,00	0,00	0,00	1.487,49	4.251,27	1,59	3.567,80	0,00
Trator 886.00	4,38	450,00	0,00	0,00	0,00	1.507,76	4.293,84	1,59	3.609,72	0,00
Trator 897.60	4,44	456,00	0,00	0,00	0,00	1.528,03	4.336,41	1,59	3.651,64	0,00
Trator 909.20	4,50	462,00	0,00	0,00	0,00	1.548,30	4.378,98	1,59	3.693,56	0,00
Trator 920.80	4,56	468,00	0,00	0,00	0,00	1.568,57	4.421,55	1,59	3.735,48	0,00
Trator 932.40	4,62	474,00	0,00	0,00	0,00	1.588,84	4.464,12	1,59	3.777,40	0,00
Trator 944.00	4,68	480,00	0,00	0,00	0,00	1.609,11	4.506,70	1,59	3.819,32	0,00
Trator 955.60	4,74	486,00	0,00	0,00	0,00	1.629,38	4.549,27	1,59	3.861,24	0,00
Trator 967.20	4,80	492,00	0,00	0,00	0,00	1.649,65	4.591,84	1,59	3.903,16	0,00
Trator 978.80	4,86	498,00	0,00	0,00	0,00	1.669,92	4.634,41	1,59	3.945,08	0,00
Trator 990.40	4,92	504,00	0,00	0,00	0,00	1.690,19	4.676,98	1,59	3.987,00	0,00
Trator 1.002.00	4,98	510,00	0,00	0,00	0,00	1.710,46	4.719,55	1,59	4.028,92	0,00
Trator 1.013.60	5,04	516,00	0,00	0,00	0,00	1.730,73	4.762,12	1,59	4.070,84	0,00
Trator 1.025.20	5,10	522,00	0,00	0,00	0,00	1.751,00	4.804,70	1,59	4.112,76	0,00
Trator 1.036.80	5,16	528,00	0,00	0,00	0,00	1.771,27	4.847,27	1,59	4.154,68	0,00
Trator 1.048.40	5,22	534,00	0,00	0,00	0,00	1.791,54	4.889,84	1,59	4.196,60	

COOPERATIVA DE CRÉDITO RURAL DE TENENTE PORTELA LTDA. - CREDITEPO

BALANÇO PATRIMONIAL - EXERCÍCIO 1990

MENSAGEM DA DIRETORIA

Senhor Associado:

A COOPERATIVA DE CRÉDITO RURAL DE TENENTE PORTELA LTDA — CREDITEPO, instalada em 18 de agosto de 1990, em seus primeiros meses de funcionamento, pode se dizer que a luta foi árdua; encontramos muitas dificuldades, como, a quase inexistência por parte do Governo Federal de incentivos Financeiros destinados aos Setores Primários da Agricultura, e em consequência, a grande falta de capital de giro nas mãos do produtor Associado, mas, mesmo assim a CREDITEPO está se desenvolvendo muito bem.

Fundada por 26 (vinte e seis) agricultores associados à COTRIJUÍ que nos deu todo o apoio, tanto financeiro como de infra-estrutura. Contamos em 31 de dezembro de 1990, com 490 (quatrocentos e noventa) Associados, que apesar dos problemas já citados, conseguimos financiar algumas atividades, através de repasse do BANCO DO BRASIL S/A, e empréstimos de curto prazo com custos financeiros inferiores a outras instituições, com verbas da própria Cooperativa e recursos repassados pela COCECRER, procurando sempre atender as necessidades mais urgentes.

A colaboração da COTRIJUÍ, Diretores, Gerentes e Funcionários, BANCO DO BRASIL S/A, Gerência e Funcionários e da comunidade em geral, foi o ponto chave para o crescimento da nossa COOPERATIVA.

Acreditamos que com o esforço da Diretoria, Funcionários e dos Associados, a CREDITEPO que até o momento está em excelente situação, continue crescendo e a cada dia, cada vez mais possa atender às necessidades e os interesses de seu quadro social, cumprindo assim os objetivos para que foi criada, proporcionando aos Associados a centralização do movimento financeiro de suas atividades.

ATIVO

CIRCULANTE.....	Cr\$ 14.816.007,88
DISPONIBILIDADE.....	Cr\$ 3.112.115,11
Caixa.....	Cr\$ 1.470,00
Depósitos Bancários.....	Cr\$ 3.110.645,11
OPERAÇÕES DE CRÉDITO.....	Cr\$ 11.703.892,77
Empréstimos e Títulos Descontados.....	Cr\$ 1.213.609,22
Financiamento Rural e Agroindustrial.....	Cr\$ 10.490.283,55
PERMANENTE.....	Cr\$ 725.737,54
INVESTIMENTOS.....	Cr\$ 153.211,87
Ações e Cotas.....	Cr\$ 153.211,87
IMOBILIZADO DE USO.....	Cr\$ 572.525,67
Inst. Móveis e Equip. de Uso.....	Cr\$ 276.314,29
Outros.....	Cr\$ 296.211,38
COMPENSAÇÃO.....	Cr\$ 2.611.276,83
CONTROLES.....	Cr\$ 2.611.276,83
Outras Contas de Compensação Ativas.....	Cr\$ 2.611.276,83
TOTAL DO ATIVO.....	Cr\$ 18.153.022,25

OBS: As notas explicativas são parte integrante das demonstrações financeiras

PASSIVO

CIRCULANTE.....	Cr\$ 13.088.413,35
DEPÓSITOS.....	Cr\$ 2.188.249,57
Depósito à Vista.....	Cr\$ 2.188.249,57
OBRIG. P/EMPRÉSTIMOS E REPASSES.....	Cr\$ 10.525.289,51
Emprest. no País - Outras Instituições.....	Cr\$ 152.139,83
Repasse no País - Instituições Oficiais.....	Cr\$ 10.373.149,68
OUTRAS OBRIGAÇÕES.....	Cr\$ 374.874,27
Cobr. e Arrec. Trib. Assem.....	Cr\$ 102.186,97
Sociais e Estatutárias.....	Cr\$ 17.738,75
Fiscais e Previdenciárias.....	Cr\$ 122.315,40
Diversas.....	Cr\$ 132.633,15
PATRIMÔNIO LÍQUIDO.....	Cr\$ 2.453.332,07
PATRIMÔNIO LÍQUIDO.....	Cr\$ 2.453.332,07
Capital Social.....	Cr\$ 1.365.123,30
Correção Monetária do Capital.....	Cr\$ 751.176,58
Reservas de Lucros.....	Cr\$ 35.477,50
Sobras ou Perdas.....	Cr\$ 301.554,69
COMPENSAÇÃO.....	Cr\$ 2.611.276,83
CONTROLE.....	Cr\$ 2.611.276,83
Outras Contas de Comp. Passivas.....	Cr\$ 2.611.276,83
TOTAL DO PASSIVO.....	Cr\$ 18.153.022,25

OBS.: As notas explicativas são parte integrante das demonstrações financeiras.

MÁRIO PALUDO
Diretor Presidente
CPF 174.259.300-30

MILTON LUIZ CALGARO
Dir. Crédito Rural
CPF 420.222.660-72

NELSON COLDEBELLA
Diretor Administrativo
CPF 174.294.800-63

RENATO MÜLLER BECKER
Técnico Contábil
CPF 190.381.860-53
CRC-RS 48052

PARECER DO CONSELHO FISCAL

O Conselho Fiscal da COOPERATIVA DE CRÉDITO RURAL DE TENENTE PORTELA LTDA. — CREDITEPO, no desempenho de suas funções legais e Estatutárias, tendo acompanhado as atividades da Cooperativa durante o transcurso do exercício social, examinando regularmente os Balancetes Mensais, o Balanço Geral, o Demonstrativo das Sobras e Perdas e demais documentos, compreendendo o primeiro e o segundo semestre do exercício encerrado em 31 de dezembro de 1990, entendendo que as contas expressam a realidade existente nos registros contábeis e refletem corretamente a posição econômico-financeira e patrimonial da CREDITEPO. Manifesta-se por seus membros abaixo assinados, de PARECER FAVORÁVEL à aprovação pela Assembléia Geral Ordinária a realizar-se no dia 20 de março de 1991.

Tenente Portela (RS), 08 de março de 1991

CARLOS ALBERTO BANDEIRA
Conselheiro Fiscal
CPF 332.805.500-25

DELARMANDO PORTOLAN
Conselheiro Fiscal
CPF 081.900.540-15

BERNARDO ARLINDO FIGUR
Conselheiro Fiscal
CPF 116.647.460-72

II DEMONSTRAÇÕES DO RESULTADO DO EXERCÍCIO DE 1990

DISCRIMINAÇÃO	2º SEM./90	EXERC. 90
RECEITAS OPERACIONAIS — (1).....	5.167.943,41	5.167.943,41
Rendas de Operações de Crédito.....	4.995.745,30	4.995.745,30
Rendas de Prestações de Serviços.....	149.052,95	149.052,95
Outras Receitas Operacionais.....	23.145,16	23.145,16
DESPESAS OPERACIONAIS — (2).....	(4.216.561,30)	(4.216.561,30)
Desp. de Obrig. p/Emp. e Rep. no País.....	(2.270.271,63)	(2.270.271,63)
Desp. de Pessoal — Prov. Benef. Trein. e Enc.		
Sociais.....	(992.852,86)	(992.852,86)
Outras Despesas Administrativas.....	(747.447,67)	(747.447,67)
Aprovisionamento e Ajustes Patrim.....	(13.580,74)	(13.580,74)
Outras Despesas Operacionais.....	(192.408,40)	(192.408,40)
RESULTADO OPERACIONAL (1 — 2) (3).....	951.382,11	951.382,11
RESULTADO CORREÇÃO MONETÁRIA (4).....	(596.611,17)	(596.611,17)
PARTICIPAÇÃO ESTAT. NO LUCRO (5).....	(17.738,75)	(17.738,75)
Fundo de Assit. e Previdência.....	(17.738,75)	(17.738,75)
SOBRAS LÍQUIDAS DO EXERCÍCIO (3-4-5).....	337.032,19	337.032,19

MÁRIO PALUDO
Diretor Presidente
CPF 174.259.300-30

MILTON LUIZ CALGARO
Dir. Crédito Rural
CPF 420.222.660-72

NELSON COLDEBELLA
Diretor Administrativo
CPF 174.294.800-63

RENATO MÜLLER BECKER
Técnico Contábil
CPF 190.381.860-53
CRC-RS 48052

III — NOTAS EXPLICATIVAS

Nota 01 — APRESENTAÇÃO DAS DEMONSTRAÇÕES FINANCEIRAS

a) Estão sendo apresentadas de acordo com Legislação Específica do Sistema Cooperativo e preceitos do plano contábil das instituições do Sistema Financeiro Nacional — COSIF.

Nota 02 — PRINCIPAIS PRÁTICAS CONTÁBEIS

a) APURAÇÃO DO RESULTADO:

— As Receitas e Despesas são apropriadas mensalmente, pelo regime de competência.

b) OPERAÇÕES ATIVAS E PASSIVAS:

— As operações Ativas e Passivas com encargos pré e pós fixados são registradas pelo valor principal, com acréscimos dos respectivos encargos incorridos inclusive atualizações monetária observada a periodicidade da capitalização contratual.

c) EFEITOS INFLACIONÁRIOS:

— Reconhecidos através da Correção Monetária dos valores que compõe o Ativo Permanente e Patrimônio Líquido, com base na variação do BTNF e, cujo saldo encontra-se refletido no resultado do semestre.

d) INVESTIMENTOS:

— Estão demonstrados ao custo da aquisição e corrigidos monetariamente.

e) IMOBILIZADO:

— Demonstrado pelo custo de aquisição e corrigido monetariamente. As depreciações são calculadas pelo método linear com base em taxas determinadas pelo prazo de vida estimado.

* Móveis e Equipamentos de Uso..... 10% a.a.

* Sistema Equipamento de Proc. de Dados..... 20% a.a.

Nota 03 — OBRIGAÇÕES POR EMPRÉSTIMOS E REPASSES

— Os empréstimos e Repasses no País, são compostos por recursos originários do Banco do Brasil S/A, os quais são destinados exclusivamente à Associados da Cooperativa.

Nota 04 — CAPITAL SOCIAL

— O Capital Social está representado pela participação de 490 (quatrocentos e noventa) Associados, atingindo o montante de Cr\$ 1.365.123,30, mais a Correção Monetária no montante de Cr\$ 751.176,58. Totalizando Cr\$ 2.116.299,88.

MÁRIO PALUDO
Diretor Presidente
CPF 174.259.300-30

MILTON LUIZ CALGARO
Dir. Crédito Rural
CPF 420.222.660-72

NELSON COLDEBELLA
Diretor Administrativo
CPF 174.294.800-63

RENATO MÜLLER BECKER
Técnico Contábil
CPF 190.381.860-53
CRC-RS 48052

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

(Eleitos para o período 1989/1992)

Diretor Presidente: Mário Paludo
Diretor Administrativo: Nelson Coldebella
Diretor de Crédito Rural: Milton Luiz Calgaro

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO:

EFETIVOS:

Carlito Geraldo Brezolin
João Santos da Luz
Selênio Sandri

SUPLENTES

Anelio Pelizan
José Welci Monteiro
Severino Boni

CONSELHO FISCAL

EFETIVOS:

Bernardo Arlindo Figur
Carlos Alberto Bandeira
Delarmando Portolan

SUPLENTES

Afonso Amandio Ritter
Angelo Broetto
Nilo Antônio Piccinini

SÓCIOS FUNDADORES:

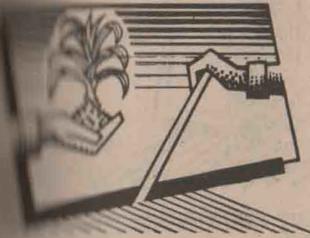
Afonso Amandio Ritter
Albino Jorge Fochesatto
Alfredo Dionisio Gaviraghi
Anélio Pelizan
Angelo Broetto
Arlindo Walk
Bernardo Arlindo Figur
Carlito Geraldo Brezolin
Carlos Alberto Bandeira

Dealmo Schneider
Delarmando Portolan
Deoclides Eloy
Euclides Rossetti
João Santos da Luz
José Welci Monteiro
Josué Dallabrida
Mário Paludo
Milton Luiz Calgaro

Nelson Coldebella
Nilo Antônio Piccinini
Nilson Calgaro
Selênio Sandri
Selvino Gehrke
Severino Boni
Vendelino Panassolo Pandolfo
Valdir Furini

Os cuidados do pomar

Aqui todas as práticas para a implantação e condução do pomar. Na próxima edição, a orientação completa para fazer a poda



o sucesso no desempenho de uma planta está relacionado com o conjunto de práticas que forem adotadas na sua implantação. A afirmação do supervisor de hortigranjeiros da Embrapa, João Agostinho Boaro e, se não é válida para qualquer cultura, é especialmente verdadeira para o pomar, já que este é constituído por uma população de plantas de comportamento perene. "Todas as práticas de manejo empregadas no pomar têm efeito cumulativo ao longo dos anos, influenciando no estabelecimento da vida útil, produtividade e vida do pomar", explica o agrônomo.

Boaro lembra ainda que o uso de práticas impróprias ou ainda a falta de providência na fase de implantação e condução do pomar podem proporcionar sérios prejuízos e comprometimento do seu potencial produtivo.

O potencial de produção do pomar depende, portanto, reforça o agrônomo, fundamentalmente, do conjunto de todas as práticas de manejo. Deve ser levado em conta pelo produtor desde o momento em que se define a finalidade do seu pomar, seja para fins comerciais ou se é destinado ao consumo doméstico. No primeiro caso, o cuidado com as práticas empregadas de cultivo deve ser ainda mais rigoroso, pois os investimentos são maiores e há uma necessidade de retorno econômico, salienta Boaro.

As principais práticas de manejo empregadas na implantação como na sua condução, são destacadas pelo Boaro a seguir:

Localização da plantação: Dar preferência para a exposição leste. A orientação menos desejável é a sul, devido aos ventos frios e insolação excessiva. Escolher uma área livre de ventos fortes e providenciar o plantio de quebra-ventos.

Preparo do solo e correção: O solo deve ser descompactado com o uso de subsolador e a área devidamente corrigida. O calcário deve ser aplicado de acordo com análise de solo.

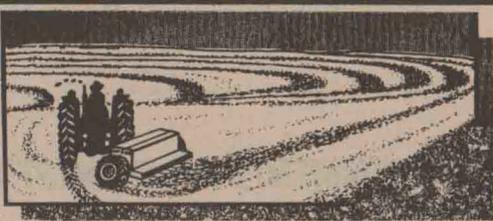
Variedade a ser escolhida: Quando se trata de pomar doméstico, a escolha deve ser de comportamento diversificado e durante o ano. Quando o pomar é comercial, a escolha deve recair sobre variedades adequadas para este fim.

Muda: A muda é um fator decisivo na produção. Ela deve ser adquirida em viveiros com idoneidade comprovada, ter copas com boa processadura, raízes produtivas livres de pragas e doenças.

Plantio e espaçamento: No pomar doméstico, utilizar covas com dimensões de 40 x 40 centímetros e espaçamento de até cinco metros entre as linhas de plantio seguindo o relevo do terreno, utilizar espaçamentos que permita um bom desempenho da planta, facilidade na realização dos trabalhos culturais e o cultivo ininterrupto nos primeiros anos para evi-

tar a ociosidade do solo antes da produção. Para a maioria das espécies, o espaçamento é de 6 metros x 3 metros. Nos pomares de grande extensão recomenda-se a abertura de covas apenas na mesma dimensão de profundidade em que a muda veio do viveiro. Quanto ao adubo é sempre indicado o uso de esterco e adubo químico.

Uma recomendação especial à laranjeira, para qual se recomenda o uso de calcário na cova (cerca de 200 gramas), pois o cálcio é importante para o desenvolvimento das raízes dos citros. Como observação final, o lembrete de que desde a implantação nunca é demais procurar orientação técnica.



Aveia na rotação de culturas

A diversificação de culturas e, em especial, a integração lavoura e pecuária, com vistas à rotação de culturas e o consequente desenvolvimento de sistemas de produção mais sustentáveis economicamente, são preocupações da Cotrijuí, de forma pioneira no Estado, desde o início da década de 80.

A falta de opções adequadas a este propósito, levou a Cooperativa a desenvolver um programa de experimentação e pesquisa no CTC (Centro de Treinamento Cotrijuí) visando identificar e introduzir na região, culturas alternativas realmente adequadas.

A debilidade da monocultura - no caso do trigo e soja - já se fazia antever desde então e, atualmente, já foi exaustivamente demonstrada pela pesquisa e pela prática a nível de propriedade.

As doenças do trigo - tanto na parte aérea como das raízes - tem afetado negativamente e significativamente o rendimento desta cultura. O emprego de fungicidas para o controle das doenças - principalmente radiculares - não tem se revelado muito eficiente. A melhor forma de contornar ou pelo menos reduzir o problema está, sem sombra de dúvida, na rotação com culturas não suscetíveis, interrompendo o ciclo de vida das doenças.

O CNPT - Centro Nacional de Pesquisa do Trigo da Embrapa, testou a reação de diversos cereais de inverno (cevada, trigo, triticale, centeio e aveia) à podridão comum de raízes do trigo - *Helminthosporium sativum*. A aveia apresentou o menor grau de infecção, e também, não contribuiu para aumentar a densidade de inóculo no solo. O centeio contribuiu significativamente para o aumento do inóculo.

CONDUÇÃO DO POMAR EM DESENVOLVIMENTO - Entre as muitas práticas importantes para esta fase, destacam-se as seguintes:

* **Cobertura do solo-adubação verde:** É importante para evitar a erosão do solo entre as linhas da planta, melhorar a estrutura do solo, promover a reciclagem de nutrientes, evitar o desenvolvimento de ervas indesejáveis, protege o sistema radicular de algumas plantas, contribui para a manutenção da umidade do solo e serve de abrigo aos inimigos naturais do pomar.

Cabe salientar que na maioria das espécies frutíferas, grande parte

das raízes estão localizadas a dois metros de distância do tronco e a uma profundidade de 50 centímetros. Portanto, ao realizar o plantio de uma cultura intercalada devemos ter o cuidado de revolver a menor camada possível de solo para não atingir as raízes, o que traria prejuízos às plantas. Por esta mesma razão, jamais deve utilizar-se grades no interior de um pomar estabelecido. As espécies mais recomendadas para semear entre as linhas de frutíferas são as leguminosas como: ervilhaca, sincho, trevos, mas pode ser utilizado também a aveia, desde que seja roçada ou dessecada quando inicia a floração.

SOLOS

Coordenação do eng. agr. Rivaldo Dhein/CTC e do Clube Amigos da Terra de Ijuí, com a colaboração do pesquisador do CTC, Luiz Volney Viau

TABELA 01 - Efeito da rotação de culturas na intensidade de doenças radiculares e rendimento de grãos de trigo. CNPT/Embrapa, 1982

Anos de cultivo				Anos sem trigo	Grau de Infecção (%)	Rend. Grãos (Kg/ha)
1979	1980	1981	1982			
C/T	Trigo	Trigo	Trigo	0	74,7	377
C/T	Trigo	Tremoço	Trigo	1	54,9	1.045
Trigo	Aveia	Linho	Trigo	2	25,7	2.184
Trigo	Tremoço	Colza	Trigo	2	23,4	2.340
C/Trigo	Trevo	Trevo	Trigo	2	20,2	2.044
Trigo	Pousio	Tremoço	Trigo	2	16,3	2.177

C/T: Cevada ou trigo Rnte - Reis et alii, 1983

Ainda no CNPT, observou-se que a interrupção do plantio do trigo por um, dois ou três anos, influi significativamente sobre o rendimento da cultura. A tabela 01 mostra isto com muita clareza. Quando o trigo foi plantado todos os anos, o grau de infecção das raízes foi muito alto (74,7 por cento) e o rendimento da cultura muito baixo (377 Kg/ha). Com apenas um ano sem trigo, o rendimento já aumentou para mais de 1.000 g/ha e, com dois anos, superou os 2.000 g/ha.

Mais uma vez, a inclusão da aveia na rotação destacou-se contribuindo para reduzir (ou pelo menos manter baixo) o grau de infecção de doenças radiculares (25,7 por cento) e aumentar os rendimentos (2.184 Kg/ha).

O cultivo de aveia no inverno, também tem revelado benefícios sobre algumas culturas de verão.

O plantio de milho, soja e feijão sobre dez diferentes coberturas de solo no inverno, em Londrina, no Paraná, revelou que o milho, que é uma gramínea, produziu os melhores rendimentos após leguminosas como o tremoço e a ervilhaca (6.410 e 6.320 Kg/ha respectivamente). Já a soja e o feijão - que são leguminosas - produziram mais, exatamente após o cultivo da aveia preta (2.670 e 740 Kg/ha respectivamente).

A aveia demonstra interferir de diversas maneiras sobre o solo e sobre as culturas que a seguem. A sua utilização como cobertura verde (ou morta) do solo no inverno e primavera, antes dos plantios de verão, parece exercer algum efeito alelopático

(efeito nocivo, de controle) sobre algumas invasoras, reduzindo drasticamente a sua infestação. O centeio e o nabo forrageiro também sugerem este comportamento (trabalhos realizados pelo LAPAR).

Até mesmo como planta de adubação verde, a aveia preta se destaca. Embora não seja uma leguminosa - estas são capazes de fixar Nitrogênio (N) do ar atmosférico - a aveia produz uma interessante reciclagem de nutrientes, especialmente Nitrogênio. Num trabalho em que foi comparada com tremoço branco, ervilhaca peluda, trigo e nabo forrageiro, destacou-se como a cultura que mais Nitrogênio continha em seus tecidos (em Kg/ha), sendo 50 Kg no sistema radicular e 97 Kg na parte aérea.

Se for utilizada como adubação verde, reincorpora (recicla) todo este Nitrogênio ao solo, e agora, na forma orgânica. Nesta forma estará seguro contra as perdas por lixiviação (lavagem) e volatilização (evaporação), sendo lentamente liberado, através da mineralização da Matéria Orgânica, e colocado à disposição da cultura subsequente.

Finalmente, por apresentar um sistema radicular abundante, por cobrir rapidamente o solo, por produzir satisfatoriamente grão e massa verde, e por possibilitar o pastoreio, a fenação e até mesmo a ensilagem, a aveia tem-se revelado uma cultura muito adequada às condições da agricultura regional, perfeitamente adaptada ao sistema de rotação de culturas.

Além de tudo isto, ainda se adapta muito bem ao plantio direto, sendo até o momento, a melhor opção de que dispomos para produzir uma abundante "camada de palha" para o plantio direto da soja.

TERNEIRAS

Criação com qualidade

Em convênio com a CCGL, a Cotrijuí lança um programa de criação de terneiras que vai permitir o melhoramento do rebanho pelo próprio produtor. Na área de atuação da Cooperativa, 626 animais dão início ao programa

Os produtores de leite têm agora a possibilidade de criarem suas terneiras, desde o nascimento até seis meses de idade, dentro de um bom padrão zootécnico, de forma que elas possam substituir as vacas descartadas, melhorando a qualidade do rebanho, aumentando a produtividade e consequentemente a produção. A possibilidade surge com o programa de criação de terneiras, lançado na segunda semana de abril pela Cotrijuí em convênio com a CCGL, o qual contempla produtores de leite de todas as unidades da Cooperativa, através de financiamento dos insumos necessários à criação.

Além dos requisitos básicos para participar do programa, o financiamento exige que cada produtor tenha no mínimo duas terneiras (número máximo não é exigido, desde que o produtor comprove capacidade de criação). Cumprindo este requisito, ele terá direito então de financiar durante o período, 35 quilos de terneleite, 200 quilos de ração para terneira, um frasco de desinfetante, um frasco de vermifugador, todas as vacinas necessárias, além da assistência técnica permanente.

Por todos estes insumos, o produtor pagará por terneira, 762 litros de leite, num prazo de 18 meses. O pagamento, contudo, pode ser feito em duas modalidades: ou ele paga

em três parcelas, com vencimento semestral equivalente a 254 litros de leite, ou em seis parcelas, com vencimento trimestral no valor de 127 litros de leite.

DISTRIBUIÇÃO - De acordo com o supervisor da área de pecuária leiteira da Cotrijuí Pioneira, veterinário Orlando Bohrer, o programa de financiamento de insumos para terneira deve atingir um total de 626 animais em todas as unidades da Cooperativa. Em Ijuí, deverão ser beneficiadas 186 terneiras, Augusto Pestana, 116, Ajuricaba, 113, Tenente Portela, 83, Santo Augusto, 64, Jóia, 36, Chiapetta, 16 e em Coronel Bicaço, 12. O ressarcimento da aquisição dos insumos para todos estes animais, em 18 meses, vai servir, segundo Orlando, para formar um fundo de sustentação para que o programa seja estendido a um número maior de produtores.

Com todos os insumos na mão, o produtor não pode descuidar da programação alimentar das terneiras, avisa o veterinário. Ele lembra, por exemplo, que para desaleitar a terneira, o animal deve estar consumindo uma boa quantidade de volumosos, como silagem e feno. Trato esse que pode iniciar lá pelo 45º dia, através do fornecimento de silagem de milho de boa qualidade à vontade. Orlando chama atenção ainda para as normas de diluição do terneleite (pó) na água. "A água deve ser morna e o composto fornecido imediatamente, já que o leite muito quente ou frio pode causar diarreia.

INSCRIÇÃO - Por fim, Orlando informa que todos os produtores interessados deverão se inscrever com os técnicos ligados a produção de leite de suas unidades. Para efetuar a inscrição é preciso, no entanto, contar com uma série de requisitos como a atualização do cadastro, seu preenchimento, ser produtor de leite permanente, não ter cometido fraude e comprovar condições de alimentação da terneira após os seis meses de idade. A terneira deve ainda ser oriunda da inseminação artificial. Como último requisito, a aprovação do produtor de leite pelo comitê de crédito.

CONTROLE SANITÁRIO

DIAS	RECOMENDAÇÃO
1º	Corte e cura do umbigo
15-21	Vacina contra pneumoenterite mais corte das tetas acessórias mais amochamento
29-35	Vacina contra pneumoenterite
43-49	1ª Everminação
85-91	Vacina contra Carbúnculo Hemático mais 2ª everminação
106-112	Vacina Gangrena Grossa e Carbúnculo Sintomático
127-133	Vacina contra Febre Aftosa
134-140	3ª Everminação
148-154	Vacina contra Raiva
169-175	Vacina contra Brucelose
176-182	4ª Everminação

PLANO ALIMENTAR DIÁRIO PARA TERNEIRA ATÉ OS 180 DIAS

IDADE	TERNELEITE		RAÇÃO CONCENTRADA	FENO	PASTAGEM/SILAGEM	ÁGUA
	MANHA	TARDE				
01 - 05 dias	colostro	colostro	—	—	—	Livre acesso
06 - 14 dias	2	2	—	—	—	Livre acesso
15 - 49 dias	2,5	2,5	À disposição	À disposição	À vontade	Livre acesso
50 - 63 dias	2	2	Até 1,5 Kg	Até 1 Kg	À vontade	Livre acesso
64 - 77 dias	1,5	1,5	Até 2 Kg	Até 1 Kg	À vontade	Livre acesso
78 - 90 dias	1	1	2 Kg	1 Kg	À vontade	Livre acesso
03 meses	—	—	1,5 Kg	1 Kg	À vontade	Livre acesso
04 meses	—	—	1,2 Kg	1 Kg	À vontade	Livre acesso
05 meses	—	—	1 Kg	1 Kg	À vontade	Livre acesso
06 meses	—	—	1 Kg	1 Kg	À vontade	Livre acesso



Coordenação: Médico veterinário Orlando Luiz Maciel Bohrer
Colaboração: Engenheiro agrônomo Jair Mello

PREÇOS DO LEITE

Por curto espaço de tempo, o leite ficou com seus preços "livres", novamente foi tabelado, ou melhor, congelado a nível de produtor e consumidor, assim como os valores dos tickets e subprodutos, todos com valores defasados. Entretanto, ao que parece, o governo tem alentado com um refinamento para os subprodutos do leite, o que talvez mexa um pouco com os preços no futuro.

Preço do leite: março-abril/91

Leite consumo	Cr\$ 45,00	Leite indústria	Cr\$ 34,00
bonificação	Cr\$ 5,00	bonificação	Cr\$ 5,00
	Cr\$ 50,00		Cr\$ 39,00

RECEBIMENTO DO TRIMESTRE

Se avaliarmos a seca que se abateu em nossa região e em todo o Estado, podemos considerar este primeiro trimestre como altamente positivo, afirmando que os nossos produtores estão conseguindo manter uma evolução da atividade nas suas propriedades. Como demonstra a tabela abaixo, as recomendações que há muito tempo vêm sendo feitas, estão sendo seguidas, pelo produtor tem usado reservas de alimentos, como silagem, feno, pastagens anuais ou perenes. Neste ano, por causa da estiagem usou-se inclusive o milho verde de melhor qualidade (pé inteiro que não poderia dar grão), conseguindo, com isso, manter e até aumentar a produção de leite durante este período crítico para toda a produção agrícola.

Recebimento do leite no 1º trimestre (com estiagem), em 91

Postos de resfriamento de leite	1º trimestre em 91 (em 1.000 Lts)	Percentual comparado ao mesmo período de 90
Ijuí	4.742,8	(-) 5,03%
Ajuricaba	1.709,8	(+) 8,69%
Santo Augusto	1.651,2	(+) 6,03%
Tenente Portela	1.448,0	(+) 0,65%

PERÍODO DE FORMAÇÃO DE COTA

Este período é considerado o mais importante para o produtor de leite e sua produção, pois deste dependerá a regularidade do seu ganho mensal (rentabilidade). Os meses de março, abril, maio, junho e julho devem ser a orientação para se produzir todo o restante do ano, por isso o planejamento das pastagens para pastoreio deve ser o mais cedo possível (aproveitando as chuvas atuais). Para silagem, o mais indicado é fazer o plantio num período intermediário e para o feno, um plantio tardio, obedecendo um escalonamento, onde haja um bom aproveitamento de pastagens e da terra.

CURSO PARA PRODUTORES

Programado para os dias 15, 16 e 17 de maio um curso para produtores de gado leiteiro, a ser realizado no CTC. Nestes três dias serão abordados todos os assuntos referentes a pecuária leiteira. Os associados e filhos que trabalham na área do leite podem fazer as inscrições nas unidades.

MUDAS DE FORRAGEIRA

O setor de pecuária leiteira da Cotrijuí está lembrando aos produtores interessados em formar áreas com pastagens perenes, que o CTC dispõe mudas de bermuda, hemartria e capim-elefante. Os interessados devem entrar em contato com o CTC. A formação de áreas com pastagens perenes é fundamental nos períodos críticos, principalmente no outono, quando há escassez de forrageiras com boa qualidade.

Novidades

Barracas-silo

Projetados e produzidos pela... Coberturas Especiais, de... Alegre, estão penetrando no... silos de lona de porte redu-... destinados ao pequeno agricul-

Segundo o diretor da empresa,... Piedler, os pequenos silos... objetivo de propiciar aos agricul-... uma alternativa própria de... sem que necessite depen-... grandes armazéns da CESA... é reduzido, diz o empresário,... ao pouco material emprega-... estrutura extremamente sim-... conjunto.

com capacidade para três mil... silos de lona têm o preço... menor ao de uma construç-... convencional. Mas a principal... do projeto, conforme Nel-... Piedler, que é engenheiro e o... projetista do silo, está na... e facilidade da instalação...

Novo antiparasitário

A Cyanamid está lançando no... brasileiro um novo antipara-... de largo espectro para bovinos,... ictin. O novo produto, segun-... direção da empresa, oferece uma... custo benefício bastante atra-... em função do baixo volume ne-... na aplicação - injetável. É... em embalagens de 50, ... 30 ml para rebanhos de 12, 50... animais.

Resultado de pesquisas desen-... pela Cyanamid desde 1984, ... ictin tem como princípio ativo... cydecetin, obtido via processo de... de fungos, tornando, por-... o produto menos tóxico e mais... atacando os parasitas em... fase imatura. Além do controle... de parasitas externos - princi-... carrapatos -, o mais novo... produto da Divisão de... pecuária da Cyanamid também... no controle dos parasitas inter-... vermes pulmonares e gastroin-... A comercialização do Cydec-... como base acordo firmado... Cyanamid do Brasil e a Tortu-... Companhia Zootécnica Agrária.

Shell investe em roupas protetoras

Com o objetivo de manter a sa-... do homem e do meio ambien-... diferentes etapas do processo... se estende desde a formulação... defensivo agrícola até a aplicação... a Shell resolveu investir no... desenvolvimento de equipamentos... proteção individual - EPI's -. Agin-... desta forma, a Shell pensa estar... contribuindo para o fortalecimento... hábito de uso de roupas proteto-... fator importantíssimo para se... a contaminação.

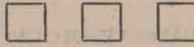
O professor Joaquim M. Neto, ... Universidade Estadual de São... Jaboticabal, fez os estudos no... de identificar as principais... do corpo atingidas em diferen-... tipos de aplicação e manuseio... defensivos usados na lavoura... dados em mãos, a Shell encon-... a empresas produtoras de... kits de roupas protetoras pa-... usadas nas aplicações com... ralizadores costais, aplicações... e no preparo da calda.

ATUALIZAÇÃO EM MILHO

A situação e as perspectivas da cultura do milho no Rio Grande do Sul e no Brasil é o tema de abertura do curso de atualização em milho que se realiza nos dias 22 e 23 de maio, na Afucotri de Ijuí, com abertura marcada para às 8 horas e 45 min. O palestrante é o médico veterinário Carlos Cogo, da CNA em Porto Alegre. Ainda nesta manhã a palestra sobre melhoramento varietal e caracterização dos híbridos comerciais, com Eliezer Winkler, pesquisador do CPATB/Embrapa de Pelotas. Pela tarde, o encontro parte para a elaboração dos Componentes do Rendimento, com o engenheiro agrônomo Oliver Rochauchere, doutorado INAPG/Unijuí, de Paris. Logo após, duas palestras sobre Manejo de Invasoras e Manejo de Pragas, ministradas por José Ruedell e Mauro Tadeu Braga da Silva, ambos da Fundacep/Fecotrigo. No dia 23 a programação inicia com Rotação de Culturas e Plantio Direto, com João Carlos de Sá, da Fundação ABC, Ponta Grossa, Paraná e é seguida pelo tema Transformação e Utilização do Milho, com o gerente de Projetos da Cotrijuí, Robin Bahr. À tarde, Efeitos da Temperatura e Água no Desenvolvimento do Milho, com o pesquisador Ronaldo Matzenauer, do Ipagro. Por fim, os Resultados e Pesquisas no CTC e Áreas Demonstrativas, com os pesquisadores do CTC, Luis Volney Viau e Roberto Carbonera. O curso de milho é aberto a engenheiros agrônomos, veterinários, técnicos agrícolas e estudantes. A promoção é da Cotrijuí, Apaju e da Comissão Regional de Tecnologia Agropecuária.

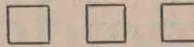
SANIDADE ANIMAL

Santa Maria sediará, no período de 06 a 10 de maio de 1991, o I Encontro Regional de Sanidade Animal. A promoção do evento é do Departamento de Medicina Veterinária Preventiva, da Universidade Federal de Santa Maria.



SEMINÁRIO

Coordenado pela Emater de Chiapetta e contando com o apoio da Cotrijuí, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais e da Prefeitura Municipal acontece no dia 22 de maio, no Salão da Igreja Evangélica daquele município, o Seminário da Pequena Propriedade. O objetivo do seminário é discutir os problemas da pequena propriedade, a fim de que sejam detectados todas as necessidades que devem servir de parâmetro para orientação das entidades envolvidas com o segmento. Com início marcado para às 8h30min, o encontro vai apresentar duas palestras na parte da manhã, sobre situação e alternativas da pequena propriedade, a cargo de representantes da Cotrijuí e da Secretaria de Agricultura de Santa Maria. Pela tarde, os próprios produtores fazem um levantamento das suas propriedades, o qual deve ser registrado em documento, para posteriormente, ser entregue ao governo do Estado, através da Fetag.



MEIO AMBIENTE

Tenente Portela já se prepara para a realização da sua VII Semana do Meio Ambiente, que acontece de 30 de maio a 5 de junho. Da vasta programação, que inclui maratonas, peças teatrais, destaca-se a palestra sobre conservação do solo, que será proferida pelo pesquisador da Cotrijuí Rivaldo Dhein, no dia 31 de maio, às 14 horas no clube Recreativo Comercial. No dia 3 de junho está previsto uma grande rodada de palestras sobre a cultura indígena com vários profissionais do Estado ligados ao setor. No dia 5 se realiza a apresentação do concurso de sementes florestais e plantas medicinais, seguida da premiação. Para encerrar, um fórum de debates sobre a questão ambiental no município. A VII Semana do Meio Ambiente é uma promoção do Parque Florestal Estadual do Turvo e é organizada pelas Secretarias Municipais da Agricultura, da Saúde e da Educação e Cultura e pela Emater.



DIRETORIA AGROTÉCNICA

O que acontece em maio

* De 6 a 10 - Treinamento para filhos e filhas de associados da Cotrijuí. Local: CTC

* Dia 15 - Reunião com a Comissão Regional de Produtores de Alho e Cebola. Local: Afucotri de Ijuí. Assunto: Lavoura para semente; problemas de comercialização e qualidade no recebimento dos produtos.

* Dias 15, 16 e 17 - Curso para produtores sobre Gado Leiteiro, Manejo, Sanidade e Alimentação. Local: CTC

* Dia 16 - Reunião sobre Erva-Mate. Local: Afucotri de Coronel Bicaco

* De 20 a 24 - Treinamento para filhos e filhas de associados de Ijuí. Local: CTC

* Dias 22 e 23 - Curso para os profissionais da área técnica da Cotrijuí de atualização do milho. Local: CTC. Assunto: Técnicas atuais para a produção de milho

* Dias 28 e 29 - Curso para os profissionais da área técnica da Cotrijuí sobre conservação de solos. Local: CTC. Tema: Exploração do Solo em Bacias Hidrográficas. Participação: Professores da UFRGS, Secretaria da Agricultura do Estado e da Embrapa de Passo Fundo.

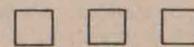
* Dia 29 - Treinamento para extensionistas. Local: CTC. Assunto: Nutrição Animal em Gado de Leite. Participação: Professor Cláudio Escosteguy, da Unijuí.

* Dia 30 - Início da VII Semana do Meio Ambiente, promovida pela Prefeitura de Tenente Portela. A VII Semana de Meio Ambiente se estende até o dia 5 de junho.



REMATE EM IJUÍ

A XVIII Feira do Terneiro de Outono, VIII Feira da Terneira de Outono e VII Feira da Vaquilhona de Outono. Estes três eventos programados pelo Sindicato Rural Patronal de Ijuí, se realizam de 15 a 17 de maio ao Parque de Exposições Assis Brasil de Ijuí. A programação inicia no dia 15 com a entrada dos animais. No dia 16 acontece o remate marcado para as 14 horas e dia 17 safda dos animais.



Feiras & Exposições

3ª EXPOFEIRA

Pejuçara realiza no período de 11 a 19 de maio próximo, a sua 3ª Expofeira integrando as festividades relativas aos 25 anos de emancipação do município. A Expofeira acontece no Parque de Exposições, numa promoção da Prefeitura Municipal. O Parque ocupa 5 hectares de área, totalmente planejada para um grande evento e onde se encontram pavilhões para exposições de animais, artesanato, o Centro Administrativo, uma Casa/Restaurante típica italiana, anfiteatro, parque de rodeios, boxes externos, estacionamento.



Negócios

TERRENO

* Troca-se um terreno por soja, localizado no Bairro das Palmeiras, em Ijuí. Tratar pelo telefone (055) 332-3361.

TOURO

* Vende-se um touro mineiro de quatro anos. Tratar com Nerci Perkoski na Linha 4 Oeste, interior de Ijuí.

TERRA

* Vende-se área de 6,25 hectares de terra localizada em Barro Preto, Ajuricaba. Pagamento em soja, no valor de 250 sacos de hectare. Tratar com Adão C. Quadros de Castro pelo telefone 384-1241, em horário comercial.

VACAS

* Vende-se três vacas Jersey-PC; três vacas holandesas e uma chocadeira Mibo. Interessados poderão ligar para (055) 332-1282.

TOURO

* Vendo um touro Nelore, idade quatro anos. Tratar com Elmo Müller ou com Albino Bönnann, na Linha 4 Oeste, interior de Ijuí.

TOURO

* Vende-se ou troca-se um touro charolês por gado de engorde. Peso do touro: 450 quilos. Interessados poderão entrar em contato com Sirleneu Pavani, no Barreiro, interior de Ijuí.

TERRA

* Vende-se 16,4 hectares de terra para agricultura, 100 por cento mecanizável, localizada a dois quilômetros da cidade de Ijuí. Aceita-se caminhão, automóvel, soja, terreno no negócio. Também estudam-se outras condições de pagamento. Interessados deverão tratar com Alcio na Cotrijuí ou com Valdemar pelo telefone (055) 332-2174.

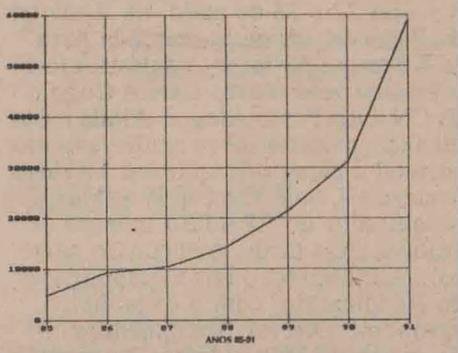
Crescimento transparente

Com muito ainda para ser feito, principalmente em relação a manejo, a piscicultura da região cresce de forma significativa, se traduzindo nos resultados de propriedades onde o peixe ganha a atenção merecida

A produção total de peixes pela Cotrijuí Pioneira, como resultado da abertura dos açudes na Semana Santa beirou a 60 toneladas. Um número, sem dúvida, muito significativo se forem levadas em conta as somas de anos anteriores e a rapidez da curva crescente de produção na área de atuação da Cooperativa. A explicação para este número também é muito clara, bastando se observar a expansão que a piscicultura vem conseguindo, seja através do aumento de produtores que ingressaram na atividade ou pela elevação dos rendimentos em alguns açudes já existentes.

Ao que tudo indica, o crescimento da atividade se dá principalmente pelas razões citadas em primeiro plano, o que leva o supervisor da área de piscicultura e responsável pela estação de piscicultura do CTC, Altamir Antonini, a comemorar os níveis da produção atual, não sem lembrar que "somente pela construção dos açudes a atividade não deslanchará". Como

QUADRO EVOLUTIVO DO RECEBIMENTO E COMERCIALIZAÇÃO DE PEIXES NO PERÍODO DE 1985 A 1991



já vem reafirmando há um bom tempo, o técnico adverte sobre a necessidade de se usar toda a tecnologia possível, isto é, nos cuidados fundamentais que a piscicultura, como qualquer outra atividade que priorize o retorno econômico, merece.

O fornecimento de água escasso que provoca o estressamento nos peixes, por exemplo, é um dos casos mais corriqueiros apontados pelo Altamir. Mas ele cita ainda, e aí já destacando a incorreção do manejo, a constante entrada de predadores em muitos açudes. Esses aspectos, se não forem considerados pelo produtor, certamente atingiram em cheio a produção. Uma das consequências mais importantes é o desaparecimento dos alevinos colocados no açude, fato que,

meses mais tarde, não é contabilizado pelo produtor, o qual geralmente se frustra ao descobrir que a sua produção está muito distante da quantidade inicial de alevinos. Ainda pior: se ele se dá conta da predação dos alevinos, precisa investir mais um pouco na aquisição de um novo lote, se por acaso existir oferta. "A procura por alevinos é muito grande e a estação do CTC não consegue suprir a demanda, especialmente se ela não é programada", ressalta o Altamir.

Quem sabe disso e dispensa todos os cuidados que a piscicultura exige, tem realmente colhido excelentes resultados. Há produtores, exemplifica Altamir, que não mediram esforços para fornecer um trato de grande qualidade alimentar. Apesar de apa-

rentemente ser caro - o exemplo citado por Altamir inclui 100 sacos de milho, 100 sacos de trigo, 70 sacos de aveia e 60 caixas de mandioca - a produção, durante três meses, foi compensada pelo lucro de 10 hectares de açude esse produtor recebe 6 toneladas de peixe, além de minar junto com os peixes mais de 200 suínos.

Baseado nesses resultados, a tecnologia dispensada, Altamir cita ainda que, a cada resultado, responde um tipo de tratamento. Por isso, o produtor que está retirando dois mil quilos de peixe por hectare, se dá por satisfeito, já que a produção preconizada pela Cooperativa baseado em adubação orgânica e suplementação alimentar não é a disponível pela propriedade. Ele vê o mínimo de custos possíveis. Além disso, enfatiza o técnico, é importante que passar de 300 quilos de peixe para duas toneladas ao ano é um salto de produtividade. Fazer isso fora das possibilidades próprias significa aprender mais a investir. "Crescer com os pés no chão é a melhor receita", finaliza o técnico, lembrando que nada adianta passar de 500 quilos para oito toneladas se no final não sobrar dinheiro. Além disso, nenhum crescimento pode ser dissociado da realidade do mercado.

Atenção merecida

Crescendo em todo o Estado, visto a grande procura de alevinos das mais diversas regiões na estação do CTC, a piscicultura é alvo de preocupação também de prefeituras e outros órgãos que atuam em conjunto com a Cotrijuí. Em Chiapetta, por exemplo, o programa do setor, para a construção de açudes é coordenado pela Emater, a qual já tem previsto em seu cronograma mais de 200 açudes para este ano. A decisão dos produtores é comentada pelo engenheiro agrônomo da Emater, Adão Quadros Castro e também pelo engenheiro agrônomo Ademar Rosso e o técnico agrícola Joseni Rigon da unidade da Cotrijuí em Chiapetta, como um reconhecimento por parte do agricultor da lucratividade obtida pela piscicultura.

Eles destacam, no entanto, a baixa margem de exploração racional dos 113 açudes existentes, embora já se conte com um percentual de produtores que possuem médias de produtividade boas. Com 854 quilos registradas pela abertura no período da Páscoa, os técnicos da unidade de Chiapetta estimam que a produção do próximo ano deva ficar perto das 10 toneladas. Claro que para isso, apostam num maior envolvimento do produtor com a atividade, de forma a superar os muitos problemas de manejo e aproveitamento melhor dos tratos existentes na propriedade.

Do grupo de produtores que tem contribuído para o aumento da produção em Chiapetta, Alcides Guarda Lara, da localidade São Judas, tem o seu lugar marcado. Ele é proprietário de apenas 50 hectares onde trabalha junto com o irmão, e conta com um vasto açude de dois hectares de fazer inveja não somente a um japonês, mas a muitos produtores que ainda não descobriram o seu próprio potencial. Cerca-

do por sanga, o açude de Guarda Lara não enfrenta problema de oxigenação mesmo em épocas de estiagem como a que se vive nos últimos meses.

Implantado sobre uma antiga área de banhado impraticável para a agricultura, o açude recebeu toda a correção necessária em 1988, e logo em seguida, cinco mil alevinos na maioria de carpa húngara. Junto ao açude também foi construído uma canaleta para levar todo o esterco do pequeno chiqueiro de porcos. De alimento, como recomenda o sistema semi-intensivo, tudo o que restava de impureza de culturas na propriedade.

Como resultado desse trato, Guarda Lara tirou, no ano passado, cinco mil quilos de peixes, um resultado surpreendente, segundo o produtor, que a partir desse feito passou a ver a piscicultura como uma segunda safra, "de pouco investimento e ainda com um bom lucro, se comparado a uma lavoura de soja de 42 hectares no ano passado". Atualmente, contando com quase todas as espécies distribuídas pelo CTC, Guarda Lara já pensa em preparar um pequeno açude onde serão colocados os peixes em crescimento, que vão ser retirados na próxima Páscoa. Para essa época, o produtor já estima retirar umas seis toneladas, pois já conta com peixes pesando ao redor de um quilo.

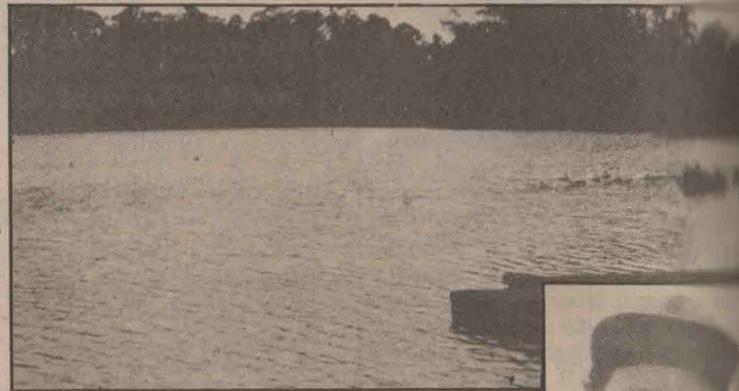


José Pettenon



Geraldo Megler

O açude de Guarda Lara. Dois hectares de água protegido ambientalmente.



CRÊSCIMENTO - Em Ajuricaba o crescimento da piscicultura acontece de forma sincronizada; tanto pelo número de açudes como pelo manejo dispensado pelos produtores. Pelo menos é o que afirmam os técnicos da unidade da Cotrijuí, que estimam um crescimento na produção ao redor de cem por cento ao ano. Para isso, contribuiu em muito a produção alcançada por produtores como José e Dilar Pettenon, pai e filho, que trabalham numa área de 115 hectares na Linha 23. Cada um dos produtores possui dois açudes, sendo o menor destinado a criação dos alevinos. Como alimento, os peixes recebem o esterco e as sobras culturais da propriedade, um trato que permitiu na última abertura dos açudes, a retirada de 500 quilos para o filho e de mais de 700 quilos para o pai.

Satisfeitos com estes resultados momentâneos, os Pettenon não deixam de destacar o valor da piscicultura, como atividade que somente sai caro no início, pois o peixe só come restos. Isso não significa que o peixe não mereça atenção, advertem os produtores. "Se for só atirado no açude, o bicho não cresce", diz o seu José. O filho, Dilar, completa a idéia do pai ao lembrar que ele próprio poderia ter uma produção maior, caso tivesse evitado a superpopulação de alevinos em anos anteriores.

Ao contrário do filho que não

conta com fornecimento de água abundantemente, seu José já estuda a abertura de mais um açude, numa balsa própria para a plantação. Enquanto o projeto não sai da cabeça, ele faz o melhor que pode pelos açudes já existentes. Planta capim e, faz taipa de pedra, esperando que, com esses cuidados chegar aos melhores resultados no próximo ano. "Tratado na maneira certa, o peixe dá melhor do que qualquer produto", assegura o velho Pettenon.

FALTA D'ÁGUA - Do plano de manter um açude somente com o gasto, Antonio Megier, proprietário da Linha Base Norte, Ijuí, passou recentemente para a piscicultura de finalidade comercial. Com três açudes na propriedade, cuidados por ele e o filho, Geraldo, Megier obteve na Páscoa 10 e 200 quilos através da abertura de dois deles. Para atingir esta produção os Megier até investiram em uma bomba d'água que liga o açude ao rio Paribu e evita, dessa forma, problemas de oxigenação aos peixes. Tudo isso, compensa, diz Geraldo, se referindo ao trato e o gasto com a bomba e principalmente do combustível do trato. Além de possibilitar a criação dos peixes, "o peixe trouxe um dinheiro relevante para a gente se defender até a próxima safra".

Cotrisol

SUPLEMENTO INFANTIL — ELABORADO NA ESCOLA DE 1º GRAU
FRANCISCO DE ASSIS — FIDENE/UNIJUI

Elaboração: Irene Lorenzoni
Montagem: Z Comunicação

Nós, os bichos e o meio ambiente

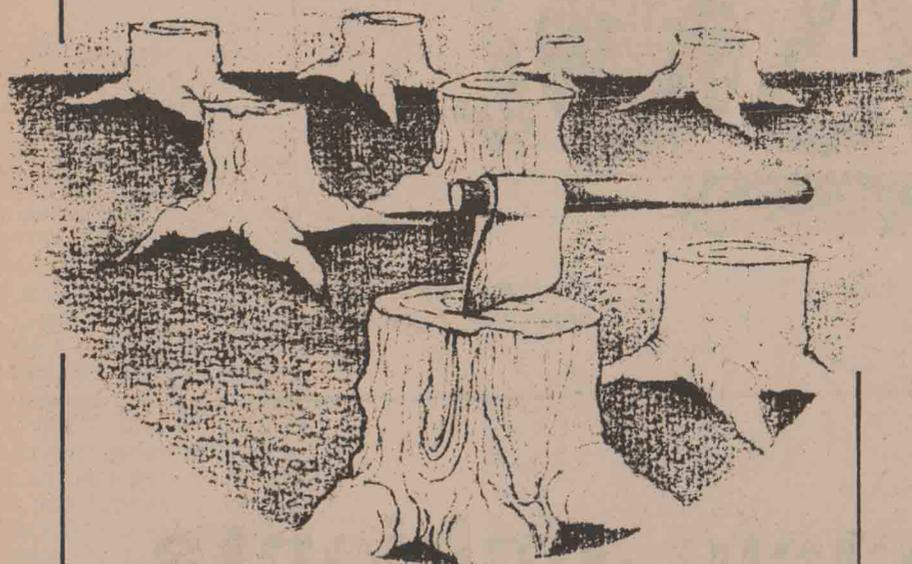


Alerta!

As crianças estão
de olho na
destruição

**E mais: Brincadeiras
Versinhos Cruzadinhas**

As crianças estão de olho na destruição



As crianças sabem que desmatar é ruim para todo mundo. Elas se entristecem vendo árvores arrancadas, cortadas ou quebradas. Sabem que é preciso continuar replantando todas as árvores nativas que forem derrubadas, como goiabeiras, cerejeiras, araçás, ariticuns, jabuticabeiras, e outras. As crianças demonstram sua preocupação com a natureza, através dos textos que produziram:

A Natureza

"A natureza hoje em dia está sendo destruída pelos lenhadores. Tem lugares que já não existem mais animais bonitos, tem uns que estão em extinção.

Nome: Renata Ratz
4ª série
São Pedro - Santo Augusto

O meio ambiente

O meio ambiente está sendo agredido, muitos homens destruindo a natureza e poluindo o ar e tudo o que existe no planeta.
- Amiguinho, colabore comigo, vamos plantar árvores por esse mundo afora e pedir para os homens pararem de passar veneno, para não poluirmos o nosso meio ambiente.

Marcos Alfredo Heberle
3ª série
Augusto Pestana

Meio ambiente

O meio ambiente são as árvores, o céu, os animais, as estrelas e o sol. Não é para cortar árvores. A água é boa para a gente tomar. Eu ajudo o meio ambiente. Nós não devemos poluir o ar. Os carros estão poluindo o ar. As indústrias também.

Ezequiel de Brito da Silva - 08 anos

A Floresta

Era uma floresta que tinha muitos animais.
A floresta era muito bonita, havia árvores enormes, animais perigosos, mansos, pequenos, grandes. Vários tipos de aves e animais bonitos.
A floresta é importante para nós. Se não existissem árvores, as pessoas e animais morreriam. É bom plantar mais árvores.

Márcio Alan Wolf
3ª série

Meio ambiente

A água serve para matar a sede dos animais. Eles bebem água no rio e as pessoas também bebem água no rio.
Por isso não devemos colocar veneno e sujeira nos rios.
Não botar lixo nos rios.

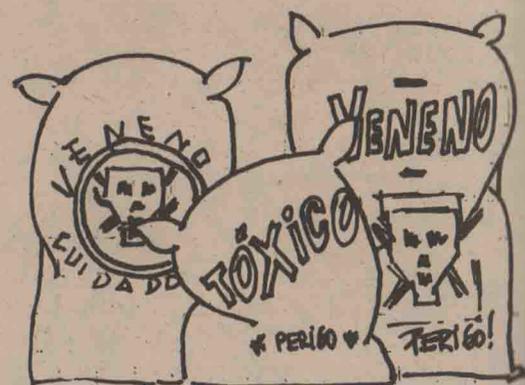
Nome: Lucas Juliano da Silva - 12 anos

O meio ambiente

O meio ambiente é muito importante para nós. Se não preservarmos o meio ambiente, daqui a alguns anos não teremos árvores.
O meio ambiente é a coisa mais importante da nossa vida. Porque sem ele nós não poderíamos viver. A natureza nos dá o ar puro, alimento, água e a lenha. Nós não estamos cuidando do meio ambiente. Nós estamos destruindo a natureza e estamos queimando o solo.
Precisamos cuidar do meio ambiente para continuar a viver.

Valdir Hüller - 9 anos

Os venenos



Inseticidas e herbicidas são produtos químicos usados na agricultura moderna.

Antigamente estes produtos não eram utilizados, porque os agricultores praticavam a policultura e não havia tantas pragas na lavoura. Mas hoje, devido as grandes áreas plantadas, são usados inseticidas para matar e combater as pragas e inços que atingem as plantações. Há agricultores que usam inseticidas sem a devida orientação e com isso prejudicam o meio ambiente, os animais e até o próprio homem, porque contaminam os alimentos.

Marlize Beatriz Dallabrida
4ª série
Ajuricaba

O fim da natureza

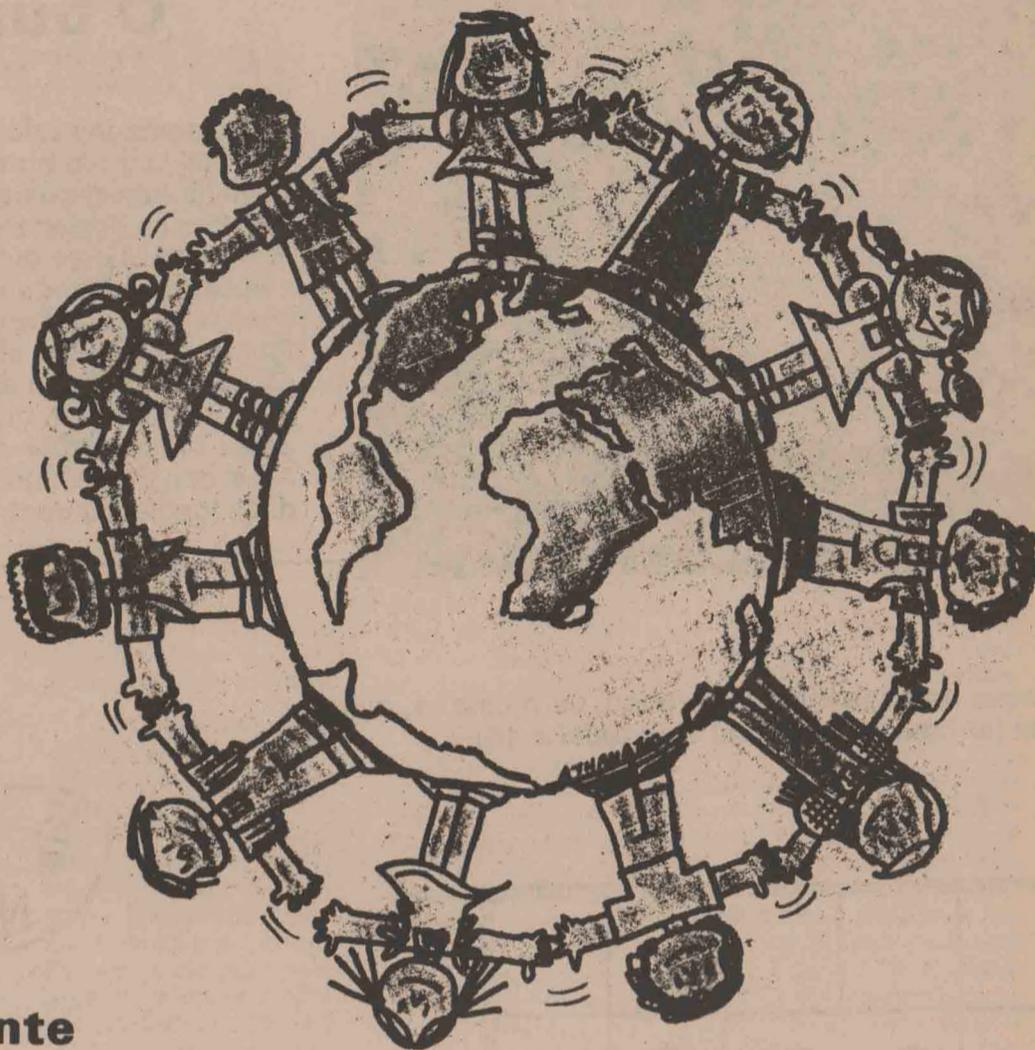
Acreditamos que estamos no fim da natureza. Afirmando isso, não queremos dizer que é o fim do mundo. A chuva continuará a cair, o sol continuará a brilhar.

Mudanças concretas estão ocorrendo ao nosso redor, mudanças que os cientistas são capazes de medir. Muitas plantas e animais estão sendo extintos. É cedo ainda para dizer exatamente quanto mais forte o vento irá soprar, quanto mais quente a Terra poderá ficar. Isso fica para o futuro.

A natureza não sobreviverá a tanta poluição. Os gases poluentes na atmosfera (dióxido de carbono, metano, ozônio, clorofluorcarbonos e óxido nítrico) estão provocando o "efeito estufa". O mais assustador na nova natureza que o homem está construindo, é sua imprevisibilidade, pois o aquecimento da Terra provocado pelo efeito estufa acaba com a regularidade do mundo natural.

Crianças! Vamos pensar naquilo que podemos mudar, para não acabar com a natureza. Como vamos nos ajustar melhor com a tecnologia? Como vamos nos ajustar mentalmente para não querer somente o lucro sempre à frente de tudo e de todos?

Este é um dos caminhos, mas é fiapo de esperança num mundo vivo e significativo. Precisamos fazer alguma coisa.



Nós, os bichos e o meio ambiente

Quem mora na cidade sabe que não vai ver macacos, tatus, onças, tamanduás pela rua. Mas quem sabe das coisas sabe muito bem que esses - e muitos outros animais - devem existir para manter equilibrado o meio ambiente, isto é, preservá-lo.

Quem não sabe o que quer dizer preservar o meio ambiente vai ficar, agora, sabendo que a vida do homem depende basicamente de três coisas: ar, água, terra. São elas o meio ambiente. Ou seja, se o ar estiver poluído, a água contaminada e a terra, que fornece o alimento, envenenada, a vida do homem será muito curta. Pois é aí que entram esses e outros bichos, cuja vida deve ser respeitada. Cada animal tem uma função importante de equilíbrio na natureza. Assim, por exemplo, o inseto que devora as plantações é alimento do pássaro que facilita a fertilidade das plantas.

Se a situação piorar, dentro em breve não haverá mais macacos, tatus, jaguatiricas, tamanduás, lagartos, avestruzes, etc...

Eles correm o risco de desaparecer, pois as matas (onde moram) estão sumindo, os rios (onde bebem) estão sujos e o ar fica pesado demais para eles respirarem. E depois deles...



A TERRA AMADA IDOLATRADA, SALVEM, SALVEM

Terra adorada, dentre outros mil,
és tu planeta a Terra amada
Dos filhos deste sol
és mãe gentil
Terra amada sorriu!

Francisco Milanez

Na roça também se

brinca

A natureza oferece a você, que mora no meio rural, duas coisas importantes: o espaço e os elementos. Aí, não existe quintal ou muro que limite você, nem vizinho que prenda sua bola. Aí, tudo é seu. Os elementos: o elemento água, o elemento terra, o elemento fogo, enfim, toda a natureza está presente, real e farta.

Só o contato direto com a natureza nos dá a dimensão deste mistério que é a vida.

Aí, você inventa o seu brinquedo, nada vem pronto. Sai cada carrinho de sabugo que dá gosto! Também tem bonecas de palha de milho, muito mais humanas do que as de plástico.

Escreva para o Cotrisol, contando como você constrói seus brinquedos.



O buraco do veneno

Numa sexta-feira do mês de junho nós fomos a um buraco que os homens fizeram para colocar vasilhames de veneno ou latas. Eles fizeram este buraco para não colocarem o lixo no rio ou na lagoa, porque senão os peixes poderiam morrer e os outros animais também. Os homens fizeram este buraco com pedras grossas, e depois botaram pedra britada, quer dizer, pedras finas, depois calcário, mais ou menos duas toneladas dentro do buraco.

E depois eles espalharam bem aquilo que tinha dentro do buraco. Os homens botaram cerca ao redor, para os animais não caírem dentro. E depois que ficar cheio, eles vão fechar o buraco com um pouco de terra. Eles vão fechar o buraco por causa do cheiro.

Cheila Cristina Müller
2ª série

Coloque nos espaços em branco, os números, cuja soma horizontal e vertical seja igual a 15.

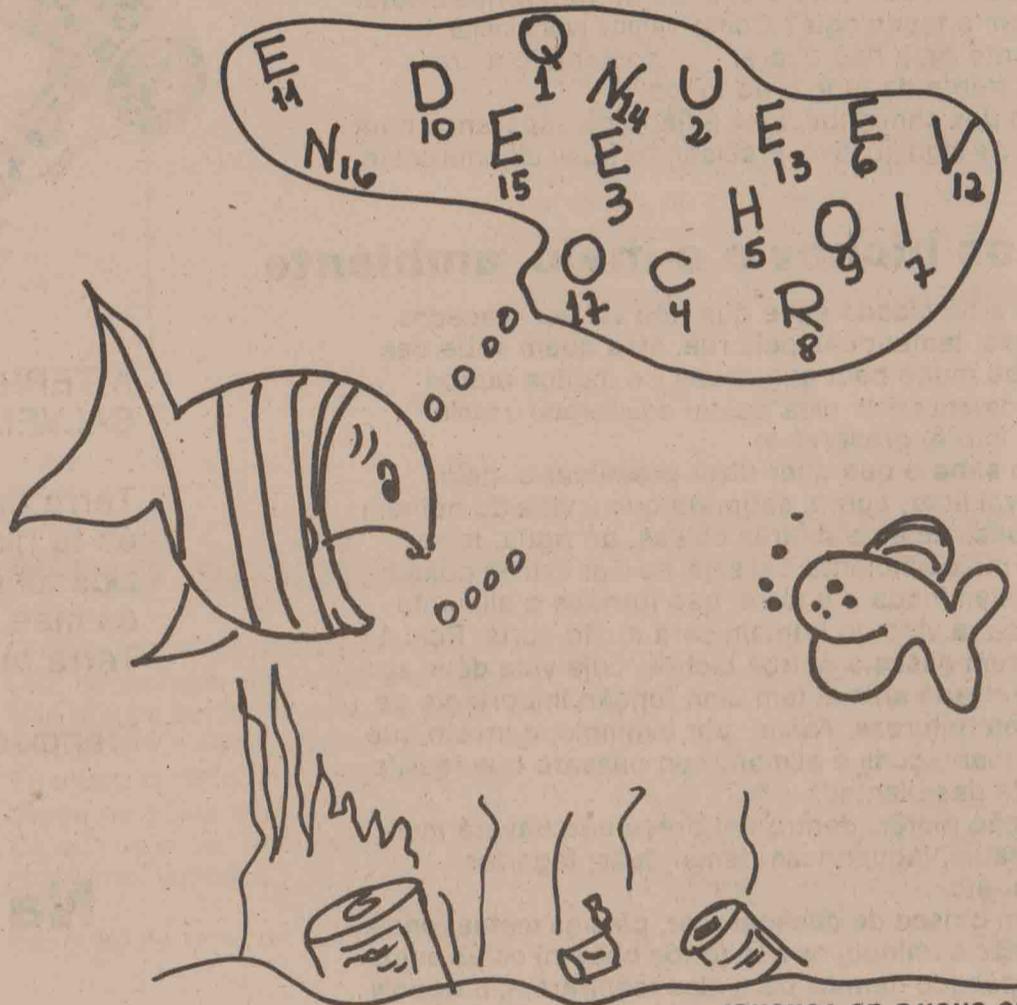
	2	3	3	
	3	3	3	
	3	3	2	

COLOQUE NOS ESPAÇOS EM BRANCO, OS NÚMEROS, CUJA SOMA HORIZONTAL E VERTICAL SEJA IGUAL A 15.

4	3	3	3	3
3	3	3	3	3
4	3	3	3	3
3	3	3	3	3
3	3	3	3	3

SOLUÇÃO:

Siga os números e descubra o que o peixe está pensando.



R: Que cheiro de veneno.

Recado para você em código. Vamos decifrá-lo.

▬ ○ ∩ □ □ ⊕ ⊙ ⊕ △ ⊙

▬ ○ ∩ ⊕ ∩ ○ ∇ ⊙ ○ ⊕ △ ⊙ ⊙ ⊙ ⊙

* ▣ ▣ ▣ ⊕ ⊙ ⊙ □ ▣ ▣ △ ○ ∩ ⊙ ▣ ⊙ ⊙

A = ○ L = ▣
I = □ M = ⊕
E = ∩ N = ⊕
O = △ P = ▣
C = □ R = ○
U = * S = ⊙
F = ⊕ T = ▣
V = ▽

"Precisamos preservar nossas últimas florestas".